

Intervenção Urbana na Vila de Apúlia

Reabilitação Arquitetónica do Pérola do Atlântico

Daniela Alexandra Pereira da Costa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor João Paulo Fialho de Almeida Pereira Delgado

junho de 2022

“Impressiona a dimensão dos patrimónios devastados ao longo dos tempos, quase sem dar por isso, dando lugar a ruínas silenciosas, sem que vozes se ergam conseqüentemente em sua defesa, sem que estudos perscrutadores se questionem sobre o que essas obras “eram”, que vida tiveram, que artistas lá trabalharam, que gente andou envolvida nessas paredes, que dramas, glórias e misérias se encerram nesses espaço devastados. São retratos que arrepiam, alguns deles belíssimos como obras de valência estética, mas que sobrevivem cobertos de lixo, de musgo e de silêncio, edifícios varridos pelo vento e maculados pelo desmazelo, aguardando a morte.”

Gastão de Brito e Silva, *Portugal em Ruínas*

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor João Paulo Delgado, estou sinceramente grata pela orientação, pelo apoio e por todas sugestões e conhecimento partilhado, que foram indispensáveis para a conclusão desta dissertação. Agradeço também pelos conselhos pessoais e profissionais transmitidos ao longo deste percurso.

À Câmara Municipal de Esposende, pela disponibilidade e pelo o fornecimento de toda a informação necessária para o desenvolvimento desta dissertação.

À Biblioteca Municipal de Esposende pela facilidade de acesso e pelo apoio para encontrar o material bibliográfico mais relevante.

Aos meus pais e irmão, estou especialmente agradecida pelo suporte, motivação e paciência.

Finalmente, expresso a minha gratidão ao Tiago Lima e aos meus amigos, pela amizade, pelos bons momentos e por serem um importante pilar em todo o processo académico.

Resumo

A Vila de Apúlia, localizada sobre a antiga plataforma marítima do Minho Litoral, no concelho de Esposende, preserva o seu imenso carácter cultural ligado à atividade piscatória e assume-se como protagonista do desenvolvimento turístico local. Devido a este fator, que está associado à intensa procura balnear, a vila tem sofrido modificações que se refletem na paisagem e na estrutura urbana.

Os aglomerados urbanos sofrem transformações que resultam de atos humanos simples ou complexos, individuais ou coletivos, que, influenciados por elementos naturais, culturais e estruturas políticas, determinam formas de ocupação e evolução do espaço urbano. Deve ser compreendido, assim, que todo o espaço urbano se transforma com o decorrer do tempo devido ao fenómeno de adaptação às necessidades da população.

Na arquitetura, a reabilitação de edifícios abandonados tornou-se fundamental a nível de interesse arquitetónico, cultural e histórico para a comunidade, funcionando como um instrumento que preserva o passado e constrói o futuro.

Esta dissertação tem como objetivo a reabilitação de um edifício situado no centro da Apúlia e o estudo das transformações urbanas de forma a recuperar a memória e as tradições do local, recriando a ligação outrora existente entre o mar e o tecido urbano. Este edifício permite fazer uma abordagem histórica do local e uma análise da importância da sua reabilitação, consoante os problemas e as necessidades, criando assim uma solução para lhe dar uma nova funcionalidade.

De acordo com o carácter cultural e turístico, é fundamental reinserir a imagem arquitetónica, propondo um programa de um estaleiro de reparações e manutenção de embarcações de pesca da Apúlia e um museu de exposições permanentes e temporárias, integrando também um espaço interpretativo de forma a dar a conhecer a memória histórica, cultural e social da Vila, não só visualmente mas também vivenciar essa tradição cultural.

Palavras-chave

Arquitetura; Intervenção Urbana; Reabilitação; Apúlia; Pérola do Atlântico

Abstract

The village of Apúlia, located on the ancient maritime platform of Minho Litoral, in the municipality of Esposende, preserves an immense cultural character linked to the fishing activity and stands as a protagonist of the local tourist development. Due to this factor, which is associated with the intense demand for bathing, the village has undergone changes that reflect on the landscape and urban structure.

Urban agglomeration experiences transformations that result from simple or complex, individual or collective human acts, which, influenced by natural and cultural elements and political structures, determine forms of occupation and the evolution of the urban space. It should be understood, therefore, that all urban space is transformed over time due to the phenomenon of adaptation to the population's needs.

In architecture, the rehabilitation of abandoned buildings has become fundamental in terms of architectural, cultural and historical interest for the community, acting as means of preserving the past and building the future.

This dissertation aims to rehabilitate a building located in the centre of Apúlia and study urban transformation to recover the memory and the traditions of the place, recreating the once existing connection between the sea and the urban fabric. This building allows a historical approach to the site and an analysis of the importance of its rehabilitation, depending on the problems and needs, thus creating a solution to give it new functionality.

Attending to the cultural and touristic character, it is fundamental to reinsert the architectonic image, proposing a programme for a repair and maintenance yard for Apúlia's fishing boats and a museum with permanent and temporary exhibitions, also integrating an interpretative space to disseminate the historical, cultural and social memory of the village, not only visually but also to experience this cultural tradition.

Keywords

Architecture; Urban Intervention; Rehabilitation; Apúlia; Pérola do Atlântico

Índice

1. Introdução.....	1
1.1.Justificação da problemática.....	1
1.2.Objetivos e Metodologia.....	1
2. Urbanismo - Vazios na cidade e paisagem urbana recortada.....	3
3. Vila de Apúlia.....	6
3.1.Localização.....	6
3.2.Enquadramento histórico.....	9
3.2.1.O património.....	9
3.2.2.Atividade piscatória.....	11
3.2.3.Turismo.....	16
3.3.Arquitetura na Vila de Apúlia.....	18
3.3.1.Território.....	18
3.3.2.Arquitetura Rural - Moinhos de Vento.....	21
3.3.3.Arquitetura Rural - Abrigos na Praia.....	23
3.3.4.Residência Secundária.....	26
3.3.5.Transformação da forma urbana.....	30
4. Cartas e Graus de Intervenção do Conceito “Reabilitar”.....	34
4.1.Cartas.....	34
4.2.Graus Intervenção.....	37
5. Casos de Estudo.....	39
5.1.Templo Romano de Diana, Sánchez García.....	40
5.2.Deutsches Architekturmuseum (DAM), Oswald Mathias Ungers	44
5.3.Centro Sócio-Cultural da Costa Nova, ARX Portugal.....	47
6. Proposta.....	50
6.1.Contextualização.....	50
6.2.Análise do Estado Atual.....	54
6.3.Programa.....	60
6.4.Intervenção arquitetónica	68
7. Considerações finais.....	75
Bibliografia.....	77
Índice de Painéis	81

Lista de Figuras

Figura 1 - Vista panorâmica 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 2 - Vista panorâmica 2022

[Fonte: Fotografia da autora, 2021]

Figura 3 - Mapa de localização da Vila de Apúlia

[Fonte: https://earth.google.com/web/search/Ap%C3%BAlia/@41.48410905,-8.76413715,12.05357672a,8707.62768108d,35y,274.128132h,45t,0r/data=CigiJgokCbz0BPogxkRAEfYHHhz7xURAGUd7UktOBiHAIVym_mClByHA]

Figura 4 - Casa dos Saraivas

[Fonte: NEIVA, Manuel Albino Penteado - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000]

Figura 5 - Pérola do Atlântico

[Fonte: Câmara Municipal de Esposende]

Figura 6 - A Apanha do Sargaço, 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 7 - Sargaceiro a estender o sargaço, 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 8 - Pesca do pilado, 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 9 - Cestos com pilado, 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 10 - O Lavrador-sargaceiro, 1962

[Fonte: MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018]

Figura 11 - O Lavrador-sargaceiro, 1962

[Fonte: MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018]

Figura 12 - Família de Férias, 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 13 - Época Balnear

[Fonte: <https://esposende.wordpress.com/category/postais-ilustrados/>]

Figura 14 - Rua do Cónego, 1962

[Fonte: MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018]

Figura 15 - Rua do Cónego, 2022

[Fonte: Fotografia da autora, 2022]

Figura 16 - Estrada Nacional 13, 1962

[Fonte: MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018]

Figura 17 - Estrada Nacional 13, 2022

[Fonte: Fotografia da autora, 2022]

Figura 18 - Moinhos de Vento, 1966

[Fonte: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-sargaceiro-da-apulia/>]

Figura 19 - Moinhos de Vento, 2021

[Fonte: <https://www.impulsiveaddiction.com/visitar-esposende-litoral-norte/>]

Figura 20 - Vista Aérea dos Barracos

[Fonte: https://earth.google.com/web/search/Ap%c3%balia/@41.48410905,-8.76413715,12.05357672a,8707.62768108d,35y,274.128132h,45t,0r/data=CigiJgokCbz0BPogxkRAEfYHHhz7xURAGUd7UktOBiHAIVym_mCIByHA]

Figura 21 - Vista Aérea dos Barracos

[Fonte: https://earth.google.com/web/search/Ap%c3%balia/@41.48410905,-8.76413715,12.05357672a,8707.62768108d,35y,274.128132h,45t,0r/data=CigiJgokCbz0BPogxkRAEfYHHhz7xURAGUd7UktOBiHAIVym_mCIByHA]

Figura 22 - Barracos de Planta Arredondada e Rectilínea, 1962

[Fonte: AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004]

Figura 23 - Barraco de Planta Rectilínea, 1962

[Fonte: MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018]

Figura 24 - Barraco de Planta Arredondada, 1962

[Fonte: MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018]

Figura 25 - Casa da Tôrre (edifício mais à esquerda), 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 26 - Casa do Cónego, 1937

[Fonte: TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008]

Figura 27 - Abrigos dos pescadores reabilitados para habitações secundárias

[Fonte: <http://territorioxxi.pt/portfolio/caracterizacao-da-paisagem-do-sic-serra-darga-4-3-2/>]

Figura 28 - Abrigos dos pescadores reabilitados para habitações secundárias

[Fonte: <https://lugar-pedrinhas.blogspot.com/2014/01/os-barcos-de-pedra-grubehus-pedrinhas-e.html>]

Figura 29 - Planta de situação do edificado na Vila de Apúlia, 1950

[Fonte: CORREIA, David Alexandre Leitão - Apúlia, Processo de Transformação Morfológica numa Frente Marítima, Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo. Escola Superior Gallaecia, 2013]

Figura 30 - Planta de situação do edificado na Vila de Apúlia, 2003

[Fonte: CORREIA, David Alexandre Leitão - Apúlia, Processo de Transformação Morfológica numa Frente Marítima, Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo. Escola Superior Gallaecia, 2013]

Figura 31 - Templo Romano de Diana antes da intervenção

[Fonte: <http://hicarquitectura.com/2013/07/jose-maria-sanchez-garcia-templo-de-diana/>]

Figura 32 - Templo Romano de Diana depois da intervenção

[Fonte: <http://hicarquitectura.com/2013/07/jose-maria-sanchez-garcia-templo-de-diana/>]

Figura 33 - Esquema evolutivo da planta

[Fonte: <http://hicarquitectura.com/2013/07/jose-maria-sanchez-garcia-templo-de-diana/>]

Figura 34 - Desenhos técnicos da proposta

[Fonte: <http://hicarquitectura.com/2013/07/jose-maria-sanchez-garcia-templo-de-diana/>]

Figura 35 - Museu de Frankfurt

[Fonte: <https://www.grandtourofmodernism.com/sites/details/108/>]

Figura 36 - Maqueta museu Frankfurt, conceito “casa dentro de casa”

[Fonte: <http://archiv.dam-online.de/handle/11153/264-001-522>]

Figura 37 - Desenhos técnicos da proposta

[Fonte: <https://www.bkarchitekten.com/projekte-%C3%B6ffentlich/deutsches-architektur-museum-ffm/>]

Figura 38 - Centro Sócio-Cultural da Costa Nova

[Fonte: <https://arx.pt/projecto/centro-socio-cultural-da-costa-nova/>]

Figura 39 - Centro Sócio-Cultural da Costa Nova

[Fonte: <https://arx.pt/projecto/centro-socio-cultural-da-costa-nova/>]

Figura 40 - Desenhos técnicos da proposta

[Fonte: <https://arx.pt/projecto/centro-socio-cultural-da-costa-nova/>]

Figura 41 - Edifício Pérola do Atlântico localizado na marginal da Vila de Apúlia

[Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/Tourism-g8590171-Apulia_Braga_District_Northern_Portugal-Vacations.html#/media/8590171/330909582:p/?focusedIndex=2]

Figura 42 - Edifício Pérola do Atlântico no século XIX, como palacete

[Fonte: Câmara Municipal de Esposende]

Figura 43 - Edifício Pérola do Atlântico na década de 60 do século XX, como alojamento balnear

[Fonte: Câmara Municipal de Esposende]

Figura 44 - Edifício Pérola do Atlântico, 2021

[Fonte: Fotografia da autora, 2021]

Figura 45 - Fachada do edifício, 2021

[Fonte: Fotografia da autora, 2021]

Figura 46 - Fachada do edifício, 2021

[Fonte: Fotografia da autora, 2021]

Figura 47 - Fachada do edifício, 2021

[Fonte: Fotografia da autora, 2021]

Figura 48 - Torreão do edifício

[Fonte: <https://www.alamyimages.fr/photos-images/manoir-abandonn%C3%A9.html>]

Figura 49 - Mosaico cerâmico figurativo

[Fonte: <https://www.alamyimages.fr/photos-images/manoir-abandonn%C3%A9.html>]

Figura 50 - Mosaico cerâmico figurativo

[Fonte: <https://www.alamyimages.fr/photos-images/manoir-abandonn%C3%A9.html>]

Figura 51 - Plantas do levantamento à escala 1:500

[Fonte: Câmara Municipal de Esposende]

Figura 52 - Alçados do levantamento à escala 1:500

[Fonte: Câmara Municipal de Esposende]

Figura 53 - Esquissos de estudo da proposta

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 54 - Maqueta de estudo da proposta à escala 1:500

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 55 - Desenhos técnicos da proposta à escala 1:1000

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 56 - Desenhos técnicos da proposta à escala 1:1000

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 57 - Plantas de zonas a demolir à escala 1:500

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 58 - Alçados de zonas a demolir à escala 1:500

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 59 - Plantas de zonas acrescentar à escala 1:500

[Fonte: Autora, 2022]

Figura 60 - Alçados de zonas acrescentar à escala 1:500

[Fonte: Autora, 2022]

Lista de Acrónimos

GRP	Gabinete de Relações Públicas
UBI	Universidade da Beira Interior
PDM	Plano Diretor Municipal
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
ONU	Organização das Nações Unidas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
DAM	Deutches Architekturmuseum

1. Introdução

A presente dissertação, desenvolvida para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura na Universidade da Beira Interior, consiste na reabilitação arquitetónica de um edifício pertencente à Vila de Apúlia com o objetivo de intervir na imagem urbana do local.

Como nota introdutória, é necessário compreender que, o urbanismo tem como fim, estudar, organizar e intervir no espaço urbano de forma prática. Sendo que, o conceito da morfologia urbana reflete no espaço, as intenções da sociedade, o seu contexto histórico, social e a envolvimento que intervém na construção da cidade.

A residência secundária foi um fenómeno que o urbanismo sofreu e em Portugal teve maior impacto na área litoral, este fenómeno assume um papel que revela implicações ao nível de ordenamento, causando assim diferentes espaços urbanos e alteração na paisagem rural.

1.1. Justificação da problemática

Sendo o património um dos pilares da identidade cultural, é fundamental intervir em prol da sua preservação.

As várias circunstâncias como a mudança do uso, às agressões do espaço envolvente e o fenómeno das residências secundárias, foram aspetos que contribuíram para as pressões urbanísticas da Vila de Apúlia e para a degradação do edifício em estudo.

Esta construção tornou-se um elemento “dinamizador de paisagem e de sítio”, por isso, recuperar a memória e as tradições é importante para reinserir a imagem do local, de forma a recuperar a ligação outrora existente entre a Vila e o edifício, e entre o mar e o tecido urbano.

Duas questões surgiram para definir a dimensão da dissertação, com o objetivo final de dar resposta à problemática. As duas questões em causa são as seguintes:

De que forma podemos intervir de modo a recuperar a história e as tradições do lugar?

Como podemos evidenciar a ligação entre a costa marítima e o tecido urbano?

1.2. Objetivos e metodologia

Para responder a estas questões, a dissertação foi dividida em duas partes, a parte de contexto teórica e a segunda parte de componente prático.

A parte de contexto teórico é desenvolvido em quatro partes, primeiramente foi desenvolvido um estudo em relação ao urbanismo do território da Vila de Apúlia, de forma a compreender as alterações sofridas ao longo dos tempos e a transformação do espaço

urbano. De seguida, foi elaborado um estudo relativamente à história, às tradições e à arquitetura do local. Após esta contextualização, é importante conhecer e compreender as diversas Cartas e Graus de Intervenção relacionados com a intervenção do património e que estão ligados à Reabilitação e ao Urbanismo. Por fim, a última parte do contexto teórico é uma análise de vários casos de estudo, que auxiliam como referências para o desenvolvimento da proposta da parte prática.

A segunda parte desta dissertação, é elaborada primeiramente uma contextualização do edifício “Pérola do Atlântico”, dando a conhecer a sua história e identificando os problemas existentes. Em seguida é descrito o programa da proposta de projeto de reabilitação, justificando a sua problemática e de que forma será resolvida.

Para finalizar esta segunda parte da dissertação são apresentados desenhos técnicos, esboços e outras componentes que complementam o desenvolvimento e compreensão do projeto, como pormenores construtivos e maquete.

2. Urbanismo - Vazios na cidade e paisagem urbana recortada

Os aglomerados urbanos sofrem alterações devido aos atos humanos, individuais ou coletivos, que influenciados por elementos naturais, culturais e estruturas políticas determinam formas de ocupação e evolução do espaço urbano, surgindo assim, como forma de organização estrutural para uma melhor qualidade de vida, resultando num espaço urbano estruturado e regular.

“Em cima a Apúlia velha, e adiante o Amparo, lugar afastado do caminho, cousa de pouca monta e mortiça - uma capela e meia dúzia de casas pardas com telhados musgosos - onde logo começam os pinhais cerrados... e passa uma estrada sombria sozinha, de curvas tristes, por ali acima, até às Necessidades...”¹

A morfologia do território da Vila de Apúlia é definida por duas áreas de características distintas, uma área na zona litoral que se descreve como plana e arenosa, estendendo-se ao longo de toda a orla marítima da Vila e uma área na zona interior, visivelmente mais acidentada e de terra granítica, onde se encontram os vastos campos agrícolas e a paisagem diversificada.

“... Apúlia tem uma bonita praia de banhos, que é sempre muito concorrida; fica num sítio pitoresco, modesto e asseado, o mar sereno, as ondas cariciosas, a planície coberta de milheirais. Começou-se por edificar pequenas casas para banhista; como estas continuaram a afluir, foram acrescentando as edificações, a ponto que a praia se tornou deveras importante.”²

Uma referência que comprova que já existia algum cuidado urbanístico na Vila, é que desde 1859 foi atribuído, a todas as habitações existentes, um número de porta. Sendo que, a existência de residências secundárias já era notável no final do século XIX, tendo sido também identificadas, como é o caso da Casa do Conde de Vilas Boas, mais conhecida pela Casa do Cónego ou Pérola do Atlântico, representando um bom exemplo do estilo “Arte Nova”.

¹ FIGUEIREDO, Antero de - Senhora do Amparo: Dois perfis: Um curandeiro de obsessos: Uma Cura de Almas, Porto, 1926.

² Portugal, Torno 8º, Pág. 624

O fenómeno da residência secundária é um fator responsável por causar implicações ao nível de ordenamento por gerar novos e diferentes espaços urbanos, alterando a paisagem rural.

Em relação ao espaço construído, atualmente Apúlia, é caracterizada principalmente pelo alojamento secundário e pelas antigas construções destinadas outrora à atividade piscatória. Embora seja evidente os restauros e ampliações de construções antigas, são as construções de raiz que dominam maioritariamente o espaço edificado.

Apesar de serem duas realidades distintas e independentemente do estilo, tanto existem situações em que comprometem o património construído, como existe outras situações em que funcionam como conjunto harmonioso.

Joaquim Sampaio afirma que, a habitação secundária “transformou a Apúlia oitocentista - então uma povoação de Pescadores, num centro de veraneio cosmopolita”³

A apanha do sargaço e a pesca do pilado, foram atividades que conduziram à construção de edifícios, designados de “barracos” como forma de resguardarem os utensílios e as embarcações de pesca usadas nesta faina, desenvolvendo assim alguns núcleos urbanos, como é o caso da zona das Pedrinhas.

Concluindo, assim, Jorge Dias⁴ afirma que terá sido estes pequenos núcleos de cabaneiros que se dedicava à apanha do sargaço, que deram origem aos aglomerados populacionais costeiros, nomeadamente, no caso da Vila de Apúlia.

³ SAMPAIO, J. O. M. - A residência secundária em Esposende: Estudo sobre o impacto da residência secundária na dinâmica e organização do território de um concelho do Litoral Norte de Portugal Continental e periférico à Área Metropolitana do Porto, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Porto: Universidade do Porto, 1998

⁴ DIAS, Jorge - Construções circulares no litoral português: contribuição para o estudo das construções circulares no noroeste da Península Ibérica, in “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XI, Porto



Figura 1 - Vista panorâmica, 1937



Figura 2 - Vista panorâmica, 2022

3. Vila de Apúlia

3.1. Localização

A vila de Apúlia, uma das quinze freguesias do concelho de Esposende, localiza-se sobre a antiga plataforma marítima do Minho Litoral. Determina-se por aproximada uma área de 1051 ha sendo a segunda maior freguesia do concelho de Esposende e faz fronteira com três freguesias que pertencem ao concelho de Barcelos como, Fão, Fonte Boa e Barqueiros e também com a freguesia de Estela que pertence ao concelho da Póvoa de Varzim. Apúlia é constituída por quatro lugares, nomeadamente, Igreja, Areia, Paredes e Criás.⁵

Elevada a Vila em 19 de abril de 1088, Apúlia, região com excelência em vários fatores, continua a assumir-se como protagonista do desenvolvimento turístico nesta região.

Apúlia é conhecida pela sua praia rica em iodo, sendo considerada entre as melhores praias em toda a costa litoral do Minho. É formada por uma vasta baía e por um extenso areal procurado frequentemente por inúmeras pessoas na época balnear, tendo sido *“uma das praias mais procuradas pelas ricas famílias do Minho, que aí construíram os seus chalés”*⁶ desde o século XIX.

Um estudo feito a Apúlia na sua vertente rural mostra que a época balnear é um hábito muito antigo e que desde o século XIX várias famílias dos concelhos a redor, como Porto, Barga e Barcelos, construíram as suas habitações para morar durante esse período, as chamadas “casas de férias”. O autor Sampaio refere que “as residências secundárias transformaram a Apúlia oitocentista (uma povoação de pescadores) num centro cosmopolita”.⁷

Outra grande vertente da vila de Apúlia é a sua posição estratégica em relação às redes de acessibilidades, constituída por duas grandes vias de comunicação, pela Estrada Nacional 13 que faz ligação com o Porto e Viana do Castelo e a pela Estrada Nacional 205 que faz ligação com a Póvoa de Varzim, Barcelos e Braga.

⁵ NEIVA, Manuel Albino Penteadó - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág.13

⁶ NEIVA, Manuel Albino Penteadó - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág.15

⁷ SAMPAIO, J. O. M. - A residência secundária em Esposende: Estudo sobre o impacto da residência secundária na dinâmica e organização do território de um concelho do Litoral Norte de Portugal Continental e periférico à Área Metropolitana do Porto, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Porto: Universidade do Porto, 1998

Apúlia preserva o seu imenso carácter cultural e assume um papel importante face à vertente turística, devido a este fator que está associado à intensa procura balnear, a vila tem sofrido distorções negativas no ordenamento e na imagem do tecido urbano.

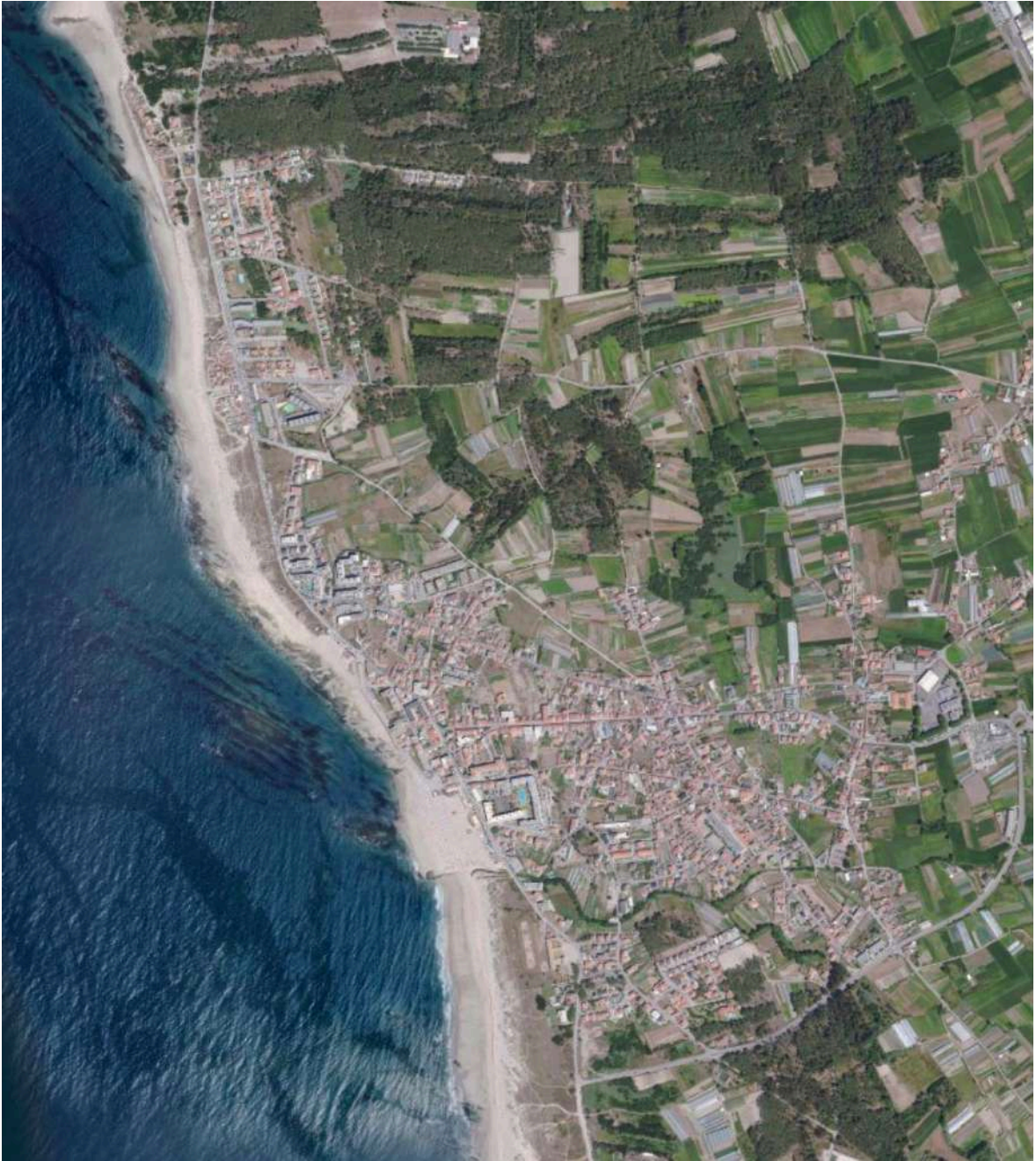


Figura 3 - Mapa de localização da Vila de Apúlia

3.2. Enquadramento histórico

3.2.1. O Património

O património cultural e natural da vila de Apúlia, quer material e imaterial tem uma imagem cravada da interação do meio envolvente com a população residente.

Este património é “(...) matizado de circunstâncias de natureza, histórica, culturais e antropológicas, que traduzem um processo evolutivo e interativo no espaço e no tempo.”⁸

A “Casa dos Saraivas”, situado no lugar de Criáz, é o único valor do património de Apúlia que se encontra reconhecido, segundo o Plano Diretor Municipal⁹, dando seguimento ao aspeto monumental, importa também salientar a Igreja Matriz, construída por volta de 1696 e várias capelas, como a da Senhora do Amparo (1785), a de São Bento (1655) e a da Senhora da Guia e da Senhora da Caridade (1881).

Além deste património existem alguns edifícios que são de destacar como o edifício “Pérola do Atlântico”, o castelo, as casas rurais do lugar da Igreja e os moinhos de vento, junto à costa, sobre as dunas, tornando assim a Apúlia uma das mais belas praias, tanto pela sua importância documental como pela sua beleza ímpar.

As construções em pedra com forma em barco, é uma das imagens que constituem um padrão cultural da Vila da Apúlia, serviam de abrigo e arrecadação de barcos e equipamento da pesca e da apanha do sargaço.

Este conjunto de elementos que faz o património da Vila de Apúlia, molda-se com a paisagem envolvente, originando assim um património cultural único no país.

⁸ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 9

⁹ PDM, ratificado por Resolução do Conselho de Ministros nº31/94, de 07 de Abril de 1994, publicado no Diário da República nº111/94, série I-B de 13/05/94



Figura 4 - Casa dos Saraivas



Figura 5 - Pérola do Atlântico

3.2.2. Atividade Piscatória

A atividade piscatória sempre existiu desde que há memória disso, não só como fonte de alimento, mas também como modo de vida, contribuindo assim para economia mundial. Esta atividade perde-se na memória dos tempos, acredita-se que a pesca existe desde que a população assentou nesta Vila. Por ser uma zona de costeira baixa e arenosa, permitiu que o desenvolvimento deste tipo de atividades de pesca fosse praticado de forma simples.¹⁰

Na vila de Apúlia, para além da pesca, a exploração do sargaço e do pilado foi uma das atividades agro-marítimas que mais se destacou. A evidência que apanha desse produto era um fator importante, são as “barracas”, construídas sobre as dunas, onde eram guardados os utensílios desta atividade.

A apanha de diversos tipos de algas, denominadas de sargaço, que o mar conduz até à margem, são utilizados como fertilizantes para terrenos agrícolas.

Apesar da escassa documentação, existe nos arquivos do Arcebispado de Braga inúmeros éditos, que aborda os primórdios sobre esta atividade e a sua regulamentação, onde definem regras em relação à extração e em relação à propriedade deste fertilizante orgânico, devido a vários conflitos formados pelas autoridades religiosas, contendo alguns interditos como a apanha de sargaço aos domingos e feriados, sendo também proibido a apanha noturna realizada por mulheres.¹¹

É sabido, assim, que esta atividade perdura na vida da população deste local já à dezenas de séculos, sendo um dos aspetos mais marcantes da Vila de Apúlia.

A apanha do sargaço, que a população vendia a agricultores, constitui um incremento económico suplementar para as famílias da comunidade piscatória. O sargaço, depois de recolhido, era seco ao sol, e tinha como propósito ser um fertilizante orgânico das terras.

Os sargaceiros, para a secagem e para a recolha do sargaço, usavam o areal da praia e por vezes alugavam terrenos baldios em Cedovém e Pedrinhas, que posteriormente esses terrenos foram adquiridos pelos seus utilizadores em 20 de outubro de 1877, pelo valor de cento e seis mil e oitocentos reis (106\$800).¹²

Torna-se, assim, importante realçar o valor que a apanha do sargaço teve, como atividade agro-marítima, através dos tempos da Vila de Apúlia, manifestando-se como grande interesse antropológico.

¹⁰ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 33

¹¹ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 18

¹² TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 19

“É evidente que qualquer intervenção no espaço litoral de Apúlia, necessariamente haverá que relevar e contextualizar aqueles elementos, de modo que, por um lado, corresponda cabalmente à preservação do riquíssimo património de Apúlia e, por outro lado, volver esta preservação em factor indutor de desenvolvimento de Apúlia, dando assim conteúdo ao desenvolvimento sustentável de uma indústria de lazer e de turismo cultural.”¹³

Na Apúlia para além da apanha do sargaço, a exploração do pilado é outra atividade agromarítima que mais se praticava mas que atualmente já não se realiza devido à quase extinção da espécie. O pilado é uma espécie de caranguejo pequeno que se localiza nas zonas de areia próximas da costa, tendo sido muito abundante na costa norte de Portugal.

Nesta localidade, a pesca do pilado era realizada apenas por agricultores, criados e jornaleiros. As grandes famílias de agricultura possuíam barcos de quilha que navegavam a remo e à vela. Para realizar esta atividade de forma mais prática os agricultores formavam entre si uma “companha”, que se designa como uma formação de dois barcos que transportava três homens em cada barco, um mestre e dois tripulantes-remadores. A pesca do pilado era executada com uma rede de arrasto com cerca de cinquenta metros de comprimento e com um alongado saco no centro para onde os caranguejos eram conduzidos conforme a rede se movia.¹⁴

Assim com o sargaço, o pilado era também um excelente fertilizante para tornar as terras extremamente produtivas.

Na Vila da Apúlia, a pesca do pilado realizou-se até aos finais da primeira metade do século XX, dando esta prática como terminada nos anos 50 desse mesmo século.¹⁵

Constata-se, assim, que existe dois tipos de sargaceiros, os que usam as embarcações de pesca para a realização destas duas atividades e o tipo sargaceiro ou lavrador, que extrai o sargaço entrando pelo mar a pé.

¹³ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 20

¹⁴ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 25

¹⁵ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 28



Figura 6 - A apanha do sargaço, 1937



Figura 7 - Sargaceiro a estender o sargaço, 1937



Figura 8 - Pesca do pilado, 1937



Figura 9 - Cestos com pilado, 1937



Figura 10 - O Lavrador-sargaceiro, 1962



Figura 11 - O Lavrador-sargaceiro, 1962

3.2.3. Turismo

Apúlia é caracterizada pela extensa praia de areal fino e pela sua abundância em iodo, devido à quantidade de sargaço existente, considerado muito favorável para a saúde e bem-estar, convidando cada vez mais o turismo.

Desde o século XIX, que nos meses de verão, muitas famílias do norte de Portugal escolhiam a Vila de Apúlia como destino de férias, adotando assim esta localidade como segunda residência. Devido a este fator, as famílias determinaram uma época relevante onde se começaram a construir as “residências secundárias”, designadas por casas senhoriais, tais como, as casas do Visconde da Fervença, Conde de Vilas Boas, a casa da capela de N.^a Sr.^a da Guia, Família Vilaça, Família Carmo, outrora demolidas devido aos interesses imobiliários.¹⁶

Atualmente, as casas das Famílias Sá Carneiro, Viscondessa do Castelo, Eduardo Fonseca, Pimenta Araújo, Dr. Fontes, Engenheiro Fortes Lima, e a Casa do Cónego (Pérola do Atlantico), ainda permanecem preservadas, com exceção da Casa do Cónego, caso em estudo, que se encontra em avançado estado de degradação.¹⁷

O turismo na Vila de Apúlia funcionou sempre de forma afável entre os turistas e a população local, criando raízes que convenciam a voltar de ano para ano. Outrora, os agricultores e os pescadores forneciam os seus melhores produtos às famílias que vinham passar as suas férias à Apúlia, como forma de agradecimento pelo movimento e alegria que a vila ganhava durante meses de verão.

“...aquela adolescente pálida que chegou um dia à vastidão de areia da Apúlia, ao intenso odor de sargaço das ruas da Apúlia, à cumplicidade siamesa dos amigos da Apúlia. Nunca o percebi muito bem, é das poucas coisas que o caminhar dos anos se esqueceu de me clarificar, não entendo como é que uma aldeiazinha de pescadores e sargaço e marés vivas fica tão dentro de alguém, tão profundamente dentro do que em mim resiste ainda, mesmo se estou triste, se estou alegre, se faz frio ou calor, sobrevive em mim numa cicatriz de revelação a tarde ventosa em que cheguei pela primeira vez à Apúlia...”¹⁸

¹⁶ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 41

¹⁷ TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008, Pág. 41

¹⁸ CARVALHO, Rodrigues Guedes de - Daqui A Nada, Lisboa, 2005



Figura 12 - Família de férias, 1937



Figura 13 - Época balnear

3.3. Arquitetura na Vila de Apúlia

A vila de Apúlia distingue-se por ser uma região com paisagem inigualável e pelas apetências turísticas, sujeitando-se à pressão de diversas transformações construtivas. Esta consequência é mais frequente no litoral do país, reconhecido como ponto turístico, conduzindo ao longo do tempo para uma construção desordenada.

3.3.1 Território

Apúlia detém também uma potencialidade relativamente às grandes vias de comunicação com as cidades adjacentes. Apesar do desenvolvimento das acessibilidades dentro da vila, é fundamental dar destaque às ruas que estão presentes e que marcam o tempo e as vivências do local, tais como, a rua do Cónego que outrora era retratada por velhos caminhos rodeados de campos e que com o passar do tempo transformou-se em uma estrada circundada por construções de apoio aos sargaceiros e lavradores, e posteriormente a construções destinadas à residência secundária, que atualmente dominam a rua do Cónego, deixando para trás a sua linguagem característica de construções de utilização doméstica, com os vãos e as portas valorizados pelas suas padieiras e ombreiras.¹⁹

A estrada Nacional 13, é uma rede viária que atravessa a Vila da Apúlia e que é importante dar destaque devido a sua forte configuração urbana sobre os velhos caminhos medievais, que assumiu desde os anos sessenta, tendo um forte impacto por quem atravessava a estrada, devido ao conceito de construção de casas em ala contínua com grandes chaminés, um exemplo das casas típicas do concelho de Esposende, estudadas amplamente por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano.²⁰

¹⁹ MENÉRES, António - *Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018, Pág. 22*

²⁰ MENÉRES, António - *Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018, Pág. 23*



Figura 14 - Rua do Cónego, 1962



Figura 15 - Rua do Cónego, 2022



Figura 16- Estrada Nacional 13, 1962



Figura 17 - Estrada Nacional 13, 2022

3.3.2 Arquitetura Rural - Moinhos de vento

Em relação à temática de arquitetura rural na Vila de Apúlia, é reconhecida a existência de moinhos de vento no seu território, pelo menos desde o século XVIII ²¹, sendo que, nos dias de hoje, sobre o cordão dunar que margina a praia na Vila de Apúlia, entre o lugar de Areia e de Pedrinhas, existe em conjunto de quatro moinhos de vento e uma azenha hidráulica e, mais a sul, na praia da Couve, existe um outro conjunto de cinco moinhos, tornando assim, evidente a forte indústria de moagem na altura.

Atualmente, os moinhos de vento entre o lugar de Areia e de Pedrinhas, foram reabilitados e transformados em habitações secundárias, mantendo a linguagem e a estrutura exterior.

“Eram quase todos construídos em xisto, possuindo as ombreiras, lintéis, soleiras das portas e das janelas em pedra. Possuem paredes circulares com a forma cónica. O telhado, também ele cónico, era móvel, já que girava sobre uma calha cavada na cinta superior do corpo do moinho, por forma apanhar a direcção dos ventos. As portas e janelas eram viradas a Nascente. Estes moinhos eram constituídos por Rés-do-chão e Andar.”²²

²¹ NEIVA, Manuel Albino Penteadó - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág.106

²² NEIVA, Manuel Albino Penteadó - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág.106



Figura 18 - Moinhos de vento, 1966



Figura 19 - Moinhos de vento, 2021

3.3.3 Arquitetura Rural - Abrigos na praia

Como referido anteriormente, a atividade da apanha do sargaço e do pilado desenvolvida na Apúlia, estão na origem do fenómeno da construção de “edifícios abarracados”²³ na marginal da praia.

Ernesto de Veiga e Oliveira e Fernando Galhano²⁴ distinguem dois tipos de barracos: uns construídos com pranchas de madeira de pinho, utilizados para habitação temporária de pescadores ou dos cabaneiros-sargaceiros, e o outro tipo de barracos eram construídos em pedra ou xisto, utilizados como habitação para lavradores ou como barracos para armazenar o sargaço apanhado e os utensílios utilizados nesta faina, bem como as suas embarcações.

Estes barracos, além de serem construídos com duas materialidades diferentes, apresentam-se também em duas formas distintas: uns estreitos e alongados, alinhados em arruamentos rectilíneos, com telhado de duas águas, outrora revestido em colmo que descia até ao solo e posteriormente revestido com telha portuguesa de canudo e apresentando uma porta em madeira, suficientemente larga para ser possível “arrumar” o barco a um dos lados, aproveitando muitas vezes a profundidade da construção para habitação temporária; o outro tipo de barraco retrata uma forma mais peculiar, com planta arredondada, toda construída em xisto, suficientemente dimensionada para permitir o abrigo temporário de um barco e dos aprestos necessários para a atividade marítima, proporcionando uma construção menos cuidada.²⁵

“Trata-se pois certamente de uma razão cultural, e pode-se supor que cada um daqueles casos corresponde a conceitos diferentes, próprios de duas categorias também diferentes de pessoas: a casa de pedra, estável, como casa do lavrador; a de madeira - como o barco - para o pescador e o cabaneiro pobre, que se acomoda com uma construção improvisada, incerta e provisória - quase violante - como a sua vida.”²⁶

²³ NEIVA, Manuel Albino Penteadó - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág. 71

²⁴ GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - A apanha do sargaço no Norte de Portugal, Porto, 1958

²⁵ MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Esposende entre o Atlântico e as suas terras, Esposende, 2018, Pág. 79

²⁶ GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - A apanha do sargaço no Norte de Portugal, Porto, 1958, Pág. 79



Figura 20 - Vista aérea dos barracos



Figura 21 - Vista aérea dos barracos

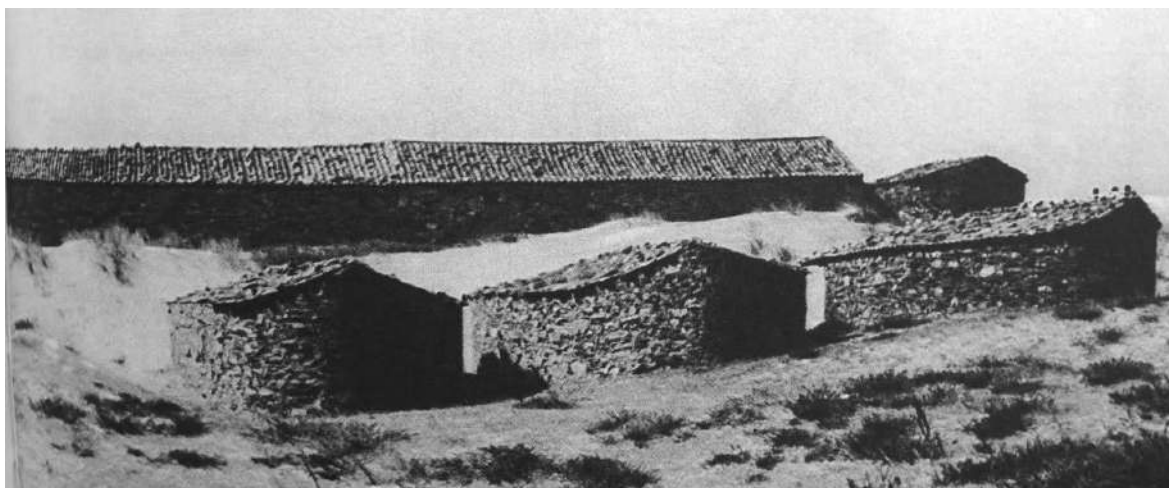


Figura 22 - Barracos de planta arredondada e rectilínea, 1962



Figura 23 - Barraco de planta rectilínea, 1962



Figura 24 - Barraco de planta arredondada, 1962

3.3.4 Residência Secundária

A vila de Apúlia, sempre foi uma das praias mais concorridas no concelho de Esposende, manifestando-se como protagonista do desenvolvimento do turismo balnear, tendo a capacidade de receber os turistas e manter a qualidade ambiental.

Devido ao facto de ser uma das praias mais iodadas do país e sendo que a partir da segunda metade do século XIX a talassoterapia foi uma prática muito aconselhada, a visita à praia da Apúlia tornou-se uma recomendação médica, resultando num aumento da construção de habitação tanto para venda como para arrendamento e devido a esta grande afluência começaram a surgir as construções de equipamento e serviços de apoio ao turismo balnear, sendo já notório em 1896, a publicidade desta praia no jornal do concelho, “Tem casas com bons commodos para alugar, hotel, mercearias, restaurantes, bilhar e café, estabelecimentos de banhos quentes, etc.”²⁷, assim como a publicação de anúncios que refletem o desenvolvimento turístico e a procura de alojamento para passar a época balnear, “Arrendam-se boas casas em um dos melhores lugares da praia d’Apulia e tambem se vendem. A tratar com Ignacio Eiras, da mesma freguezia.”²⁸

No início do século XX, com a afluência na Vila de Apúlia, o aumento das habitações secundárias tem um aumento bastante notório. Nestas novas construções, são introduzidas duas diferentes formas de arquitetura doméstica, que dependem do nível social de cada família. Existe as edificações das famílias mais abastadas, como a “Casa do Cónego” e a “Casa da Tôrre”, construídas em pedra e reboco, geralmente com uma escada na frontaria, exibindo os frontões nos vãos das janelas e portas, com varandas em granito e ferro forjado. Constituídas por uma cobertura de quatro águas, revestidas em telha cerâmica e com uma inclinação acentuada como é o caso da “Casa do Cónego” ou denominada também por “Pérola do Atlântico”, de carácter de uma arquitetura estrangeira de castelo ou palacete.

A outra forma de arquitetura doméstica, são as construções mais modestas, que normalmente eram adquiridas através da compra das habitações dos pescadores e transformadas nas suas habitações secundárias. Caracterizadas por serem construções de um só piso e compridas, sendo a sua materialidade a pedra de xisto local, rebocados e pintados de branco, constituídas geralmente por uma cobertura de duas águas, também revestidas em telha cerâmica.

²⁷ VIEIRA, J. da Silva, O Povo Esposendense nº210, Esposende, 26 de julho 1896, Pág.2

²⁸ VIEIRA, J. da Silva, O Povo Esposendense nº523, Esposende, 15 de agosto 1902, Pág.3

Posteriormente, começa-se a introduzir conceitos mais modernos de arquitetura nas construções secundárias, como as habitações com coberturas planas e grandes vãos, compostas maioritariamente por grandes terraços, piscinas, churrasqueiras, campos de ténis e outros elementos dessa mesma categoria. Regista-se, também, o aparecimento de habitações pré-fabricadas e a tipologia de apartamentos duplex.

Constatando, que a Vila de Apúlia sofreu uma transformação da forma urbana, dando origem a uma arquitetura distinta, com diferentes aspetos de construção, volumetria e histórica.



Figura 25 - Casa da Torre (edifício mais à esquerda), 1937



Figura 26 - Casa do Cônego, 1937



Figura 27 - Abrigos dos pescadores reabilitados para habitações secundárias



Figura 28 - Abrigos dos pescadores reabilitados para habitações secundárias

3.3.5 Transformação da forma urbana

A Vila de Apúlia sofreu várias transformações de território devido às constantes invasões de subidas e descidas do nível do oceano Atlântico e do movimento das areias, surgindo e desaparecendo vestígios arqueológicos que permitem conhecer a história da presença humana desta localidade.

Além da prática da pesca, a população também vivia da agricultura, mas com os constantes assoreamentos esta atividade era prejudicada e para tentar amenizar esse fenómeno, os sargaceiros recolhiam as algas do mar para adubar os campos, esta prática perdura até aos dias de hoje.

No século XVI, as terras de cultivo são totalmente arrasadas pela invasão das areias, com isto, a população Apuliense toma iniciativa e solicita a plantação de um pinhal como forma de proteger as hortas, os campos e as casas.

Por iniciativa de Frei João do Desterro, um grande impulsionador da agricultura desta região, este pedido é aceite no século XVIII²⁹, implantando assim, a sul de Apúlia, um pinhal com o objetivo de “ (...) *defender a terra agricultada ... dos efeitos das areias que, tocadas pela ventania, inundavam os campos com grave prejuizo para os agricultores.*”³⁰ funcionando assim como uma barreira natural, tornando posteriormente, as atividades rurais sólidas e demonstrando um forte sinal de indústria de moagem.

Após o aumento da atividade piscatória e da procura banhar pelas cidades adjacentes, surge uma avenida que dá acesso direto desde o centro da freguesia de Apúlia até ao mar, tornando o percurso mais acessível para a praia. Ao longo dessa avenida começam a surgir implantações, formando um pequeno núcleo, que se desenvolve linearmente pela via.

No início do século XIX, os rendimentos começaram a aumentar e a possibilidade de uma comercialização torna-se favorável, levando os moradores de Apúlia a pedirem autorização para a realização de uma feira. Como confirma o autor Neiva, em Apúlia realizava-se uma feira com “*bastante comércio de mercearia e capelistas*”³¹, vivendo um período de crescimento económico-social.

O início do século XX é caracterizado pelo êxodo rural, onde a população migrava das zonas rurais para as zonas urbanas, em busca de novas oportunidades. Mas, o final do século XX

²⁹ NEIVA, Manuel Albino Penteadado - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág. 46

³⁰ RAMOS, L. A. O. - Fomento Rural na Estela (fins dos séculos XVIII, princípios do século XIX, in “Boletim Cultural da Póvoa de Varzim”, Vol. XVI, N°1

³¹ NEIVA, Manuel Albino Penteadado - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág. 47

já é caracterizado pelo êxodo urbano, o oposto do êxodo rural, onde a população das grandes cidades procura tranquilidade, segurança, bem-estar e qualidade de vida e migram para regiões afastadas dos grandes centros urbanos.

Atualmente, a vila é marcadamente urbanizada. Os lugares de Igreja e Areia são as zonas mais urbanizadas e as que demonstram maior pressão urbanística, sendo a habitação multifamiliar uma das tipologias que mais se expandiu, principalmente na marginal da praia, desenvolvendo assim novos espaços urbanos.

Esse crescimento de edificado é notório particularmente na orla costeira, devido à procura turística. Para um melhor controlo desta expansão desorganizada, o Plano Diretor Municipal (PDM) estabelece, na planta de ordenamento de território, o limite para a contenção do espaço urbano.

A urbanização acaba por incorporar o tecido urbano infra-estruturado à sua envolvente com passeios, espaços verdes, arruamentos, estacionamento e espaço de lazer.

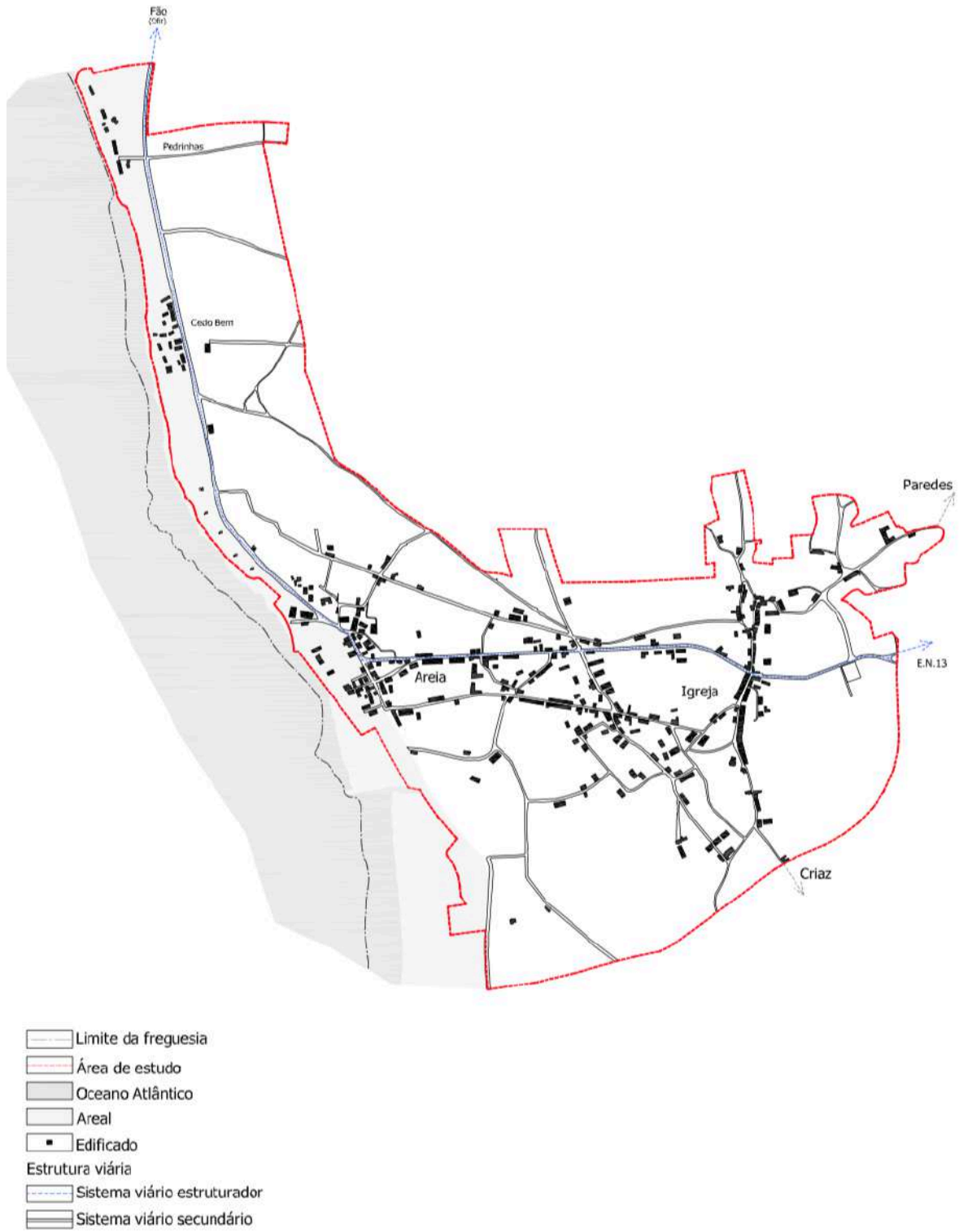


Figura 29 - Planta de situação do edificado na Vila de Apúlia, 1950

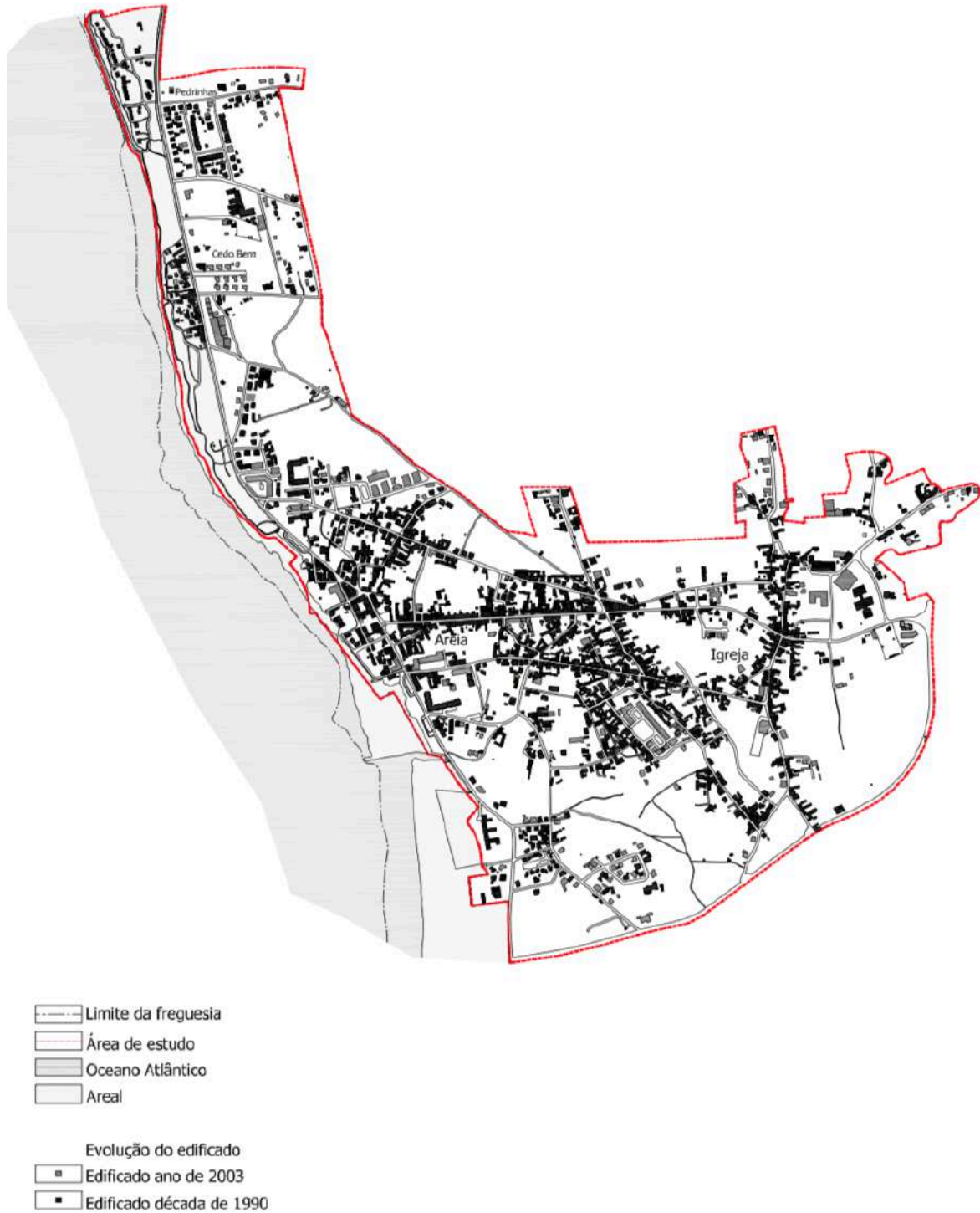


Figura 30 - Planta de situação do edificado na Vila de Apúlia, 2003

4. Cartas e graus de intervenção do conceito “reabilitar”

Desde inícios do século XX que se registaram diversas cartas, convenções e recomendações internacionais relativas à problemática de se intervir no património. Estes documentos, reúnem um conjunto de princípios e conceitos como forma de uma orientação inicial para a conservação e o restauro dos monumentos e locais.

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), é uma associação civil não-governamental, ligada à ONU, através da UNESCO, fundada em 1965, desde então que diversos temas relacionados com a intervenção do património e ligados à Reabilitação e ao Urbanismo têm sido abordados, existindo num total de 97 Cartas e Documentos Internacionais oficializados por esta associação. É fundamental compreender alguns destes temas para uma melhor execução e reflexão relativamente a esta dissertação ligada à reabilitação de um edifício.

4.1. Cartas

CARTA DE ATENAS (1931) - RESTAURO DE MONUMENTOS

Realizada em Atenas, em 1931, no Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos, esta carta foi o primeiro documento internacional dedicado ao património, com a intenção de apresentar conceitos importantes sobre o restauro e a preservação de edifícios, estabelecendo princípios comuns para todos mas tendo em conta as circunstâncias locais e tradicionais de cada país.

Este documento valoriza a manutenção, assegurando a conservação dos edifícios, mantendo sempre o seu carácter histórico, respeitando a obra em si, mantendo todos os estilos das diferentes épocas, sendo elaborado um diagnóstico para existir uma intervenção adequada.³²

³² ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

CARTA DE VENEZA (1964) - CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE MONUMENTOS E SÍTIOS

Realizada em Veneza, em 1964, no segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos, este documento veio introduzir novos princípios de conservação aos conceitos já mencionados na carta de Atenas, estas novas normas e recomendações continuam a ser fundamentais na atualidade.

A carta de Veneza além da valorização do monumento histórico, acrescenta a importância da valorização do seu tecido urbano que o engloba, referindo que o edifício não deve ser conservado como um elemento isolado, mas sim, com a sua envolvente, tendo em conta o enquadramento cultural.

No que diz respeito à conservação, é recomendado a constante manutenção, adequando ao surgimento de novos programas, retirando a possibilidade de qualquer alteração de disposição e de aspeto físico do monumento para essa nova adaptação.³³

CARTA DE BURRA (1979) - CONSERVAÇÃO DOS SÍTIOS COM SIGNIFICADO CULTURAL

Realizada na Austrália, em 1979, no The Australian National Committee of ICOMOS, esta carta tem como objetivo proporcionar conhecimento e orientar quem executa a manutenção do património cultural e de quem toma as decisões, como os proprietários e os gestores, determinando os objetivos e os significados de conservação, manutenção, restauração, reconstrução, preservação e adaptação, aprofundado cada tópico para uma abordagem mais precisa e concreta.³⁴

CARTA DE WASHINGTON (1987) - SALVAGUARDA DAS CIDADES HISTÓRICAS

Realizada em Washington D. C., em 1987, na Assembleia Geral do ICOMOS, esta carta vem atualizar a Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (Carta de Veneza), definindo os princípios e objetivos salvaguardando a qualidade das cidades históricas para restabelecer a relação da sociedade com o envolvente urbano.

³³ ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1964-carta_de_veneza-ii_congresso_internacional_de_arquitetos_e_tecnicos_de_monumentos_historicos_icomos.pdf?x99371

³⁴ ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>

Os objetivos que se destacam são a preservação do carácter histórico, como a relação entre edifícios, a relação entre espaços verdes e espaços livres, a análise as características dos edifícios, relativamente à estrutura, volume, estilo, escala, materialidade e cor.

Em suma, a Carta de Washington, tem como objetivo a adaptação das cidades históricas e do seu envolvente às particularidades do quotidiano.³⁵

DOCUMENTO DE NARA (1994) - AUTENTICIDADE

Realizada em Nara, no Japão, em 1994, na Conferência de Nara, este documento tem como objetivo reforçar a autenticidade, de forma a assegurar um respeito mais elevado pela diversidade cultural, salvaguardando os valores culturais e sociais internacionalmente, sendo que, a Carta de Veneza era mais dirigida a um conceito europeu.

Designando que as características históricas e culturais do património cultural a intervir, devem ser sempre mantidas na sua recuperação.³⁶

CARTA DE CRACÓVIA (2000) - PRINCÍPIOS PARA A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO

Realizada na Cracóvia, em 2000, na Conferência Internacional sobre Conservação, este documento vem atualizar também a Carta de Veneza introduzindo novos objetivos, como a necessidade de intervenção não apenas no património arquitetónico, mas também no património urbano e paisagístico. Referindo a importância da conservação em diversos tipos de intervenção, tais como o controlo do meio ambiental, a manutenção, a reparação, o restauro, a renovação e a reabilitação. A Carta de Cracóvia, deixa também a definição de novos conceitos, nomeadamente, Património, Monumento, Autenticidade, Identidade, Conservação, Restauro e Projeto de Restauro.³⁷

³⁵ ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanoorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1987__carta_internacional_para_a_salvuarda_das_cidades_historicas-icomos.pdf?x99371

³⁶ ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanoorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1994-declaracao_de_nara_sobre_autenticidade-icomos.pdf?x99371

³⁷ ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanoorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/2000__carta_de_cracovia_sobre_os_principios_para_a_conservacao_e_o_restaurado_patrimonio_construido-conferencia_internacional_so.pdf?x99371

4.2. Graus de intervenção

CONSERVAÇÃO

O conceito de conservação indica vários tipos de tratamento que visam salvaguardar o património histórico, como os edifícios, as cidades históricas e também a sua envolvente, incluindo técnicas de intervenção no restauro, cuja a finalidade é dar um novo uso ao edificado e aos elementos envolventes, conservando o seu aspeto original, mantendo assim a sua identidade.

Nesta dissertação, o termo conservação, será aplicado no sentido de prolongar o aspeto original arquitetónico do edifício “Pérola do Atlântico”, de forma a preservar o seu testemunho histórico.

MANUTENÇÃO

A manutenção é um fator importante para assegurar a preservação e a conservação do património. A manutenção funciona de forma a manter a integridade dos monumentos e a evitar intervenções que podem ser prejudiciais, tanto a nível material como a nível cultural.

Para garantir isso, é necessário estudar e planear bem o edificado e a sua envolvente em conjunto, estando sempre estes dois fatores interligados de forma a manter a imagem e a memória arquitetónica do local.

RESTAURO

O conceito de restauro indica a reintegração do elementos danificados do monumento respeitando a sua originalidade, de forma a manter a sua materialidade. No caso de já não ser totalmente visível ou perceptível as características, é possível assegurar essa originalidade através de pequenas evidências arqueológicas, documentos escritos ou fotográficos, ou através do desenho original. Conseguindo assim, preservar o valor histórico do edifício através da remontagem dos componentes existentes, sem a introdução de um novo material.

RECUPERAÇÃO

A recuperação é aplicada quando um edifício ou os seus elementos, já se encontram num estado avançado de degradação, quando as suas características já não são existentes ou encontram-se num difícil estado de restauração, tendo de readquirir esses elementos para a recuperação a imagem do monumento.

RECONSTRUÇÃO

A reconstrução significa a reversão de um local ou edificado a um estado anterior conhecido, distinguindo-se do restauro por ser um processo com a introdução de novos materiais de construção, estando relacionado com o carácter de preservação de monumentos, de forma a criar novamente as características que outrora foram existentes.

REABILITAÇÃO

A reabilitação é um grau de intervenção que se tem tornado cada vez mais relevante na atividade de construção em Portugal, de modo a proporcionar uma recuperação de uma estrutura vazia e degradada, através da resolução das anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança que são agravadas ao longo do tempo.

Para salvaguardar o património, é importante a reabilitação não só do edificado mas também a reabilitação urbana, adaptando-se às exigências atuais da sociedade para garantir a sua vitalidade.

Juan Monjo Carrió, explica que a reabilitação converte-se “(...) assim, no processo pelo qual se recupera a habitabilidade de um edifício quando estava deteriorado pelo seu estado patológico, ou quando se altera o mesmo para dar-lhe um novo uso.”³⁸

Nesta dissertação, o conceito de reabilitar é um termo bastante relevante que irá acompanhar todo o processo, de forma a criar uma nova adaptação do edifício “Pérola do Atlântico” a uma nova função, resolvendo as anomalias existentes, recuperando a sua imagem original e recriando uma ligação com o tecido urbano da Vila de Apúlia de forma a prevalecer as memórias, tradições e as vivências do local.

³⁸ CARRIÓ, Juan Monjo - Tratado de Rehabilitacion, Madrid, 1999, Vol.2, Pág. 90

5. Casos de estudo

Como base de suporte para a elaboração do projeto em causa, é feita uma análise conceptual e teórica em relação a três casos de estudo que fundamentam para uma compreensão mais profunda da proposta.

Os três casos de estudo analisados são, o *Templo Romano de Diana*, o *Museu de Frankfurt (DAM)* e o *Centro Sócio-Cultural da Costa Nova* e cada um destes projetos estabelece uma ligação em relação à proposta da dissertação.

O Templo Romano de Diana, de Sánchez García, reflete a importância e o desafio de intervir num local com carga histórica.

O Museu de Frankfurt (DAM), de Oswald Mathias Ungers, justifica-se pela abordagem que é utilizada num projeto de reabilitação, demonstrando a possibilidade de uma reforma funcional readaptando o edifício ao novo programa.

Por último, o Centro Sócio-Cultural da Costa Nova, de ARX Portugal, destaca-se pelo conceito em comum com a proposta desta dissertação, em relação à ideia fundamental de criar uma ligação entre a costa marítima e o tecido urbano, trazendo a memória e a tradição do local, sendo uma referência, também, em relação à escolha do método construtivo em madeira.

5.1. Templo Romano de Diana, Sánchez García

Intervir num local com uma carga histórica e arqueológica muito importante é um desafio, o que significa que é fundamental conhecer os vestígios existentes e os vestígios que existiam no tempo dos romanos, correspondendo a uma intervenção que é separada por dois períodos históricos de quase de 2000 anos.

Este local corresponde à época romana, que serviu de estrutura para o Templo de Diana, tendo sido usado na intervenção uma linguagem contemporânea, incorporando necessidades sociais e culturais, essa linguagem assume todas as irregularidades e modificações das descobertas arqueológicas, sem perder o conceito inicial da proposta.

Para recuperar o centro da cidade na Era Romana, a estrutura da intervenção posiciona-se no perímetro do local, o mais afastado possível do templo, obtendo o máximo de vazio. Assim, este espaço é recuperado respeitando as características arqueológicas romanas, agora incorporados numa praça. A intervenção é resolvida com uma peça de perímetro em forma de L que costura os limites da cidade e por uma grande praça ao redor do templo.

Esta peça em forma de L, surge de uma união de uma plataforma e de uma tela vertical. A plataforma tem uma leitura vertical semelhante ao pódio do templo, o que permite uma nova relação entre visitante e templo, desta forma, o ambiente do templo é geometrizado, tornando a leitura do espaço clara. A tela estrutural é projetada de forma a valorizar o templo e de enquadrá-lo com o resto da cidade.

O espaço entre a parte externa do perímetro e a cidade é ocupado por uma série de volumes que abrigam usos comerciais e culturais.

Assim, esta intervenção é uma estrutura capaz de gerar uma nova camada de cidade, cheia de programa.³⁹

Este projeto contribui para uma melhor compreensão em relação à forma de intervenção num local com carga histórica, demonstrando que é essencial estudar os vestígios do passado e do presente, e compreender as necessidades sociais e culturais do sítio, solucionando os problemas existentes da melhor forma.

³⁹ EUROPACONCORSI (05 deo6 de 2021) *José María Sánchez García > Templo de Diana*, Obtido de HIC: <http://hicarquitectura.com/2013/07/jose-maria-sanchez-garcia-templo-de-diana/>



Figura 31 - Templo Romano de Diana antes da intervenção



Figura 32 - Templo Romano de Diana depois da intervenção

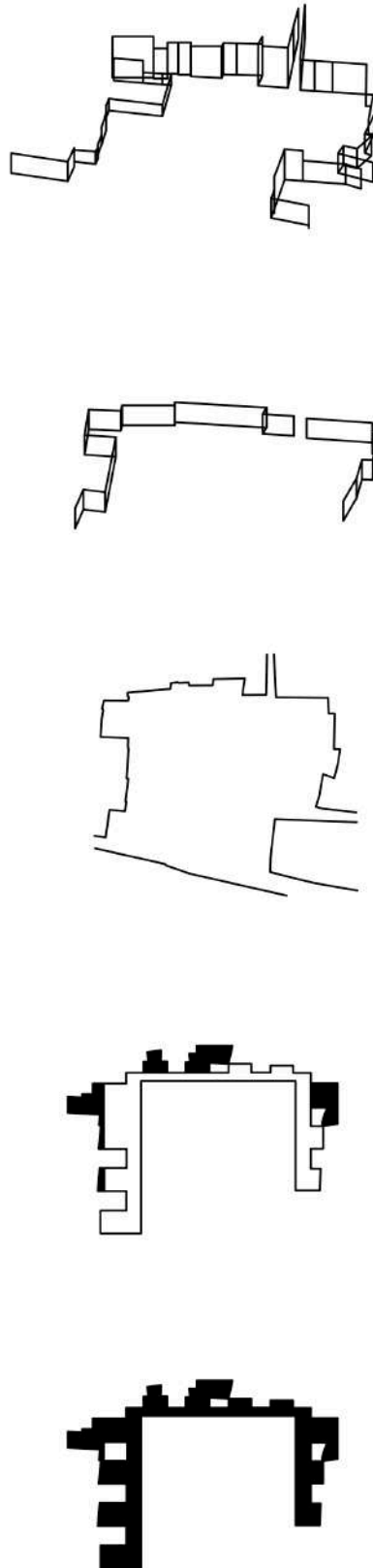
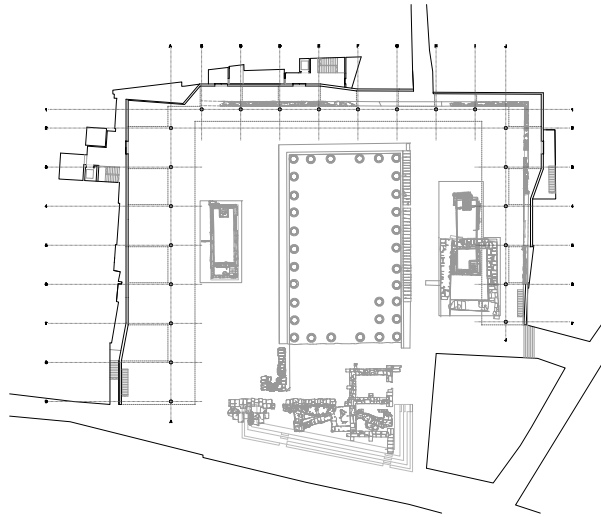
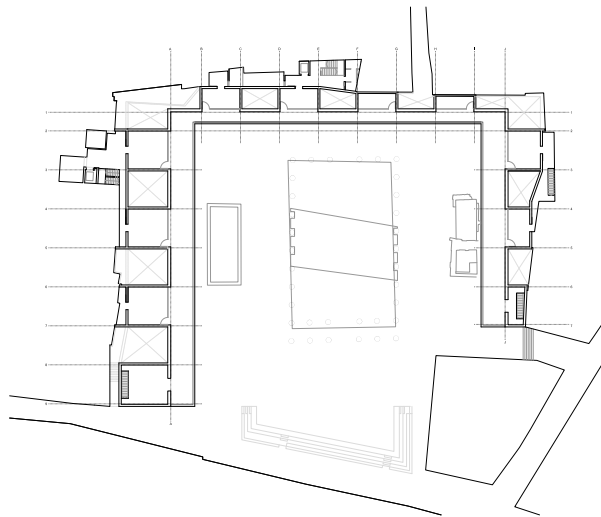


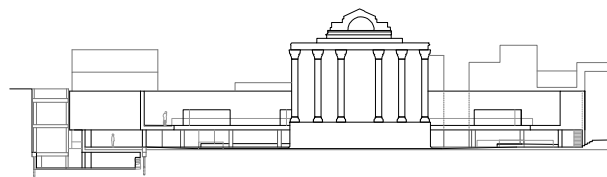
Figura 33 - Esquema de evolução da planta



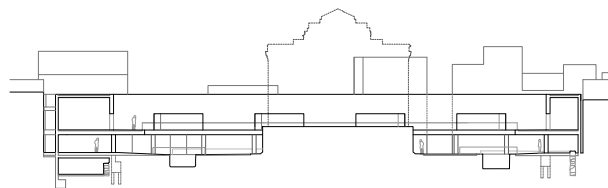
Planta Piso Térreo



Planta Piso 1



Corte Longitudinal



Corte Longitudinal

Figura 34 - Desenhos técnicos da proposta

5.2. Deutsches Architekturmuseum (DAM), Oswald Mathias Ungers

Logo após a inauguração do Museu de Frankfurt (DAM), ele tornou-se rapidamente, não só, um dos principais pilares da cidade mas, também, tornou-se um dos grandes marcos para a fundação de novos museus.

Este projeto consiste numa reabilitação de uma casa de campo, de 1912, localizada em Frankfurt, com estilo neoclássico.

Para a concretização deste museu, este projeto foi atribuído ao arquiteto Oswald Mathias Ungers, atravessando por uma reforma funcional, onde todo o seu interior é removido, tendo sido incorporadas novas especialidades no interior, a ideia consiste em redesenhar um edifício que tinha a sua funcionalidade de habitação e passou a funcionar como museu de arquitetura.

Mathias Ungers, removeu o núcleo do edifício, despindo-o até as paredes externas e implementando o conceito de “casa dentro de casa”, desta forma, a própria arquitetura passou a fazer parte da exposição, esta nova intervenção de “casa dentro de casa” é desenvolvida por quatro paredes que marcam toda a centralidade do museu, fazendo os espaços expositivos desenvolverem-se em torno desse núcleo, intensificando a ligação entre o espaço expositivo e o seu percurso.⁴⁰

Este projeto auxilia no processo de reabilitação em relação ao método utilizado relativamente às circunstâncias do edifício e da adaptação do programa proposto, sendo que, passa por uma mudança de programa de habitação para museu, que consiste na remoção do todo o seu interior e é implementando arquitetura nova que passa a fazer parte da exposição.

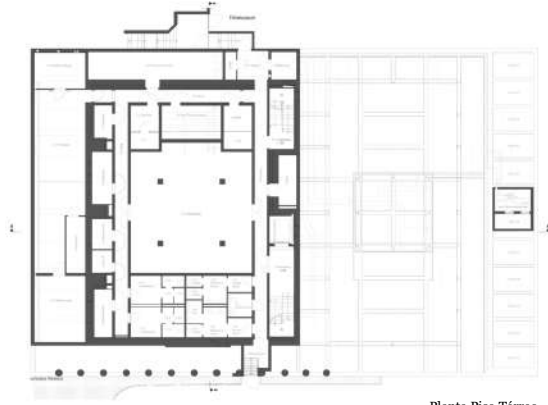
⁴⁰ MIRANDA, F. (s.d.). Centro Contemporâneo de Arquitectura. Reabilitação da antiga Fábrica do Ouro. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. Porto: Universidade do Porto



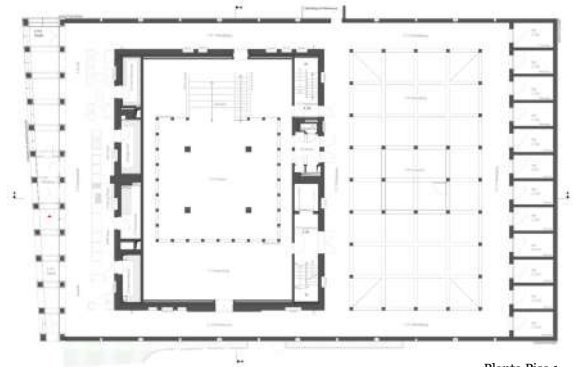
Figura 35 - Museu de Frankfurt (DAM)



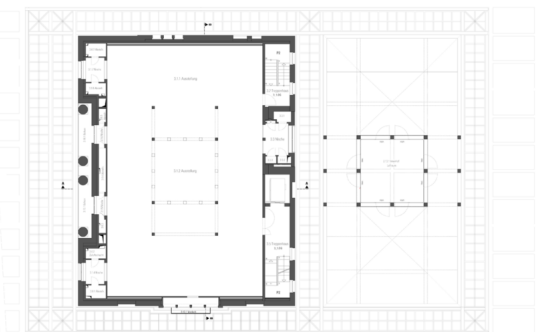
Figura 36 - Maqueta museu Frankfurt, conceito "casa dentro de casa"



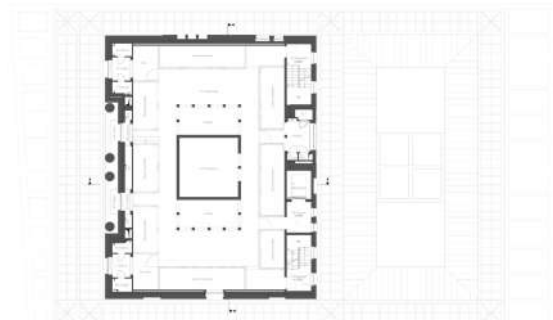
Planta Piso Térreo



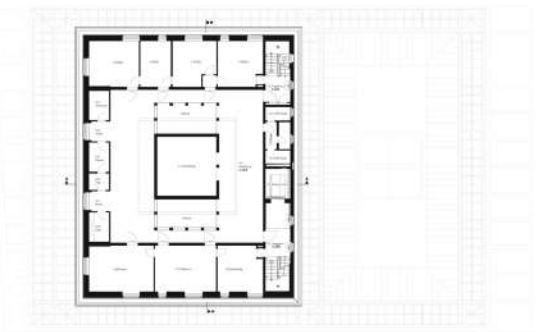
Planta Piso 1



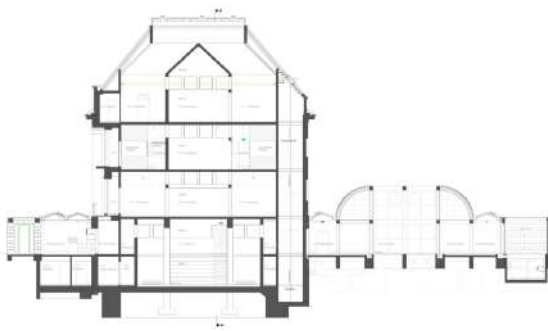
Planta Piso 2



Planta Piso 3



Planta Piso 4



Corte Longitudinal



Corte Transversal

Figura 37 - Desenhos técnicos da proposta

5.3. Centro sócio-cultural da Costa Nova, ARX Portugal

O Centro Sócio-Cultural da Costa Nova, localiza-se na frente marítima da Costa Nova, em Ílhavo. A proposta para este projeto consiste num novo posto de saúde, um centro social, uma sala de espetáculos e exposições, assumindo-se como uma peça de remate.

Esta intervenção caracteriza-se por uma abordagem fundamentada por quatro tópicos: a tradição construtiva dos palheiros, a pedagogia da construção sobre a duna, o edifício-paisagem (percurso de acesso visual ao mar) e a estrutura fundiária rural como matriz morfológica.

Este conceito reforça o caráter do edifício, criando uma ligação entre o tecido urbano e a costa marítima, proporcionando uma experiência nova à população do local e aos visitantes.

Em relação a termos construtivos, tanto o exterior como o interior é em madeira, adoptando um método construtivo de teor intemporal, evocando a memória e a tradição do local.

Toda a estrutura e revestimentos são visíveis de forma a referenciar os barcos e os palheiros originais de madeira.⁴¹

Este projeto contribui em termos conceptuais em relação à localização na marginal, demonstrando a forma de intervenção em relação à ligação entre o tecido urbano e a costa marítima e pelo seu método construtivo estar relacionado com o passado histórico do local.

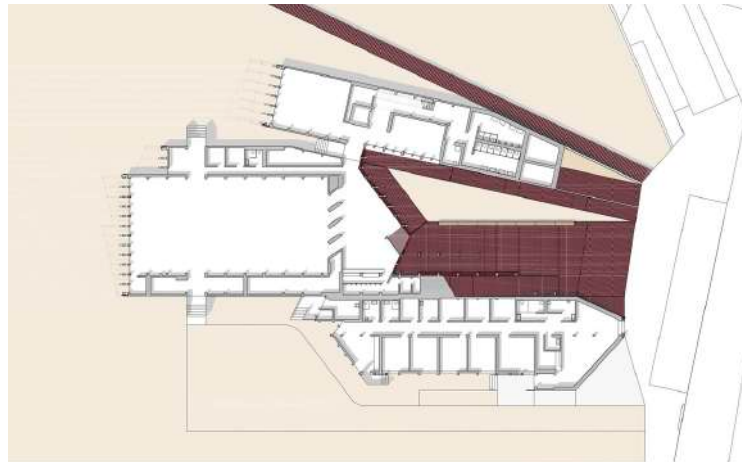
⁴¹ ARX PORTUGAL (04 de 04 de 2022), *Centro Sócio-Cultural Da Costa Nova*, Obtido de ARX: <https://arx.pt/projecto/centro-socio-cultural-da-costa-nova/>



Figura 38 - Centro Sócio-Cultural da Costa Nova



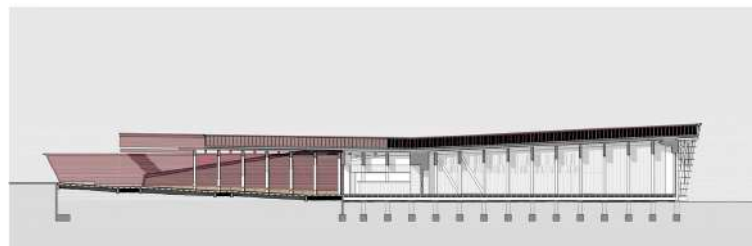
Figura 39 - Centro Sócio-Cultural da Costa Nova



Planta Piso Térreo



Planta Piso 1



Corte Longitudinal



Corte Longitudinal



Alçado Oeste

Figura 40 - Desenhos técnicos da proposta

6. Proposta

6.1.Contextualização

Localizado na frente da marginal do aglomerado urbano da Vila de Apúlia, no concelho de Espozende e sendo denominado como a Casa do Cónego ou posteriormente como o Pérola do Atlântico, este edifício contém um logradouro e encontra-se integrado numa área urbana requalificada recentemente.

Como o próprio nome indica, e apesar da atual degradação, esta é uma das construções com maior grandeza e que mais se destaca na zona, tendo sido construída no século XIX, como casa de férias junto ao mar, numa zona dedicada à apanha do sargaço, representando um dos bons exemplares do estilo “Arte Nova” que, como escreveu o autor Joaquim Leitão “(...) foi construído com elegância e arte.”⁴²

Trata-se de um edifício com uma vasta cronologia de transmissão de propriedade, existindo registos do primeiro proprietário, de nome Manuel Ferreira da Costa, que 1845 comprou um terreno junto ao mar na praia da Apúlia, não existindo ainda a construção do edifício.

Em 1875, esta propriedade pertenceu a Fernando de Magalhães e Menezes, que adquiriu o terreno, e após sete anos encomendou o projeto ao Engenheiro António Silva, professor da Academia Politécnica do Porto, construindo assim o palacete, destinado para casa de férias.

Posteriormente, na década de 60 do século XX, após a passagem do palacete por diversos proprietários, o proprietário atual dessa época, propôs a alteração do palacete para um alojamento balnear com serviço de restauração, mantendo a imagem exterior do edifício intacta e algumas características originais, tanto no interior como no exterior, como por exemplo os azulejos do século XIX, existindo alterações da organização interior e da construção de novas pequenas intervenções no exterior para ampliar a área do restaurante que funcionava no rés-do-chão.

Em 2009 surge uma nova proposta de renovação do edifício, para um hotel de 3 estrelas, e apesar da existência de toda a documentação e de projeto completo, este processo não avançou, deixando o palacete sem vida e sem utilidade.

⁴² LEITÃO, Joaquim - Guia Ilustrado de Espozende, Porto, 1908

Actualmente, o edifício e o terreno é propriedade da Câmara Municipal de Esposende, encontrando-se em estado de degradação devido à falta de preservação, deixando-o no esquecimento, apesar da sua presença impactante na imagem do local.

Em termos da sua envolvente, a construção está na marginal da praia, numa frente de passeio público requalificado recentemente, onde está integrado o estacionamento de embarcações de pesca, uma área com estacionamento público e um pequeno parque para crianças.

Tem também como envolvente, o edifício reabilitado de “Socorros a Náufragos”, dedicado ao armazenamento de material de nadadores salvadores da praia de Apúlia; o “Castelo”, uma construção com a imagem de um pequeno castelo, reabilitado com projeto gastronómico; uma construção de habitação datada na mesma época que o edifício em estudo e construções de habitação plurifamiliar.

A análise urbana e arquitetónica, nas suas múltiplas existências, demonstra-nos um campo do conhecimento, que nos revela as vivências e as memórias ocultas, portanto, a abordagem ao edifício tem de ser entendida contando com a sua ação e reação face ao meio envolvente e ao modo da sua interação enquanto “espaço de passagem”.



Figura 41 - Edifício Pérola do Atlântico localizado na marginal da Vila de Apúlia



Figura 42 - Edifício Pérola do Atlântico no século XIX, como palacete



Figura 43 - Edifício Pérola do Atlântico na década de 60 do século XX, como alojamento balnear



Figura 44 - Edifício Pérola do Atlântico, 2021

6.2. Análise do estado atual

O estado de degradação atual do edifício “Pérola do Atlântico” não corresponde com a requalificação urbanística envolvente e corrompe a imagem do local, sendo o objetivo recuperar a ligação outrora existente com o tecido urbano.

O edifício, continua isolado na sua parcela, pela delimitação de um muro, à exceção da zona oeste, o alçado virado para o mar, rodeado de espaços públicos e integrado na proposta de recuperação urbana.

Com o passar do tempo e devido ao fator de agressividade atmosférica marítima, a imagem exterior do edifício foi-se degradando, começando a prejudicar o seu interior, tornado impossível o acesso ao interior por motivos de insegurança.

Apesar da sua imagem degradada, a estrutura tradicional em pedra do edifício mantém-se intacta. A estrutura da cobertura é em madeira e originalmente foi revestida por telha cerâmica, tendo sido substituída por uma cobertura temporária de fibrocimento, como solução para resguardar o interior.

Os restantes elementos exteriores como, beirados, mosaicos cerâmicos figurativos, as caixilharias e as molduras ornamentais dos vãos, apesar de existentes sofreram desgaste ao longo do tempo.

O edifício é marcado pela sua verticalidade e é constituído por uma cave e mais quatro pisos, sendo que o último piso, corresponde a uma pequena torre que emerge na cobertura. Além disso, existem dois corpos horizontais que surgem no seu exterior, nas laterais do edifício, acompanhado o pé direito do piso térreo.

A cave tinha a funcionalidade de armazenar o equipamento relacionado com o alojamento balnear e a restauração. No piso térreo funcionava a zona de restauração, onde incluía uma cozinha, uma sala ampla de refeições, uma esplanada fechada e instalações sanitárias. O primeiro e segundo piso constituem a zona de alojamento com 14 quartos e 5 instalações sanitárias. Por fim, o último piso é dedicado à pequena torre ou torreão, que surge como um elemento de grande destaque e vistoso, dando a oportunidade de ter uma vista mais ampla sobre a marginal e o tecido urbano, posteriormente foi utilizada para dar acesso à cobertura para a sua manutenção. Os acessos verticais são feitos através de dois núcleos de escadas.



Figura 45 - Fachada do edifício, 2021



Figura 46 - Fachada do edifício, 2021



Figura 47 - Fachada do edifício, 2021



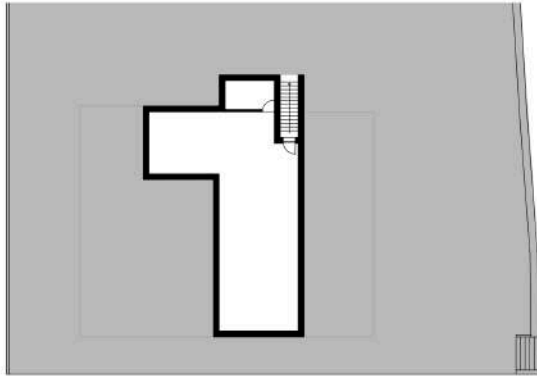
Figura 48 - Torreão do edifício



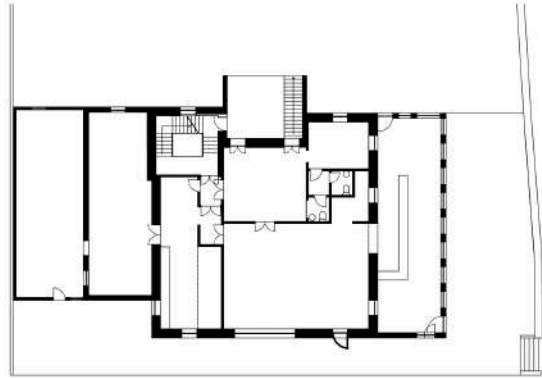
Figura 49 - Mosaico cerâmico figurativo



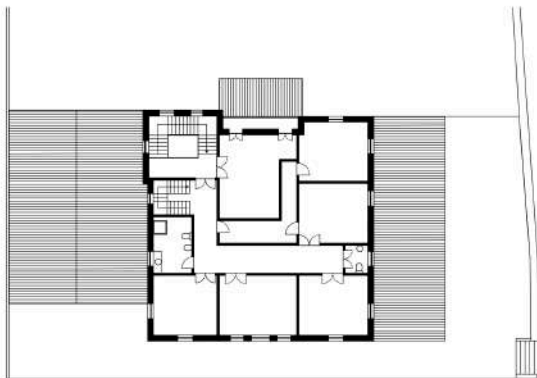
Figura 50 - Mosaico cerâmico figurativo



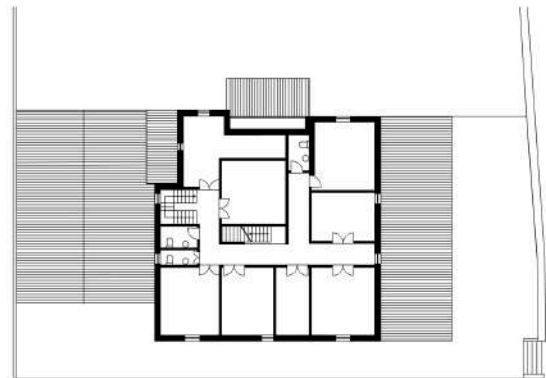
Planta Cave



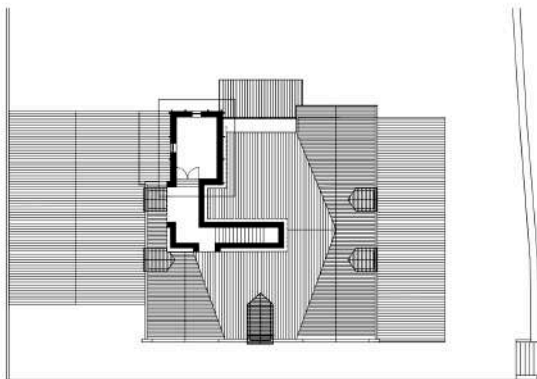
Planta Piso Térreo



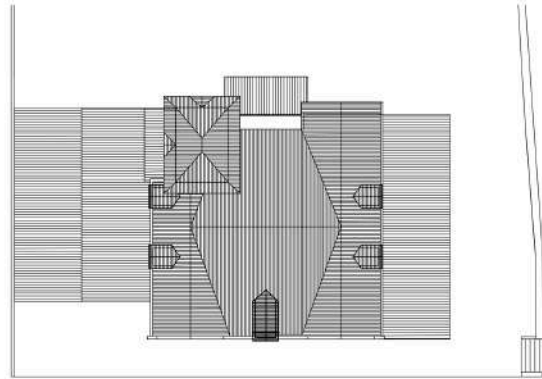
Planta Piso 1



Planta Piso 2



Planta Torreão

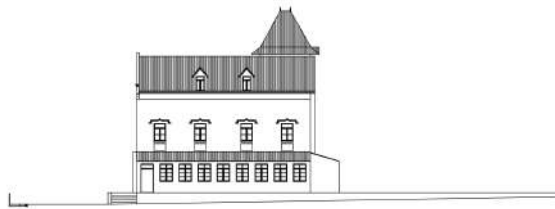


Planta Cobertura

Figura 51 - Plantas do levantamento à escala 1:500



Alçado Oeste



Alçado Sul



Alçado Este



Alçado Norte

Figura 52 - Alçados do levantamento à escala 1:500

6.3. Programa

De acordo com o carácter turístico e a com evolução desta zona, é fundamental trazer as memórias e as vivências, daí decorre o desenvolvimento da característica da atividade da apanha do sargaço, que a Apúlia protagonizou, a ponto de o sargaceiro e a atividade piscatória se ter transformado na imagem principal da Vila.

Na busca de fortalecer estas duas atividades carregadas de tradição, é proposto um programa de um estaleiro de reparações e manutenção de embarcações de pesca da Apúlia e um museu de exposições permanentes e temporárias, integrando também um espaço interpretativo de forma a dar a conhecer a memória histórica, cultural e social da Vila, não só visualmente mas, também, vivenciar essa tradição cultural

Desta forma, os visitantes poderão, simultaneamente conhecer parte da memória histórica, cultural, económica e social da população e experienciar as formas de construção e reparação das embarcações tradicionais, artesanato, pintura em azulejos e madeira.

Segundo o arquiteto Louis Sullivan e tendo como base a sua expressão “*A forma segue a função*”, é fundamental perceber que o edifício em causa, apresenta uma forma ligada à habitação e essa passagem para estaleiro de embarcações de pesca deve ser questionada, por isso, a ideia consiste na ampliação do espaço, através de dois corpos horizontais paralelos ao edifício e acompanhando a delimitação do terreno, criando uma ligação do edifício com o envolvente.

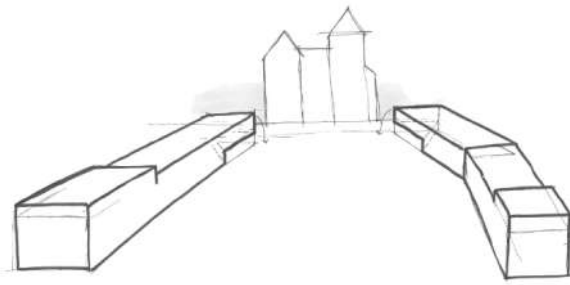
Os corpos horizontais tem a particularidade de serem descolados do edifício, intensificando a ligação da costa marítima com o tecido urbano.

Desta forma, restaura o vazio que existe em torno do edifício e respeita a construção que define esta área desde o século XIX.

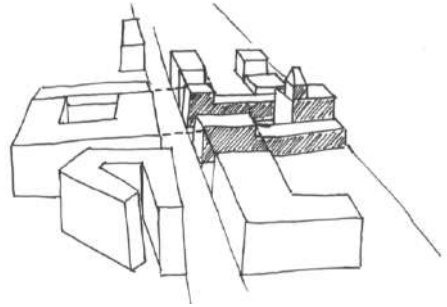
A reabilitação do edifício, como referido anteriormente, será destinada a um programa expositivo e interpretativo, mantendo intactas as linhas mestras e os marcos arquitetónicos do mesmo, com o objetivo de criar espaços que mantenham vivas as memórias da tradição da prática deste ofício de grande valor cultural.

No coração destes três elementos construtivos forma-se uma pequena praça, criando assim um espaço público para recuperar a ligação outrora existente entre o tecido urbano e a costa marítima, de forma a intensificar esta ligação existe os dois corredores de passagem entre as novas intervenções e o edifício Pérola do Atlântico, assim esta ligação

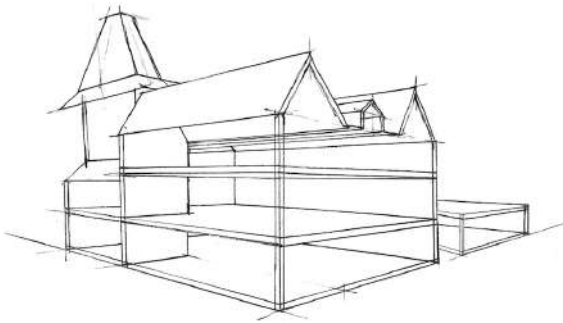
nunca será interrompida. Devido a limitação do terreno, estes dois corredores de passagem teriam uma dimensão reduzida, de forma a solucionar esta questão, foi proposto recortar parte do volume das intervenções permitindo assim, uma passagem pedonal mais ampla e confortável.



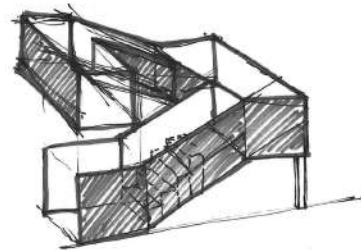
Estudo ligação costa marítima e tecido urbano



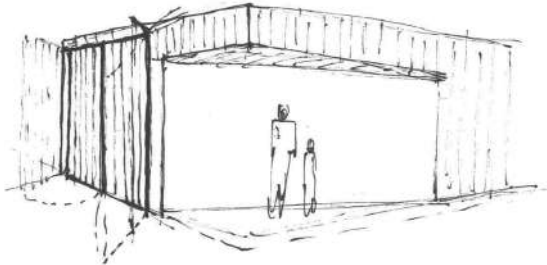
Estudo cércneas



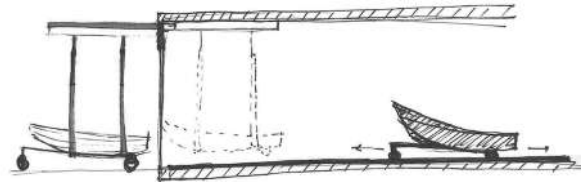
Estudo perspectiva interior



Estudo núcleo central



Estudo de recorte na intervenção



Estudo de guincho e carreira de barcos

Figura 53 - Esquissos de estudo da proposta



Figura 54 - Maqueta de estudo da proposta à escala 1:500

Relativamente ao programa do edifício Pérola do Atlântico, o espaço expositivo e interpretativo é distribuído pelos quatro pisos, sendo que, no piso térreo fica situada a receção ou zona de acolhimento para os visitantes, uma pequena loja de lembranças e a exposição permanente do museu relacionada com a história do próprio edifício e da cultura da Vila de Apúlia, como por exemplo, as miniaturas das embarcações de pesca, as peças de arte sacra da devoção marítima, os trajés dos sargaceiros e os utensílios de pesca.

O piso 1 será inteiramente destinado à sala temática, sendo o objetivo experienciar e vivenciar esta cultura, através de várias componentes ligadas à tradição da Vila, como o artesanato, a pintura em azulejos, o manuseamento e a pintura em madeira, dedicado às embarcações de pesca, entre outras atividades, como a organização de workshops, abrangendo público de todas as idades. A escolha deste piso para programa em causa, foi estrategicamente definido devido à maior incidência de iluminação natural em relação aos restantes pisos.

No segundo piso é proposto a sala de exposições temporárias, incorporando a temática de peças que constituem um importante espólio da cultura marítima.

Por fim, o terceiro piso é representado pelo torreão, dedicado a um espaço de contemplação de paisagem, com vista sobre a marginal e sobre o tecido urbano. Devido à área reduzida do torreão, o seu acesso é feito através de um elevador em vidro, garantindo, assim, o acesso a pessoas com mobilidade reduzida a todos os espaços do museu.

O principal acesso vertical do edifício é através de um núcleo central, composto por um elemento plástico e de aventura espacial, definido por uma mistura de patamares e degraus, a forma do acesso vertical é estrategicamente quadrangular para intensificar os alinhamentos e a forma do edifício.

Como peça central do museu, posicionado no centro do acesso vertical, é proposto fixar o barco “O Adamastor”, que representa um grande símbolo histórico da Vila de Apúlia, assim, este núcleo central funciona em torno do barco, reforçando a ideia de uma transição fluída e sequencial, pretendendo que todos os espaços se comuniquem fisicamente e visualmente, despertando curiosidade ao visitante e cativando-o a percorrer a totalidade dos espaços em torno desta peça principal.

Em relação às duas novas intervenções, caracterizadas pela sua imagem horizontal que acompanha o limite do terreno, são desenhadas e pensadas para referenciar e representar

os “edifícios abarracados”⁴³ da Vila de Apúlia, caracterizando os tipos de barracos construídos em madeira, com pranchas de pinho, como referência aos barcos dos pescadores, com uma forma estreita e alongada, representando um conjunto de vários barracos alinhados num só, onde cada um tinha uma porta de madeira suficientemente larga para ser possível “arrumar” o barco.

A relação das novas intervenções com o tecido urbano é um fator muito relevante para integrar com a imagem existente do local, tendo sido feito um estudo das cérceas do edifícios envolventes, acompanhando as dimensões dos edifícios adjacentes e trazer essas medidas para estes dois novos volumes, criando assim uma malha urbana com coerência.

Como referido anteriormente, é proposto um programa de um estaleiro de reparação e manutenção de embarcações de pesca da Apúlia, este programa é incorporado inteiramente numa das intervenções, que se pode dividir em duas partes, uma parte destinada à oficina e uma parte destinada à zona privada dos funcionários.

A oficina, por sua vez, é subdividida em cinco zonas, conforme o processo para a reparação e manutenção de embarcações, primeiramente está a zona de encalhe onde se dá a entrada e saída do barco através de um guindaste com estrutura móvel, de seguida está a zona de lavagem e decapagem, depois a zona de reparação e manutenção da madeira e do ferro, prosseguindo para o processo de calafetagem, onde é feito uma limpeza e a vedação das costuras do barco e como finalização está a última zona dedicada à pintura da embarcações.

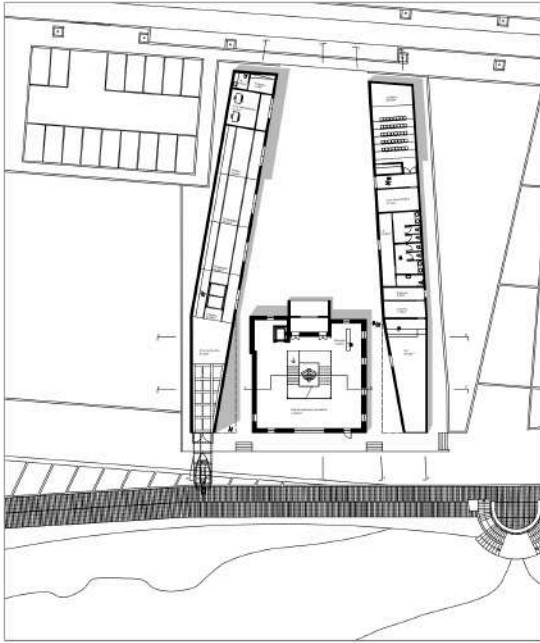
Em todo este processo, as embarcações são encaminhadas por uma carreira que suporta o atrelado, facilitando a deslocação do barco pelas diversas etapas.

Na parte destinada à zona privada dos funcionários, está incorporada uma sala administrativa, uma instalação sanitária e um vestiário, que é distinguido pelo seu duplo pé-direito, assim como a zona de finalização das embarcações.

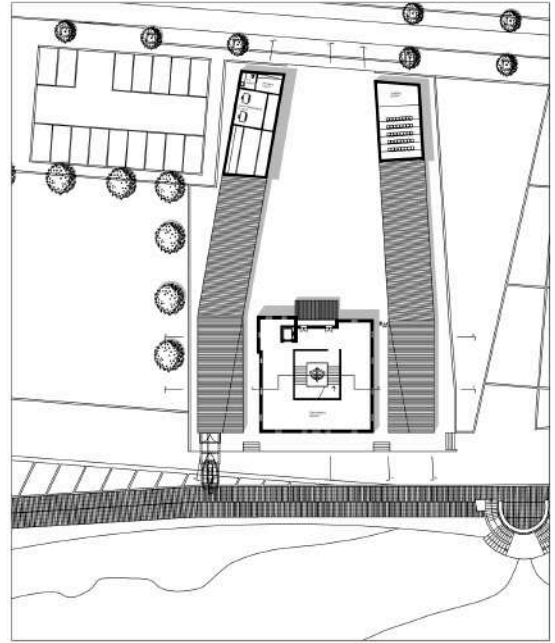
A ideia do estaleiro de reparação e manutenção das embarcações de pesca consiste em, manter viva a memória e a prática deste ofício que caracteriza a Apúlia, de forma a incentivar a população local e a despertar o interesse da comunidade, esta oficina funciona como um museu vivo, criando transparência para o interior, através de uma porta de madeira de duas folhas em cada zona da oficina, como a referência em causa, tornando assim visível do exterior para os visitantes.

⁴³ NEIVA, Manuel Albino Penteado - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000, Pág. 71

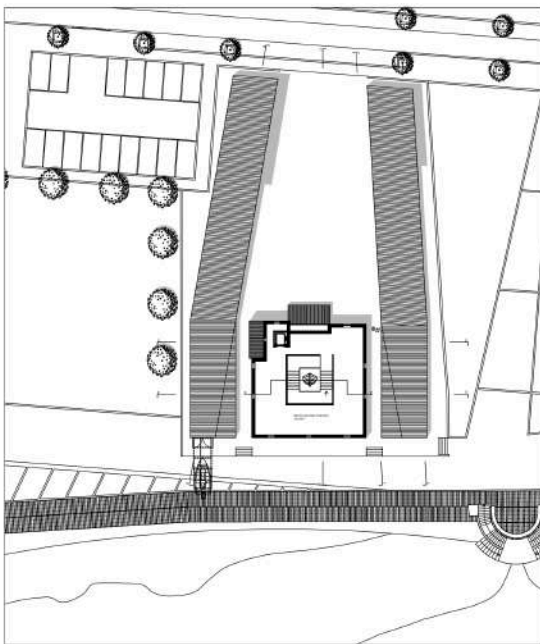
A segunda intervenção é distinguida pelo seu carácter social, que pretende servir toda a comunidade, servindo também de apoio ao museu interpretativo e ao estaleiro de embarcações. Sendo proposto um auditório com 40 lugares, que é demarcado pelo duplo pé-direito, uma sala de administração, instalações sanitárias, e um bar com vista para a marginal, com apoio de uma cozinha e dispensa.



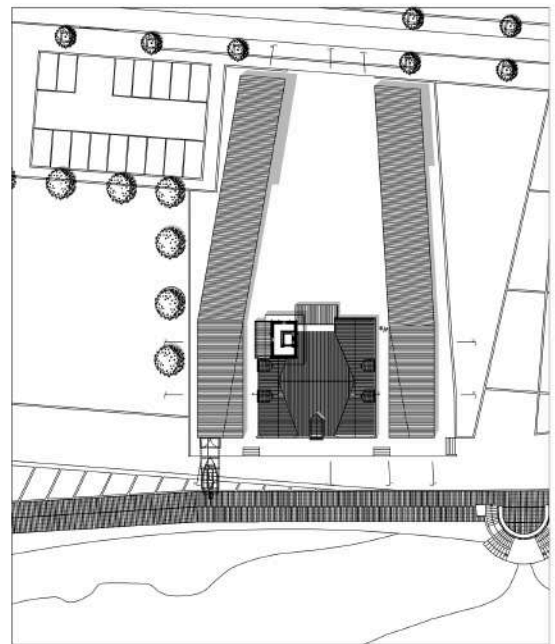
Planta Piso Térreo



Planta Piso 1



Planta Piso 2



Planta Torreão

Figura 55 - Desenhos técnicos da proposta à escala 1:1000

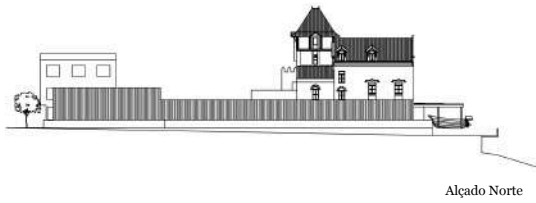
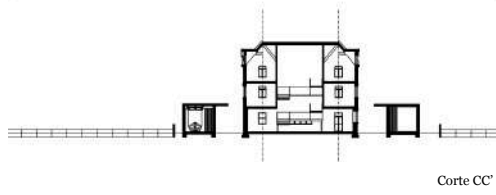
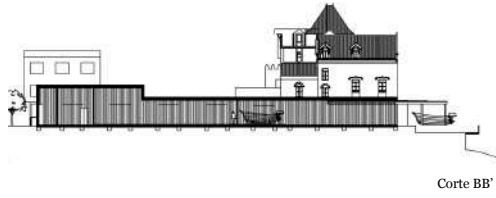
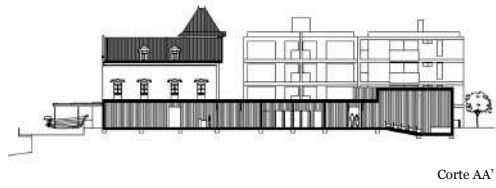


Figura 56 - Desenhos técnicos da proposta à escala 1:1000

6.4. Intervenção arquitetónica

Os edifícios antigos representam o património construído, contendo em si uma parte da história e da cultura do Homem, demonstrando, também, os métodos construtivos da época, centrado essencialmente no uso de materiais naturais do local.

As várias circunstâncias como a mudança do uso e as agressões do espaço envolvente foram aspetos que contribuíram para a degradação do edifício em estudo, sendo fundamental intervir em prol da sua reabilitação.

Este projeto de reabilitação do edifício do Pérola do Atlântico, consiste na manutenção das fachadas, de forma a manter a sua imagem original e reforçando estas paredes estruturais em pedra; consiste também na substituição das coberturas, mantendo o seu método construtivo; e consiste na limpeza e remoção dos elementos no interior do edifício, devido ao nível de degradação das lajes, das paredes não estruturais e dos acessos verticais.

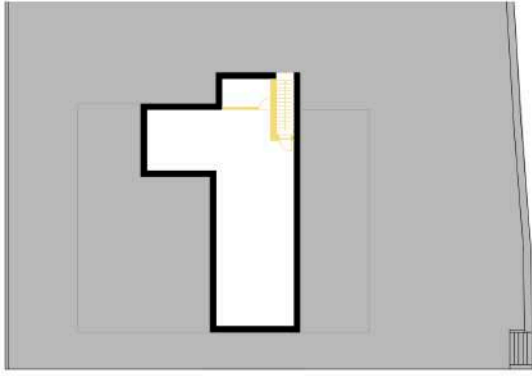
É proposto, primeiramente, a demolição dos dois volumes que se encontram nas laterais do edifício no seu exterior, não pertencendo à construção original do Pérola do Atlântico.

De seguida, todas as fachadas, assim como a sua estrutura, serão mantidas e reforçadas com uma rede eletrossoldada e betão projetado, dando resistência horizontal prevenindo a força dos ventos e a atividade sísmica, apesar de escassa mas provável devido a estar localizado numa zona costeira. Posteriormente, rebocadas e pintadas, à exceção da zona com a estrutura de pedra à vista no piso térreo.

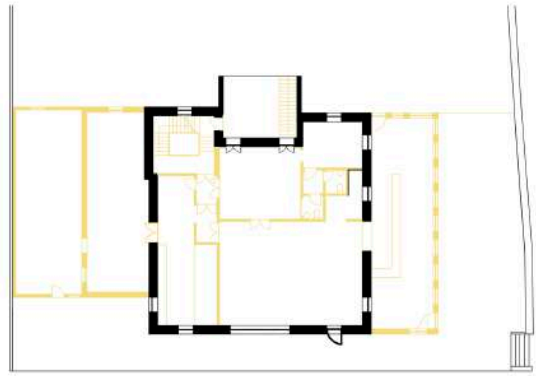
No que respeita aos elementos exteriores, aposta-se na sua manutenção e recuperação, sem promover alterações quando é proposto a sua substituição, como as caixilharias em alumínio e os elementos decorativos em madeira.

As cantarias são em pedra aparelhada, encontrando-se em bom estado de conservação, quanto às golas e molduras ornamentais são em reboco sendo necessária a sua manutenção e recuperação. Em relação aos diversos mosaicos cerâmicos figurativos, que se encontram a baixo dos vãos, é proposto a sua manutenção e recuperação, sendo que, na maioria dos mosaicos estão em bom estado de conservação.

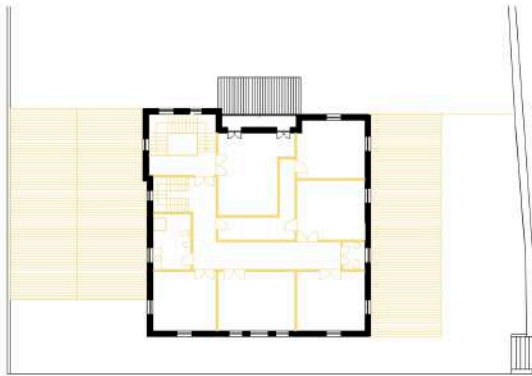
Devido à degradação da cobertura do edifício e da cobertura do torreão, é proposto a sua substituição mantendo a imagem original de construção através da estrutura de asna em madeira e revestida em telha lusa.



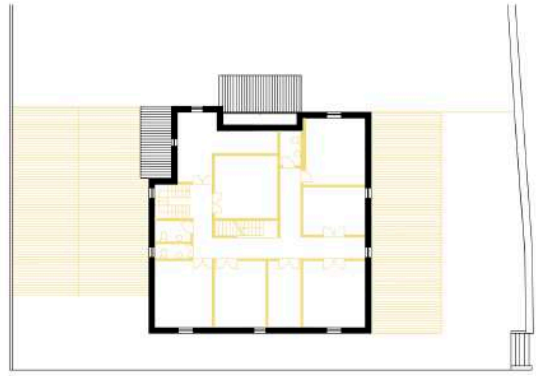
Planta Cave



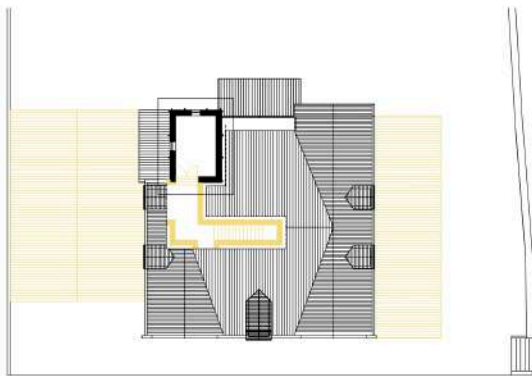
Planta Piso Térreo



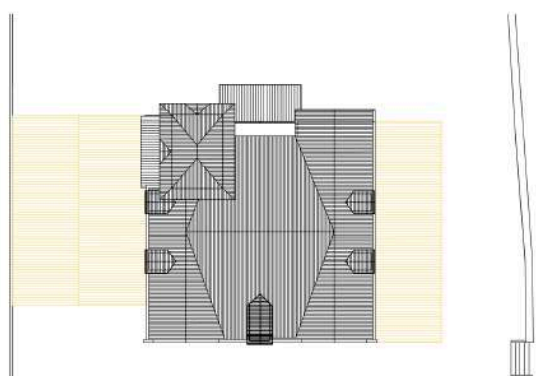
Planta Piso 1



Planta Piso 2



Planta Torreão

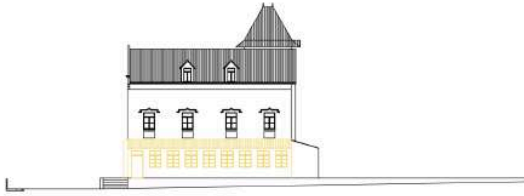


Planta Cobertura

Figura 57 - Plantas de zonas a demolir à escala 1:500



Alçado Oeste



Alçado Sul



Alçado Este



Alçado Norte

Figura 58 - Alçados de zonas a demolir à escala 1:500

As lajes de piso serão reconstruídas através de uma cintagem interna feita numa cantoneira metálica, garantindo a ligação entre as paredes de pedra, mantendo um comportamento estrutural adequado e funciona como suporte do novo pavimento, através de vigas de madeira à vista e posteriormente revestido em soalho de madeira.

A circulação vertical é projetada por duas formas, por um elevador em vidro para criar transparência na imagem do edifício, alinhado com o torreão, dando acesso ao mesmo, e por um núcleo central quadrangular desenhado com uma mistura de patamares e degraus revestidos a madeira e com uma estrutura metálica, revestindo a estrutura no lado inferior em metal cinza escuro, dando continuidade até formar as guardas, contrastando assim a pedra e a madeira utilizados em todo o edifício, sendo este núcleo fechado no 1º e 2º piso por uma caixa em betão armado.

A proposta construtiva para os dois corpos longitudinais, como referido anteriormente, é uma referência aos “edifícios abarracados” da Vila de Apúlia. Adotou-se, assim, uma estratégia construtiva em madeira, desde a estrutura até ao revestimento, com a exceção da zona de encalhe, na intervenção destinada ao estaleiro, onde se dá a entrada e saída das embarcações através de um guindaste em estrutura metálica, que devido à acentuada carga aplicada é proposto uma estrutura metálica para maior resistência.

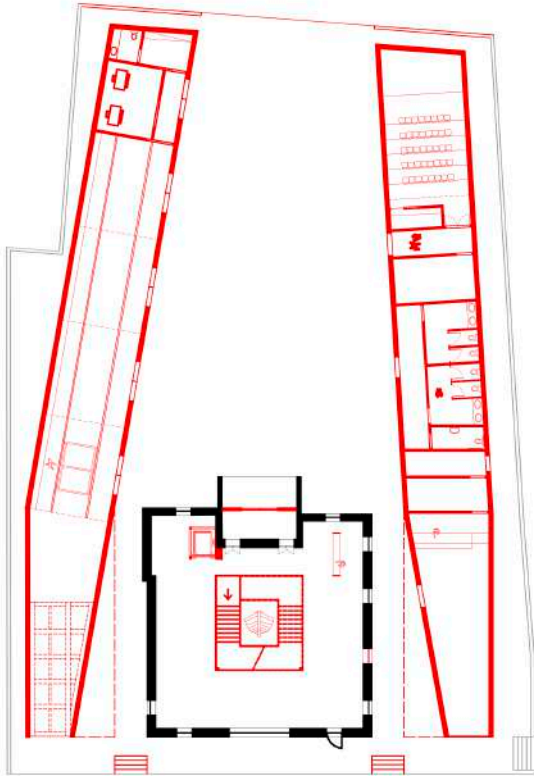
A estrutura, tanto a de madeira como a metálica, assenta numa rede enterrada de fundações em betão armado, a ligação entre estes dois materiais construtivos é feita através de conectores metálicos ocultos que permitem unir os pilares de madeira com as fundações de betão. As ligações entre os pilares e as vigas de madeira são compostas por encaixes e por juntas metálicas.

É pretendido que toda a estrutura e revestimentos fiquem visíveis, como referência às embarcações de pesca e aos barracos de madeira, de forma a recuperar a memória e as tradições da Vila de Apúlia.

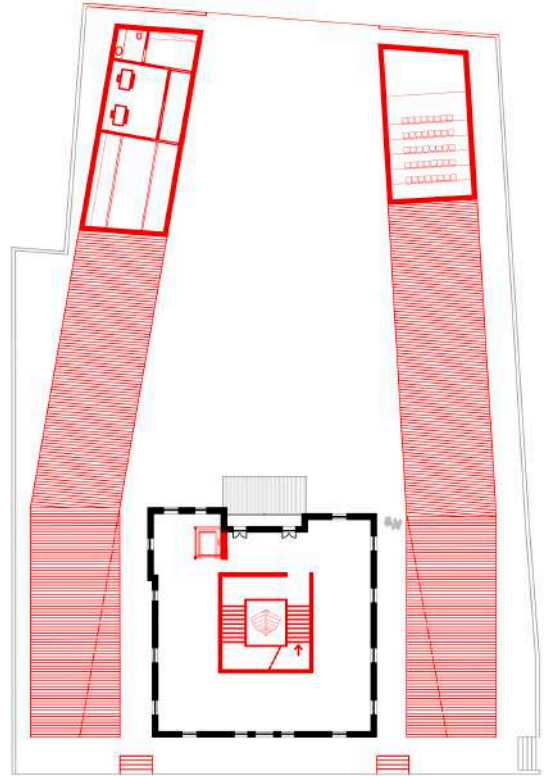
Para o pavimento do estaleiro de embarcações, é proposto um piso em betão armado, devido a ser um local de trabalho que funciona como uma oficina de embarcações. Relativamente ao pavimento da intervenção destinada a um espaço mais social, é pretendido revestir com soalho de madeira, tornando num local mais confortável. A instalação do bar na extremidade mais próxima da marginal, foi estrategicamente pensada de forma a ser um ponto de passagem quase obrigatório e dando a oportunidade de contemplar a vista para o mar usufruindo de um momento de lazer.

Os dois corpos longitudinais serão revestimentos com pranchas de pinho, tanto na cobertura como nos alçados.

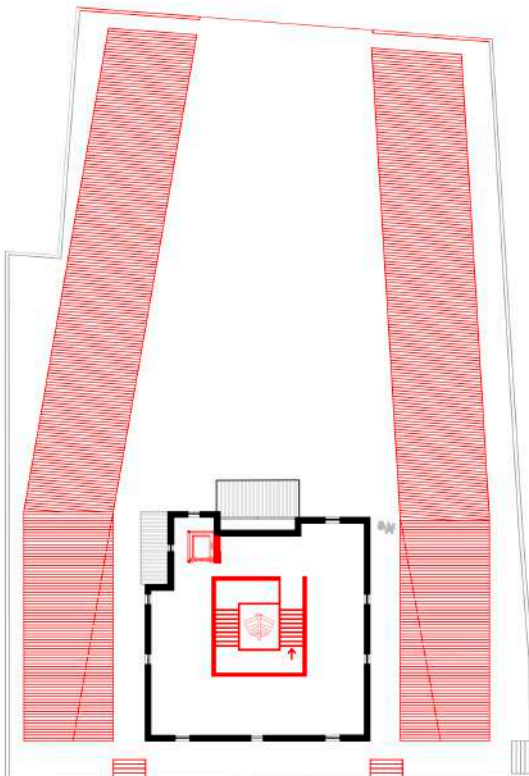
Nos alçados as pranchas serão pregadas na vertical, assim como em todas as portas exteriores, dando continuidade a esta linguagem das intervenções.



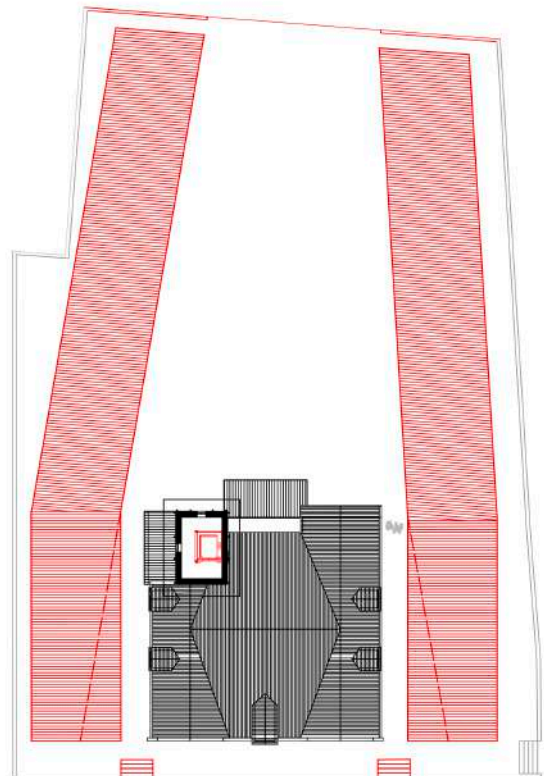
Planta Piso Térreo



Planta Piso 1



Planta Piso 2



Planta Torreão

Figura 59 - Plantas de zonas acrescentar à escala 1:500

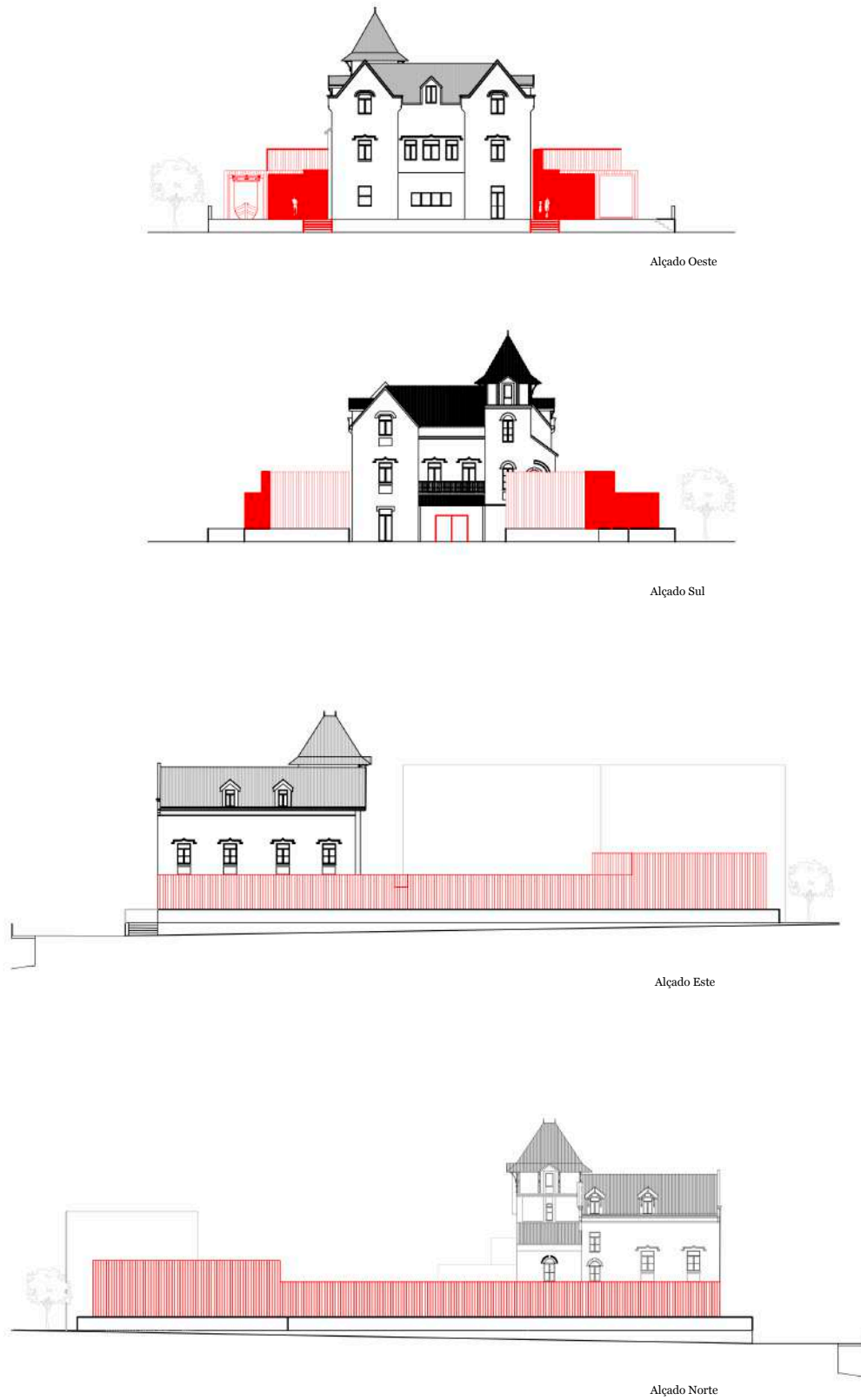


Figura 60 - Alçados de zonas acrescentar à escala 1:500

7. Considerações Finais

As transformações urbanas são um fenómeno que resultam do ato humano e do ato de habitar, confrontando-se com estados de mutação continuada que conduzem a novos desafios urbanos e novas formas urbanas, estando sempre ligado e evoluindo conforme a história e as circunstâncias do local.

Apesar das diferentes transformações do tecido urbano e do conjunto edificado ao longo do tempo, a existência de vestígios que remetem ao passado histórico é notável.

Na arquitetura, a reabilitação de edifícios tornou-se fundamental a vários níveis de interesse, tornando-se num elemento que permite fazer uma abordagem histórica, preservando o seu passado, dando-lhe uma nova vida.

A presente dissertação teve como objetivo a reabilitação de um edifício situado no centro da Apúlia, de forma a recuperar a memória do local e recuperar a ligação outrora existente entre o mar e o tecido urbano, e assim dar resposta as questões que surgiram inicialmente: De que forma podemos intervir de modo a recuperar a história e as tradições do lugar? Como podemos evidenciar a ligação entre a costa marítima e o tecido urbano?

Após o resultado final desta dissertação, através do programa proposto de reabilitação e intervenção, entende-se, que as questões que suscitaram a investigação foram respondidas.

Em suma, compreender e conhecer a evolução da forma urbana a nível espacial e temporal, é fundamental para uma intervenção cuidada, que desenvolva soluções para resolver as problemáticas que surgem ao longo do tempo e que afetam tanto a comunidade com o próprio tecido urbano.

Bibliografia

AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004

ARX PORTUGAL (04 de 04 de 2022), *Centro Sócio-Cultural Da Costa Nova*, Obtido de ARX: <https://arx.pt/projecto/centro-socio-cultural-da-costa-nova/>

CARRIÓ, Juan Monjo - *Tratado de Rehabilitacion*, Madrid, 1999, Vol.2

CARVALHO, Rodrigues Guedes de - *Daqui A Nada*, Lisboa, 2005

CORREIA, David Alexandre Leitão - *Apúlia, Processo de Transformação Morfológica numa Frente Marítima*, Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo. Escola Superior Gallaecia, 2013

DIAS, Jorge - *Construções circulares no litoral português: contribuição para o estudo das construções circulares no noroeste da Península Ibérica*, in “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, Vol. XI, Porto

EUROPACONCORSI (05 de 06 de 2021) *José María Sánchez García > Templo de Diana*, Obtido de HIC: <http://hicarquitectura.com/2013/07/jose-maria-sanchez-garcia-templo-de-diana/>

FIGUEIREDO, Antero de - *Senhora do Amparo: Dois perfis: Um curandeiro de obsessos: Uma Cura de Almas*, Porto, 1926.

GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *A apanha do sargaço no Norte de Portugal*, Porto, 1958

ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1964-carta_de_venezaii_congresso_internacional_de_arquitetos_e_tecnicos_de_monumentos_historicos_icomos.pdf?x99371

ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>

ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanoorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1987__carta_internacional_para_a_salvaguarda_das_cidades_historicas-icomos.pdf?x99371

ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanoorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1994-declaracao_de_nara_sobre_autenticidade-icomos.pdf?x99371

ICOMOS (03 de 04 de 2022), *Património Cultural*, Obtido de Património Cultural: https://culturanoorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/2000__carta_de_cracovia_sobre_os_principios_para_a_conservacao_e_o_restauro_do_patrimonio_construido-conferencia_internacional_so.pdf?x99371

LEITÃO, Joaquim - Guia Ilustrado de Espozende, Porto, 1908

MENÉRES, António - Arquitecturas do Concelho, Espozende entre o Atlântico e as suas terras, Espozende, 2018

MIRANDA, F. (s.d.). Centro Contemporâneo de Arquitectura. Reabilitação da antiga Fábrica do Ouro. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. Porto: Universidade do Porto

NEIVA, Manuel Albino Penteado - Apúlia na História e na Tradição, Apúlia, 2000

PDM, ratificado por Resolução do Conselho de Ministros nº31/94, de 07 de Abril de 1994, publicado no Diário da República nº111/94, série I-B de 13/05/94

Portugal, Torno 8º

RAMOS, L. A. O. - Fomento Rural na Estela (fins dos séculos XVIII, princípios do século XIX, in “Boletim Cultural da Póvoa de Varzim”, Vol. XVI, Nº1

SAMPAIO, J. O. M. - A residência secundária em Espozende: Estudo sobre o impacto da residência secundária na dinâmica e organização do território de um concelho do Litoral Norte de Portugal Continental e periférico à Área Metropolitana do Porto, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Porto: Universidade do Porto, 1998

SILVA, Gastão de Brito - Portugal em Ruínas, Lisboa, 2014

TORRES, Laurentina e BARBOSA, Francisco Sérgio Duarte - Reviver Apúlia, Apúlia, 2008

VIEIRA, J. da Silva, O Povo Esposendense nº210, Esposende, 26 de julho 1896

VIEIRA, J. da Silva, O Povo Esposendense nº523, Esposende, 15 de agosto 1902

Índice de Painéis

1 - Localização

2- Levantamento, Escala 1:250

3 - Conceito, Planta de Cobertura e Alçado Norte, Escala 1:200

4 - Programa, Planta Piso Térreo, Planta Piso 1, Corte BB' e Corte EE', Escala 1:200

5 - Programa, Planta Piso 2, Planta Torreão, Corte CC' e DD', Escala 1:200

6 - Programa, Alçado Sul, Alçado Este, Alçado Oeste, Corte AA' e Corte FF', Escala 1:200

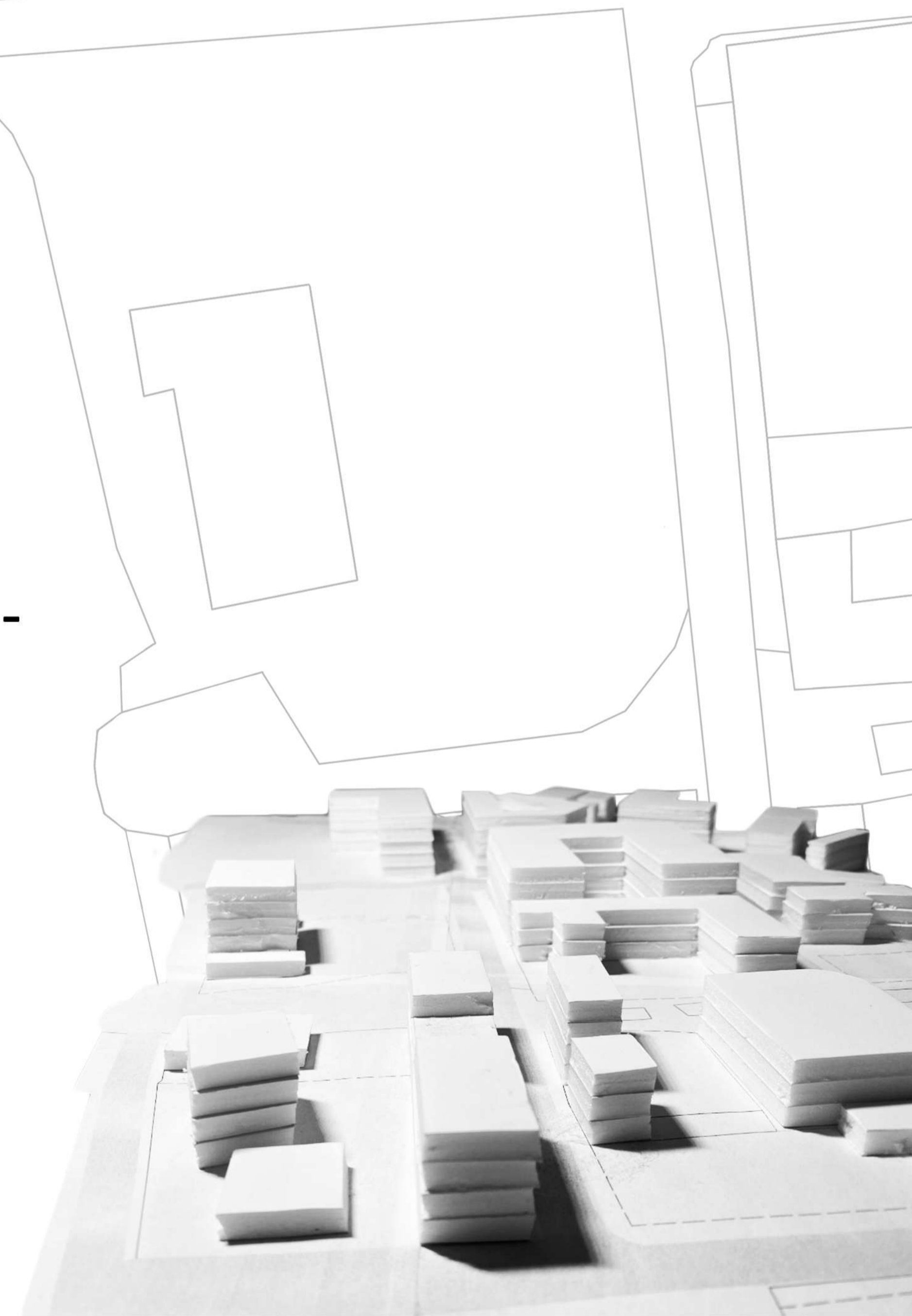
7 - Pormenor Construtivo, Escala 1:25 e Escala 1:10

LOCALIZAÇÃO



Localizado na frente da marginal do aglomerado urbano da Vila de Apúlia, no concelho de Esposende e sendo denominado como a Casa do Cónego ou posteriormente como o Pérola do Atlântico, este edifício contém um logradouro e encontra-se integrado numa área urbana requalificada recentemente.

Como o próprio nome indica, e apesar da atual degradação, esta é uma das construções com maior grandeza e que mais se destaca na zona, tendo sido construída no século XIX, como casa de férias junto ao mar, numa zona dedicada à apanha do sargaço,



INTERVENÇÃO URBANA NA VILA DE APÚLIA I Reabilitação Arquitetónica do Pérola do Atlântico I Daniela Costa 36028 I Universidade da Beira Interior
 Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura I 2021/2022

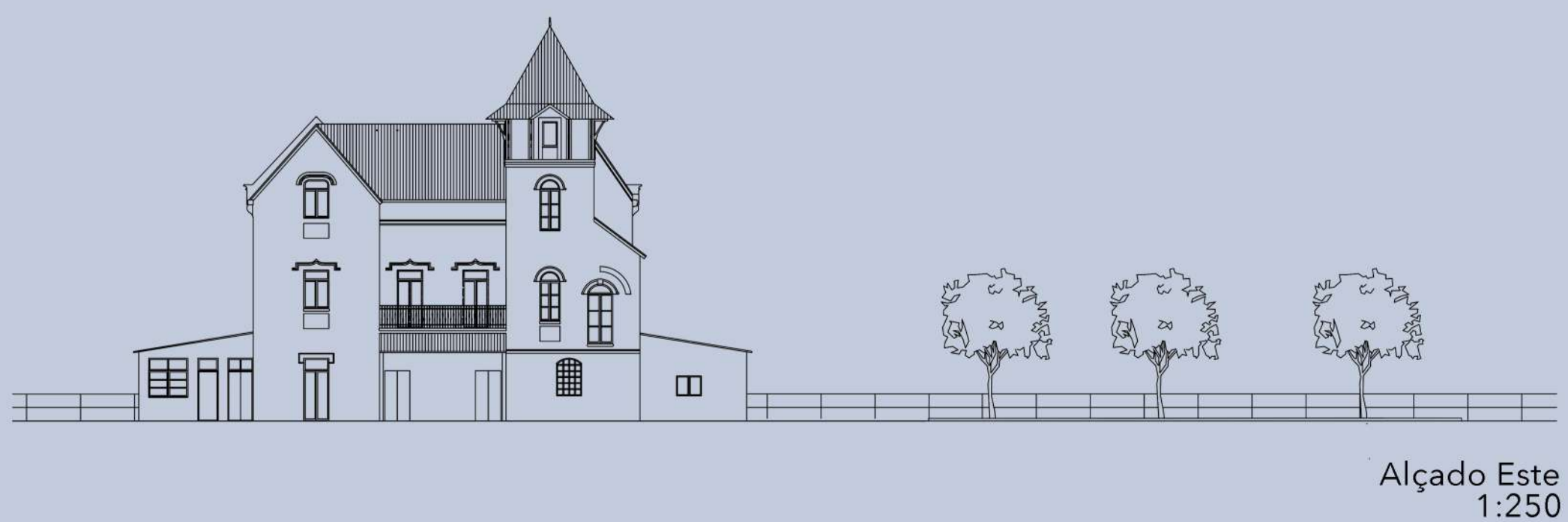
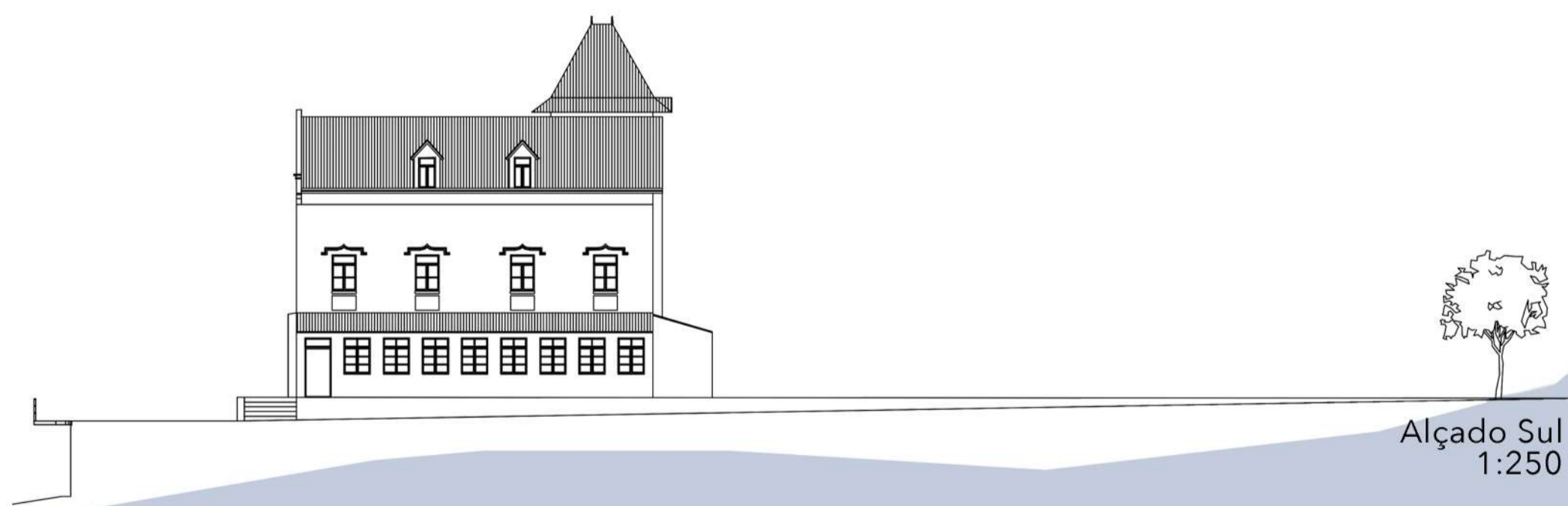
O edifício Pérola do Atlântico foi construído em 1875 como palacete, sendo que, posteriormente sofreu uma alteração para alojamento balnear e atualmente o edifício encontra-se em estado de abandono.

É marcado pela sua verticalidade e é constituído por uma cave e mais quatro pisos, sendo que o último piso, corresponde a uma pequena torre. Além disso, existem dois corpos horizontais que surgem no seu exterior, nas laterais do edifício.

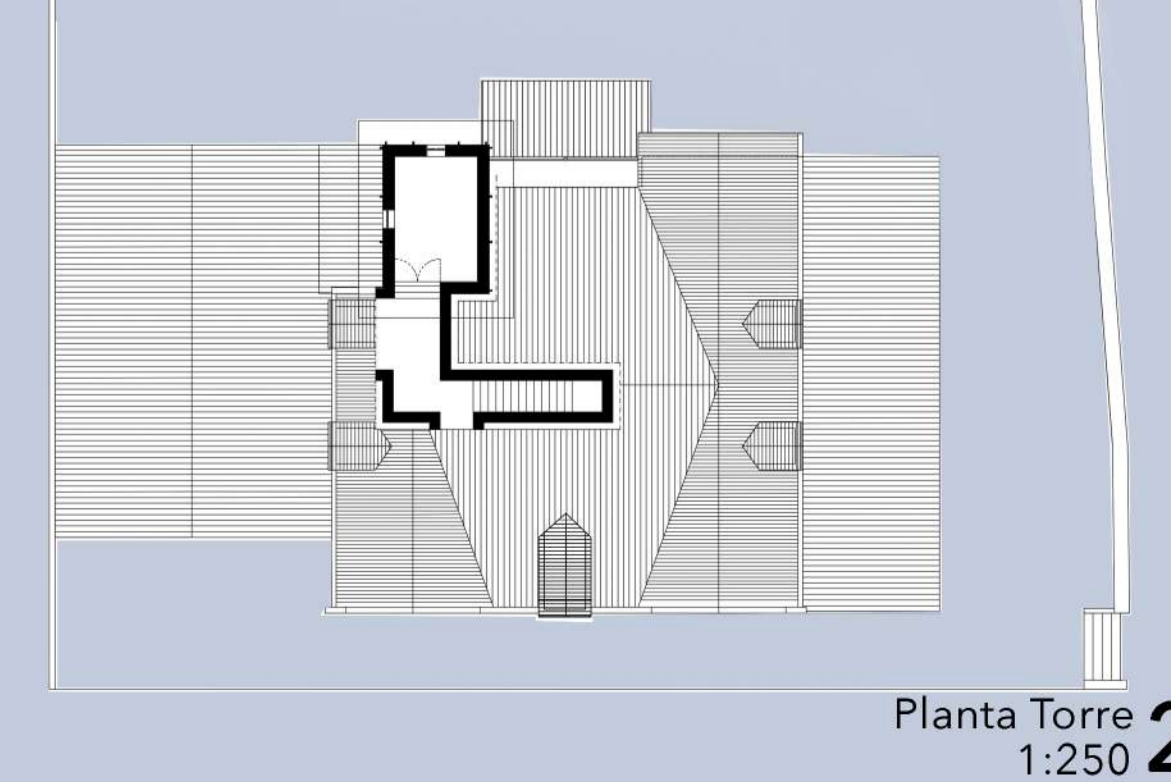
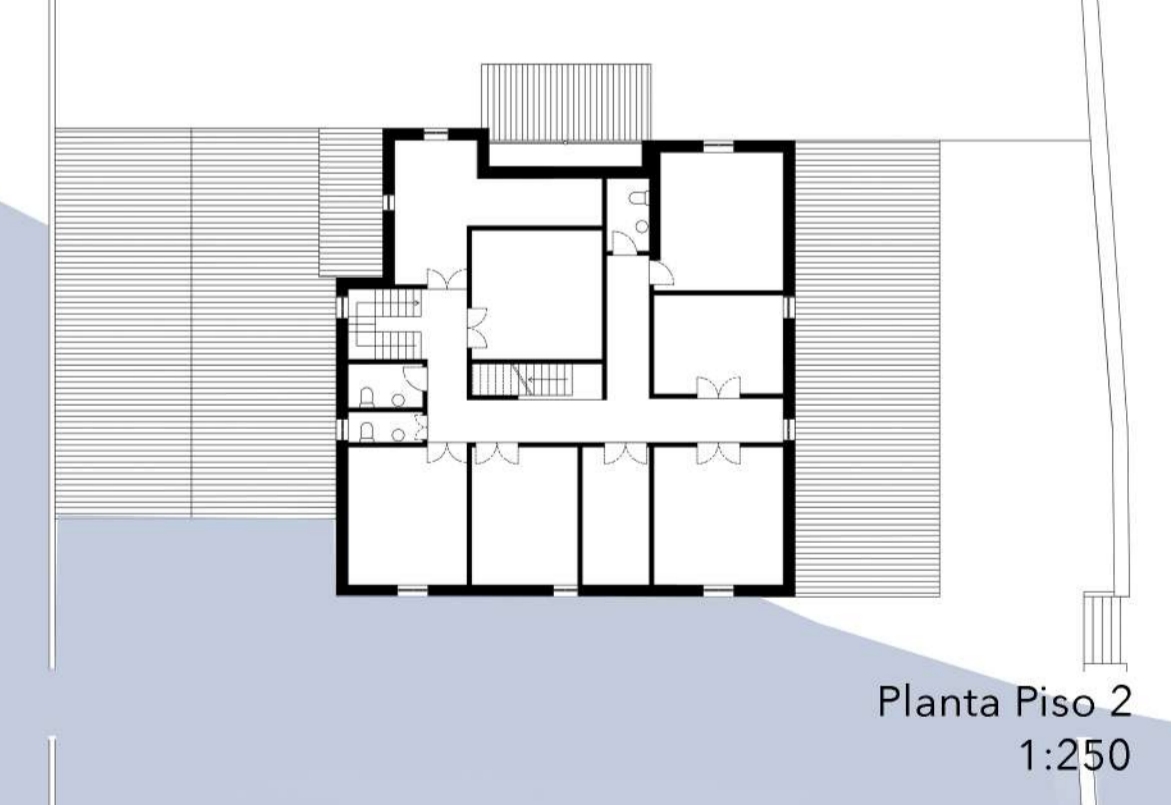
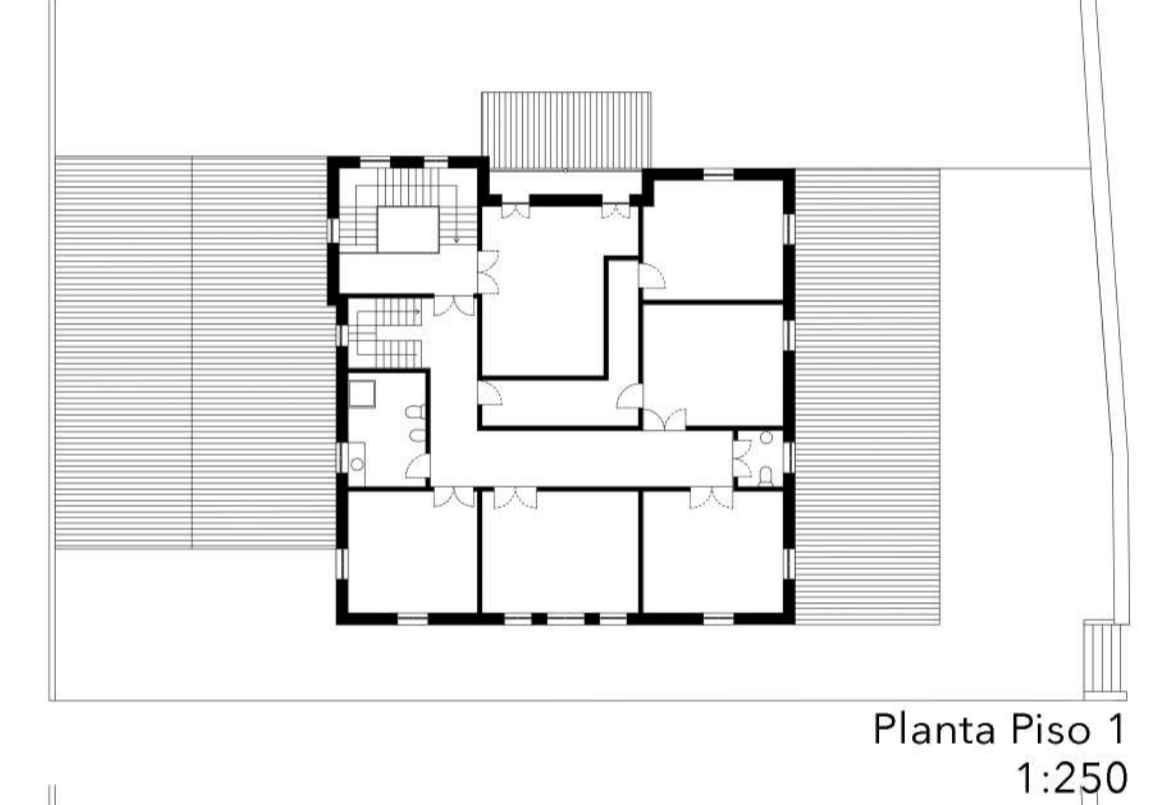
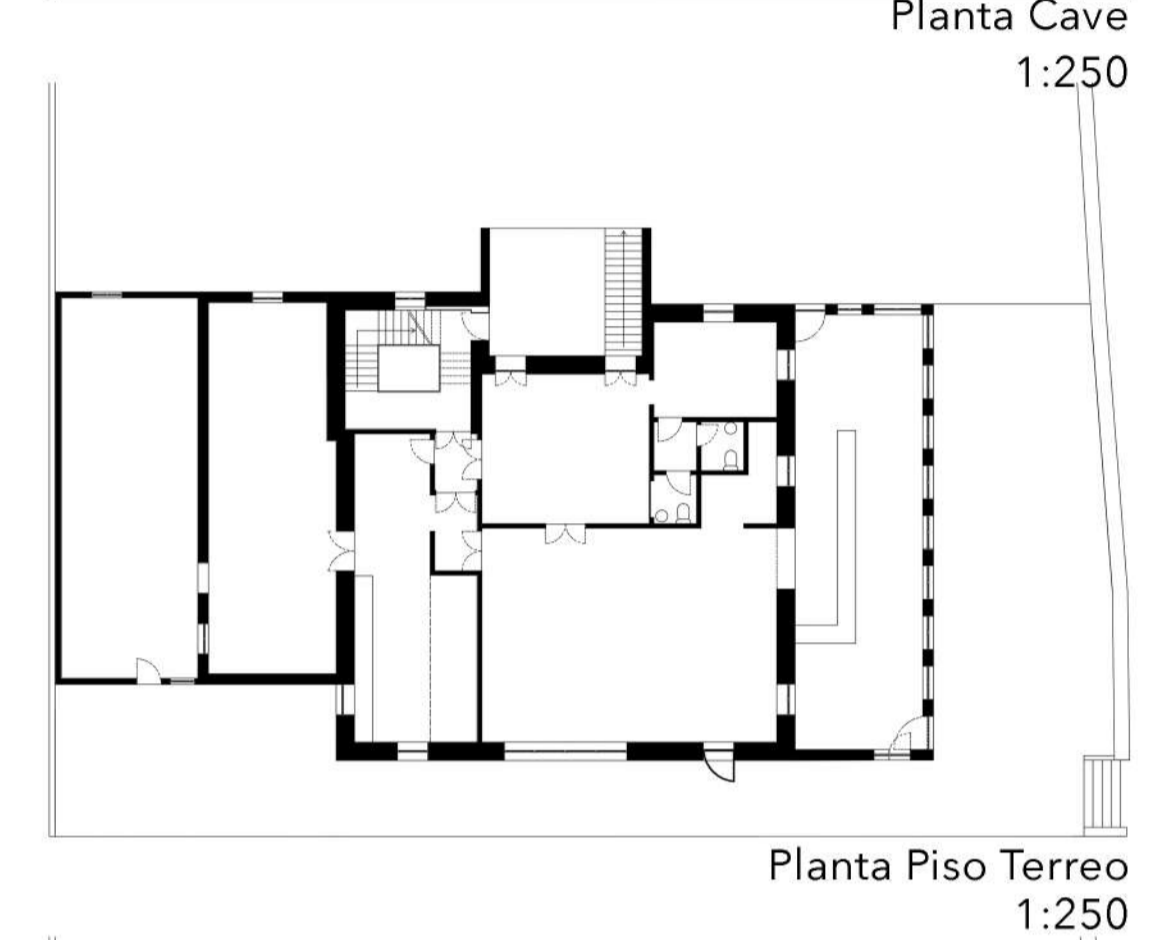
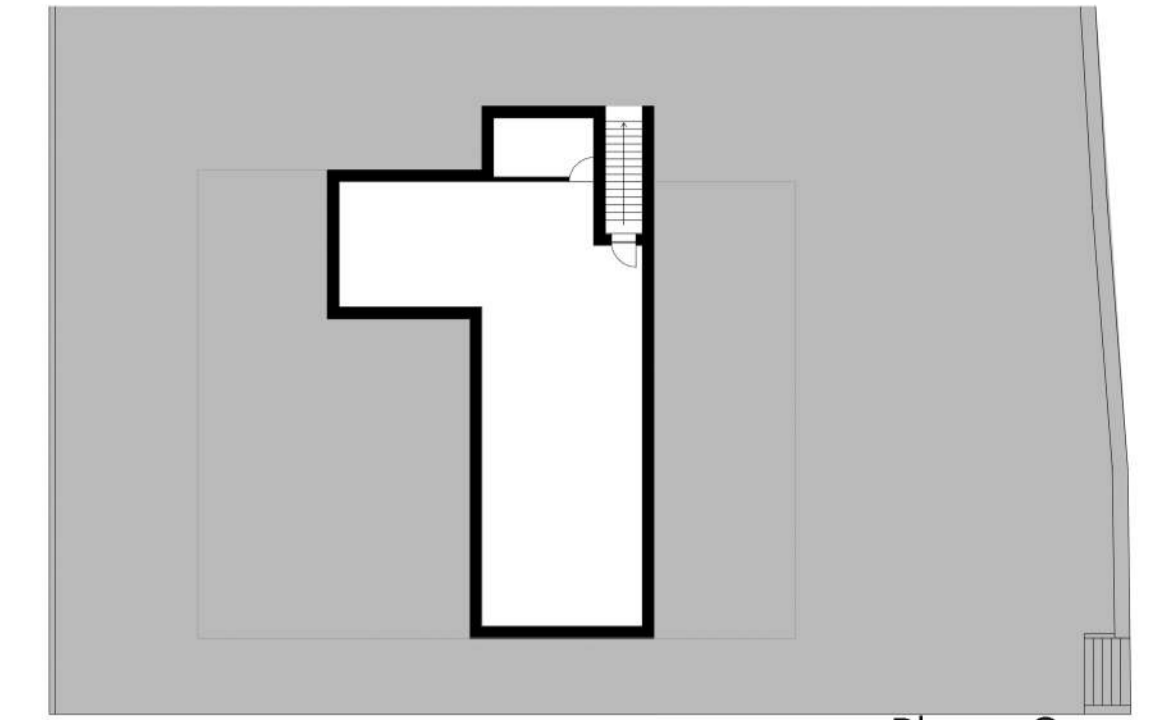
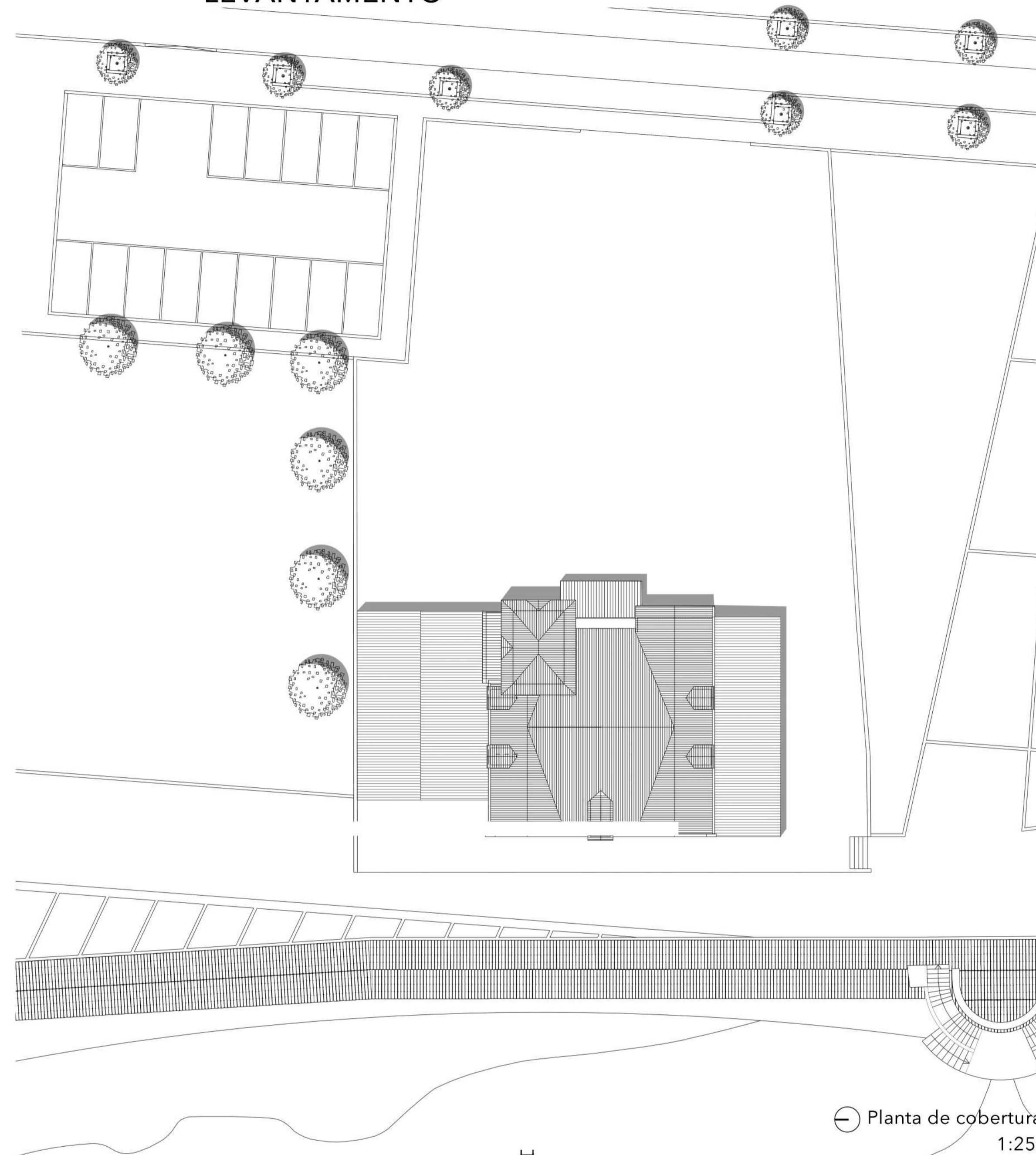


As várias circunstâncias como a mudança do uso e as agressões do espaço envolvente foram aspetos que contribuíram para a sua degradação, sendo fundamental intervir em prol da sua reabilitação.

Este projeto de reabilitação, consiste na manutenção das fachadas, de forma a manter a sua imagem original e reforçando estas paredes estruturais em pedra; consiste também na substituição das coberturas, mantendo o seu método construtivo; e consiste na limpeza e remoção dos elementos no interior do edifício, devido ao nível de degradação das lajes, das paredes não estruturais e dos acessos verticais.

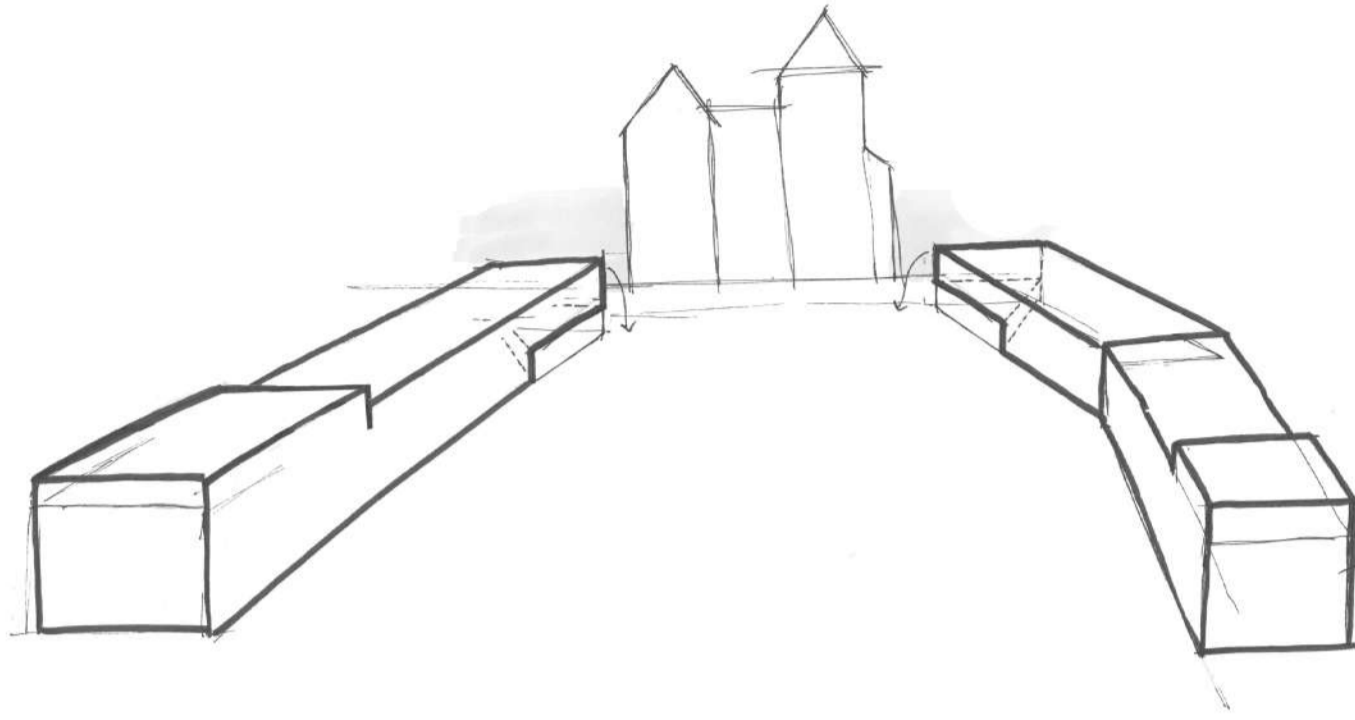


LEVANTAMENTO

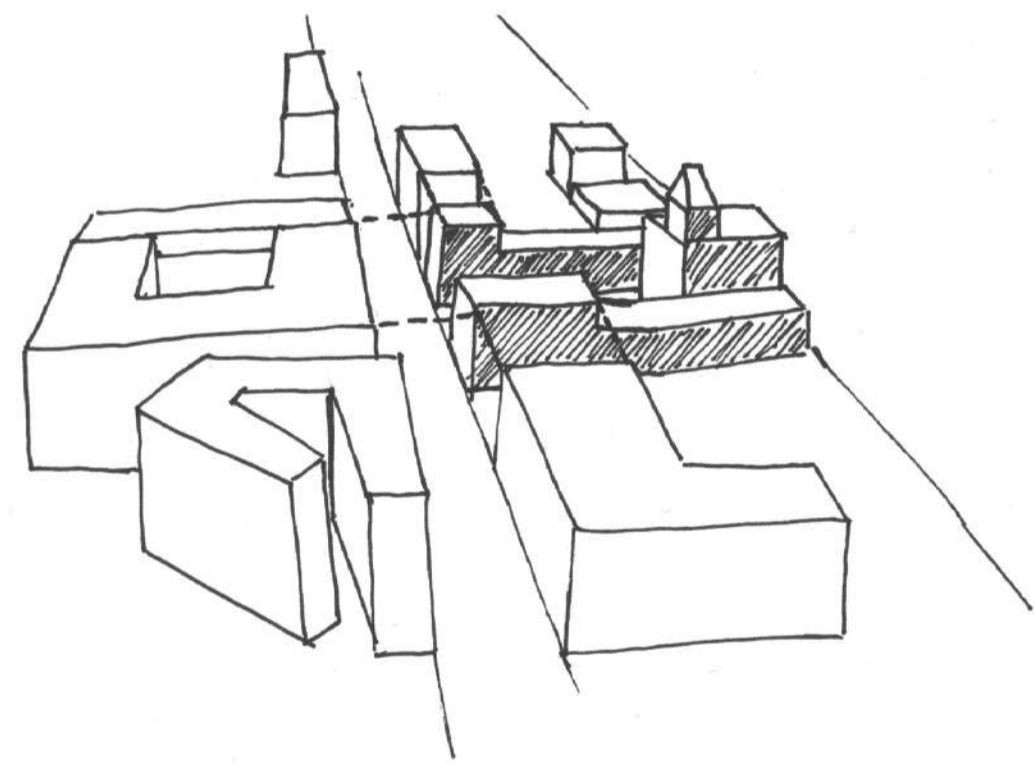


CONCEITO

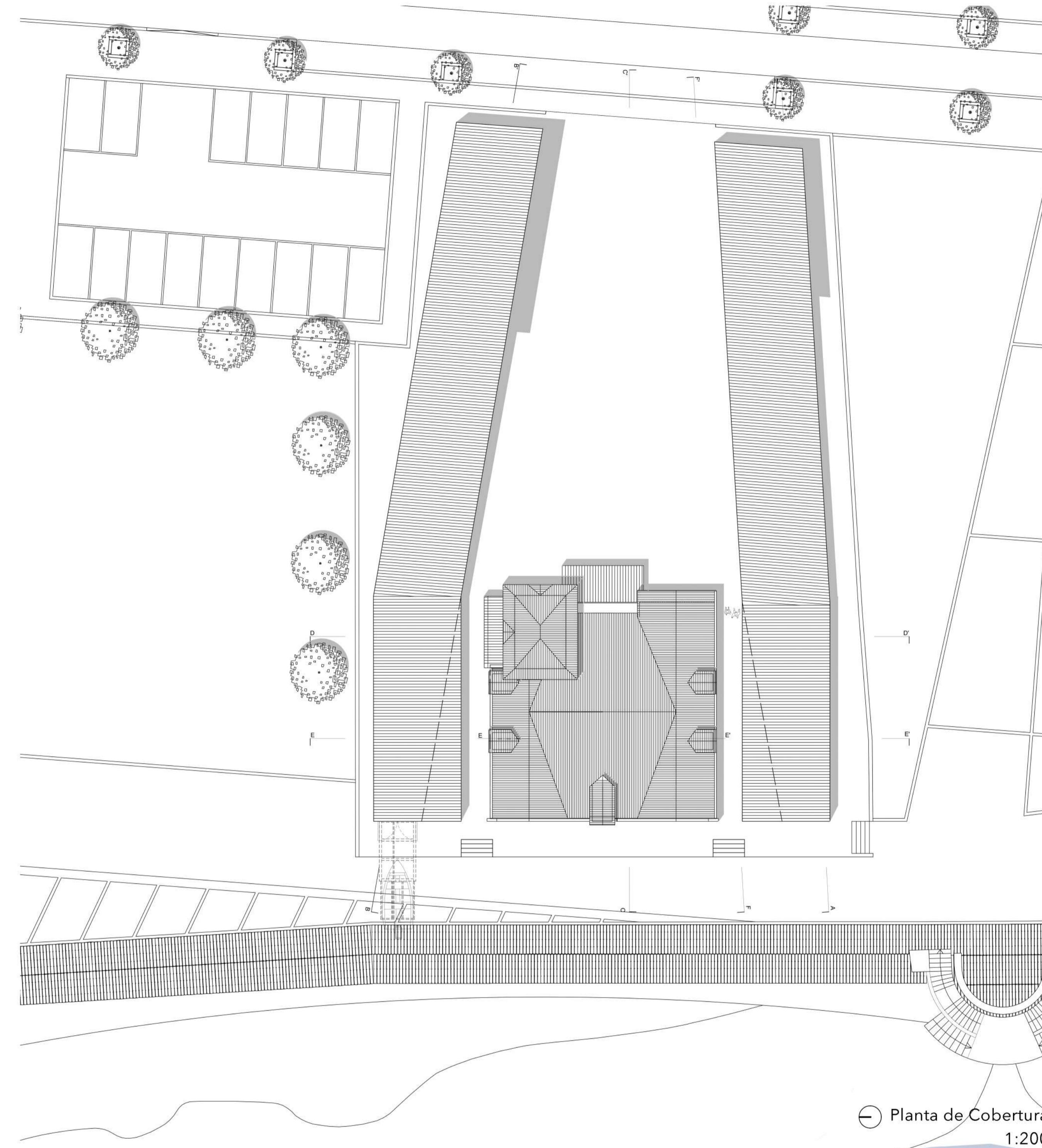
O Pérola do Atlântico tornou-se um elemento “dinamizador de paisagem e de sítio”, por isso, recuperar a memória e as tradições é importante para reinserir a imagem do local, de forma a recuperar a ligação outrora existente entre a Vila e o edifício, e entre o **costa marítima** e o **tecido urbano**.



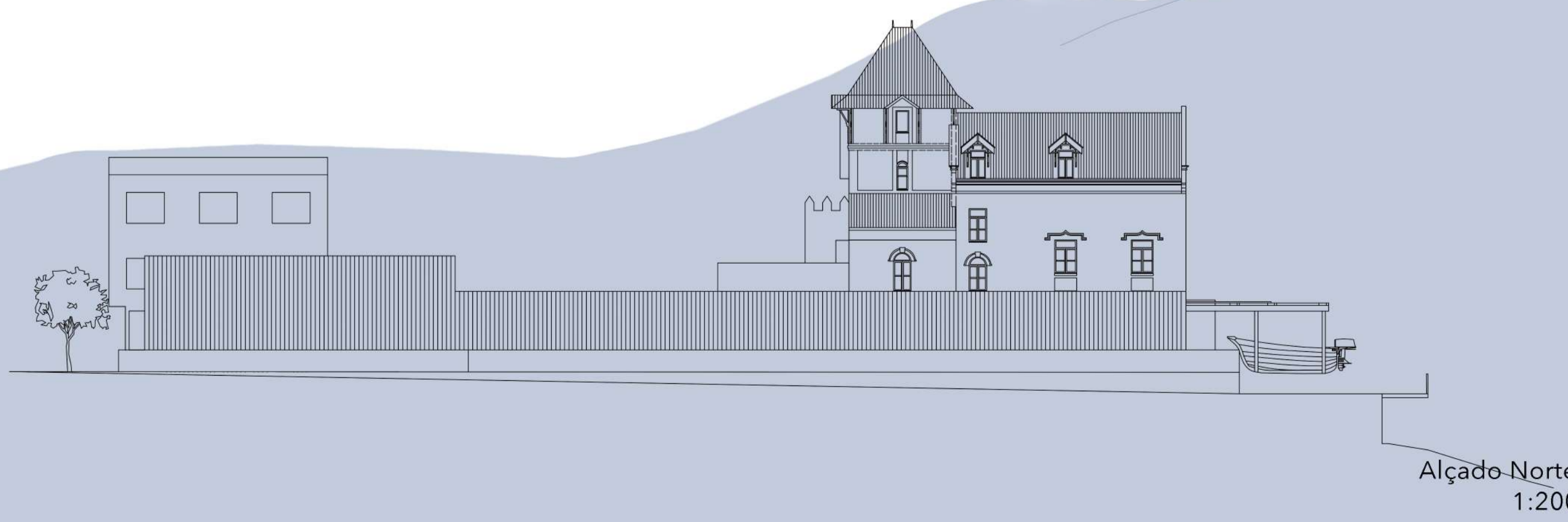
A relação das novas intervenções com o tecido urbano é um fator muito relevante para integrar com a imagem existente do local, tendo sido feito um estudo das **cérceas** do envolventes, acompanhando as dimensões dos edifícios adjacentes, criando assim uma malha urbana com coerência.



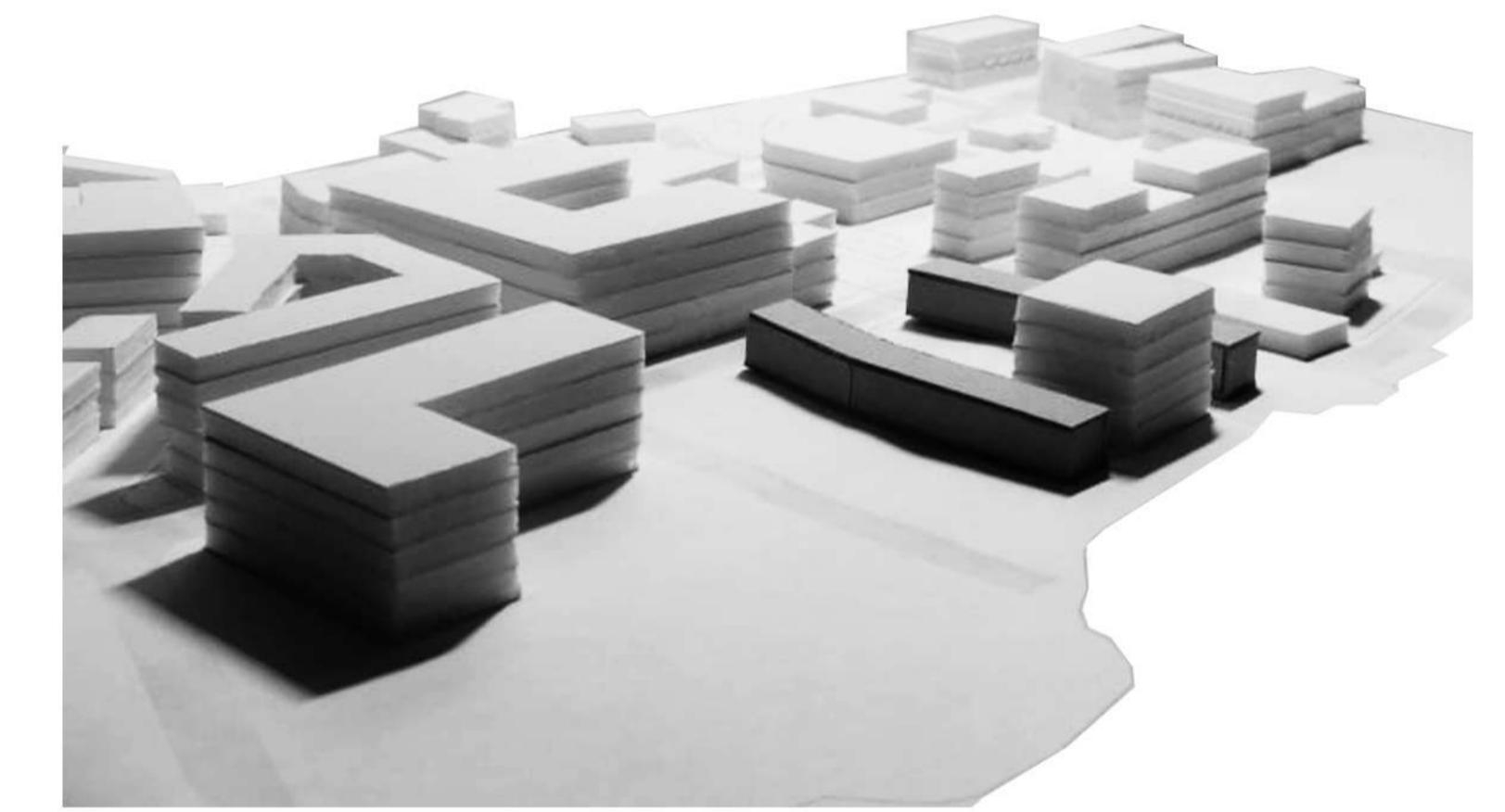
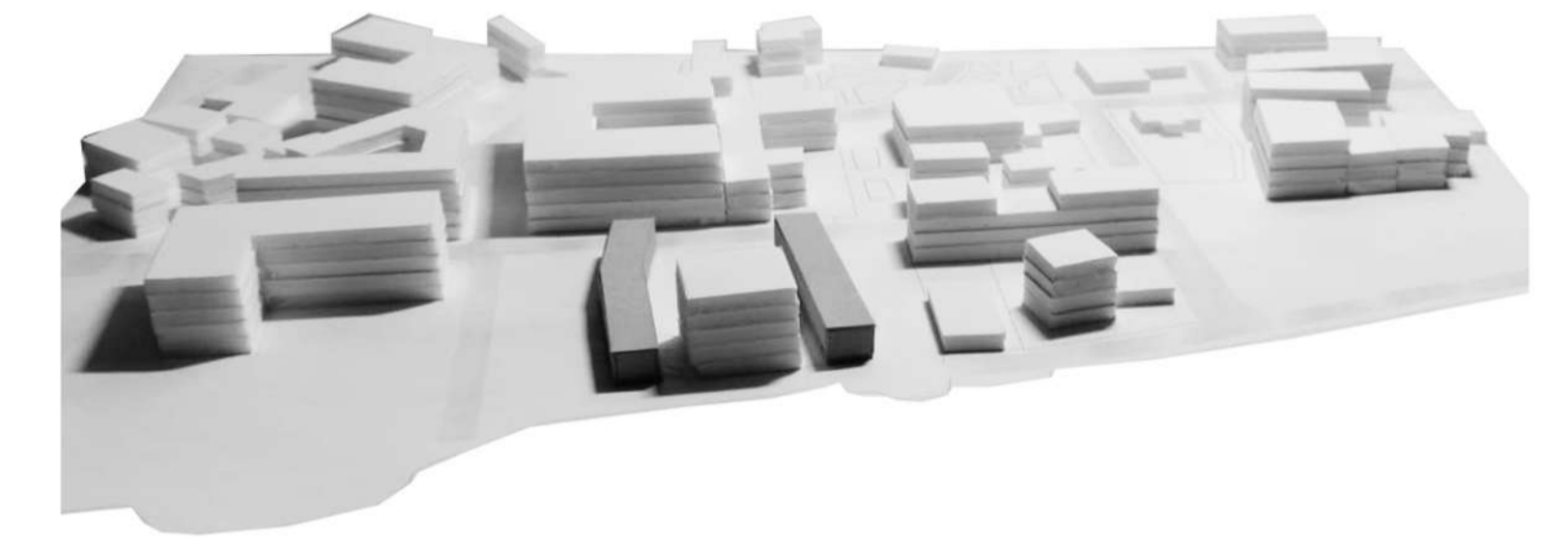
As duas novas intervenções, caracterizadas pela sua horizontalidade, são pensadas de forma a representar os “**edifícios abarracados**” de Apúlia, caracterizando os barracos construídos em madeira, de forma estreita e alongada, representando um conjunto de vários barracos alinhados num só.



Planta de Cobertura
1:200

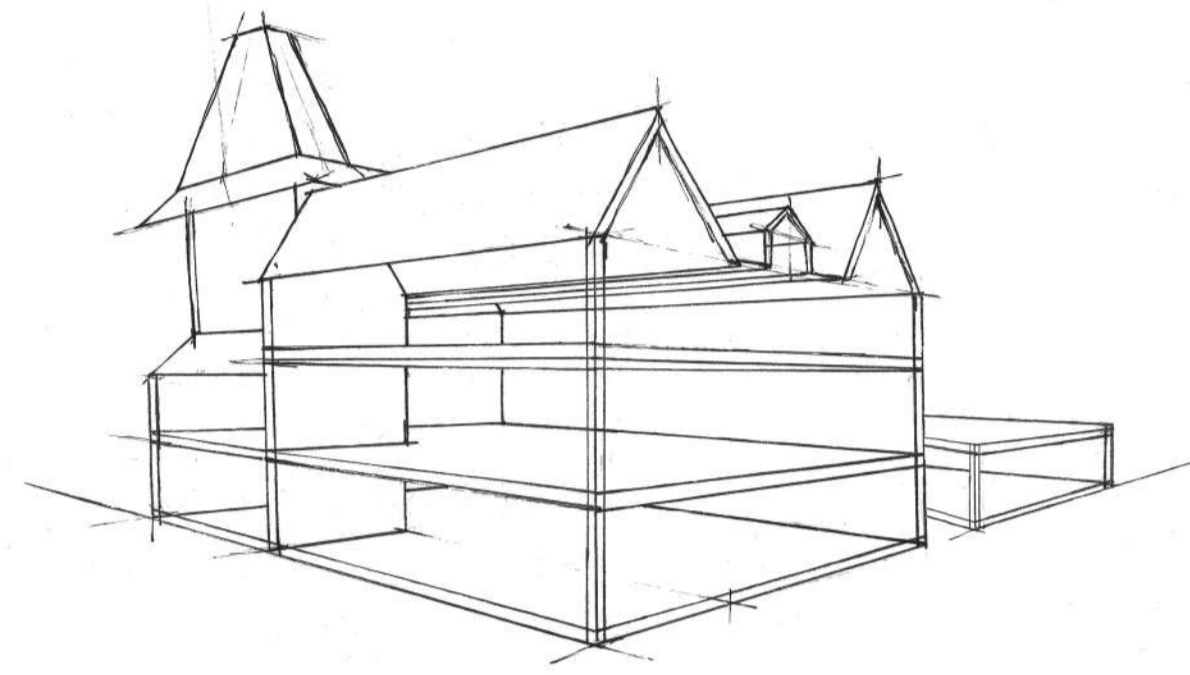


Alçado-Norte
1:200

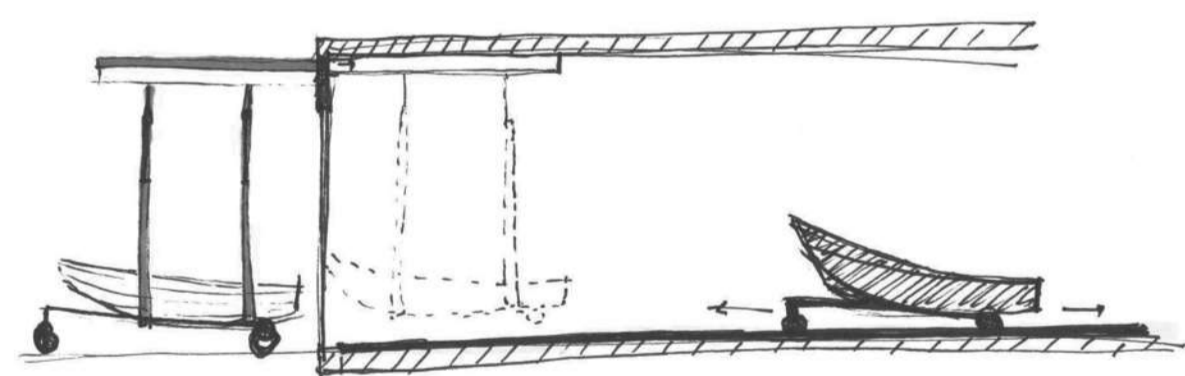


PROGRAMA

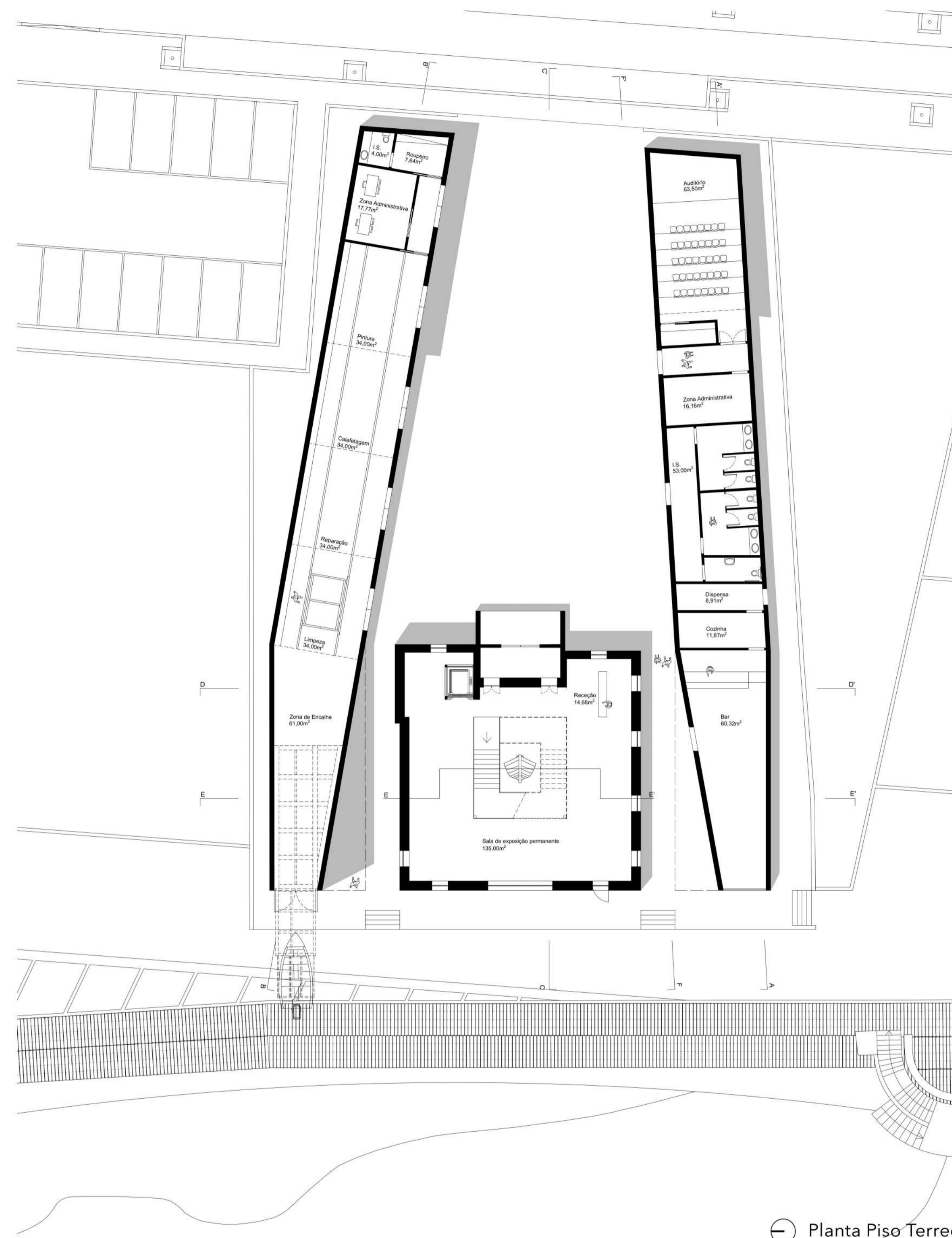
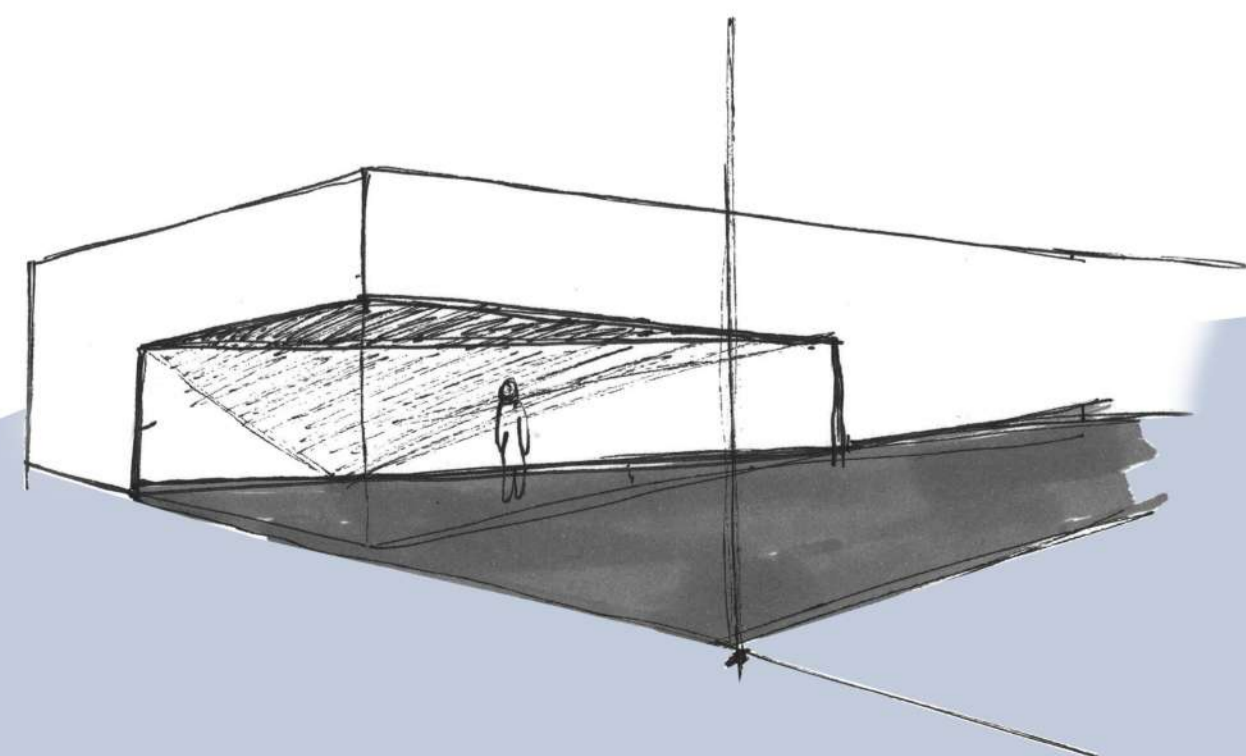
É proposto um programa de um estaleiro de reparações e manutenção de embarcações de pesca da Apúlia e um museu de exposições permanentes e temporárias, integrando também um espaço interpretativo de forma a dar a conhecer a memória histórica, cultural e social da Vila, sendo que o edifício Pérola do Atlântico está destinado ao programa de museu expositivo e interpretativo.



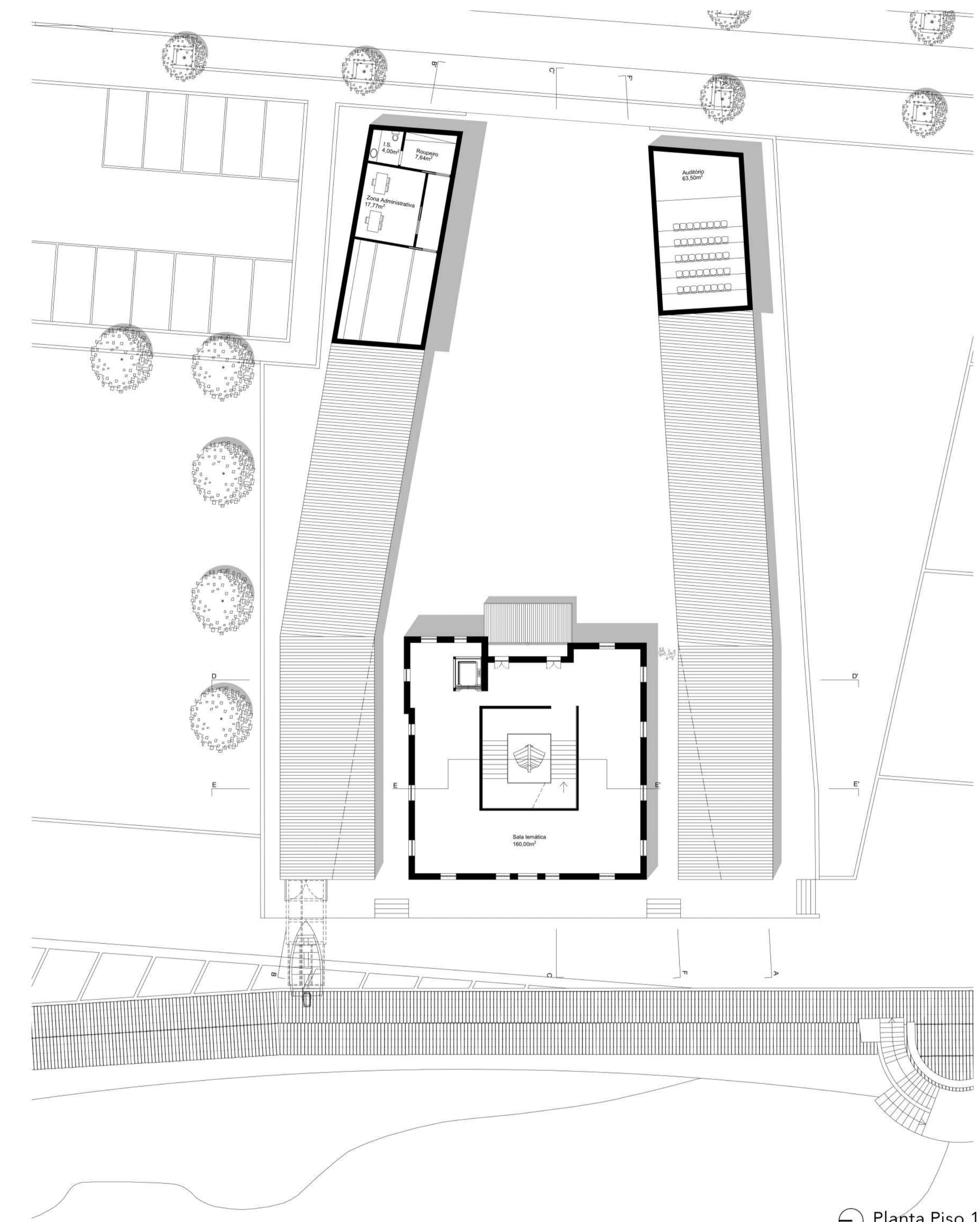
O programa do estaleiro de reparação e manutenção de embarcações de pesca, está incorporado inteiramente numa das intervenções, que se divide em duas partes, uma parte destinada à oficina e uma parte destinada à zona privada dos funcionários. A oficina, por sua vez, é subdividida em cinco zonas, conforme o processo de a reparação e manutenção.



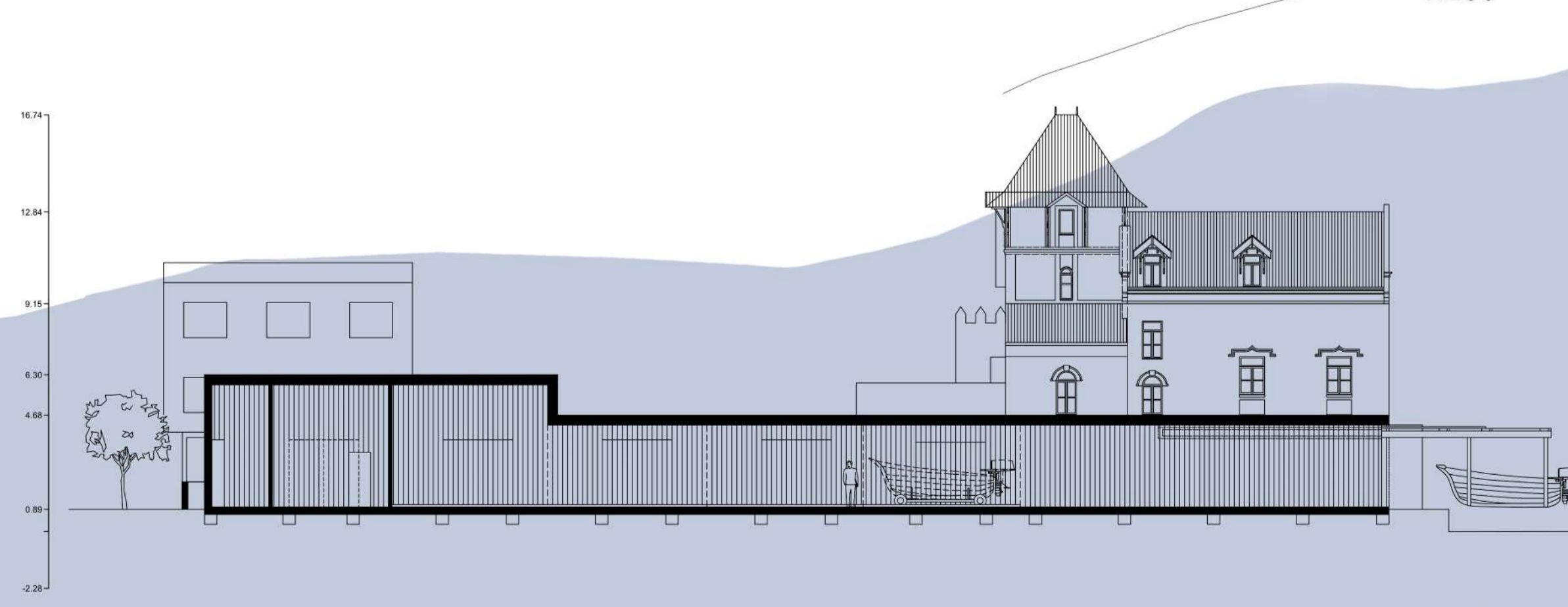
A segunda intervenção é distinguida pelo seu carácter social, que pretende servir toda a comunidade, servindo também de apoio ao museu interpretativo e ao estaleiro de embarcações.



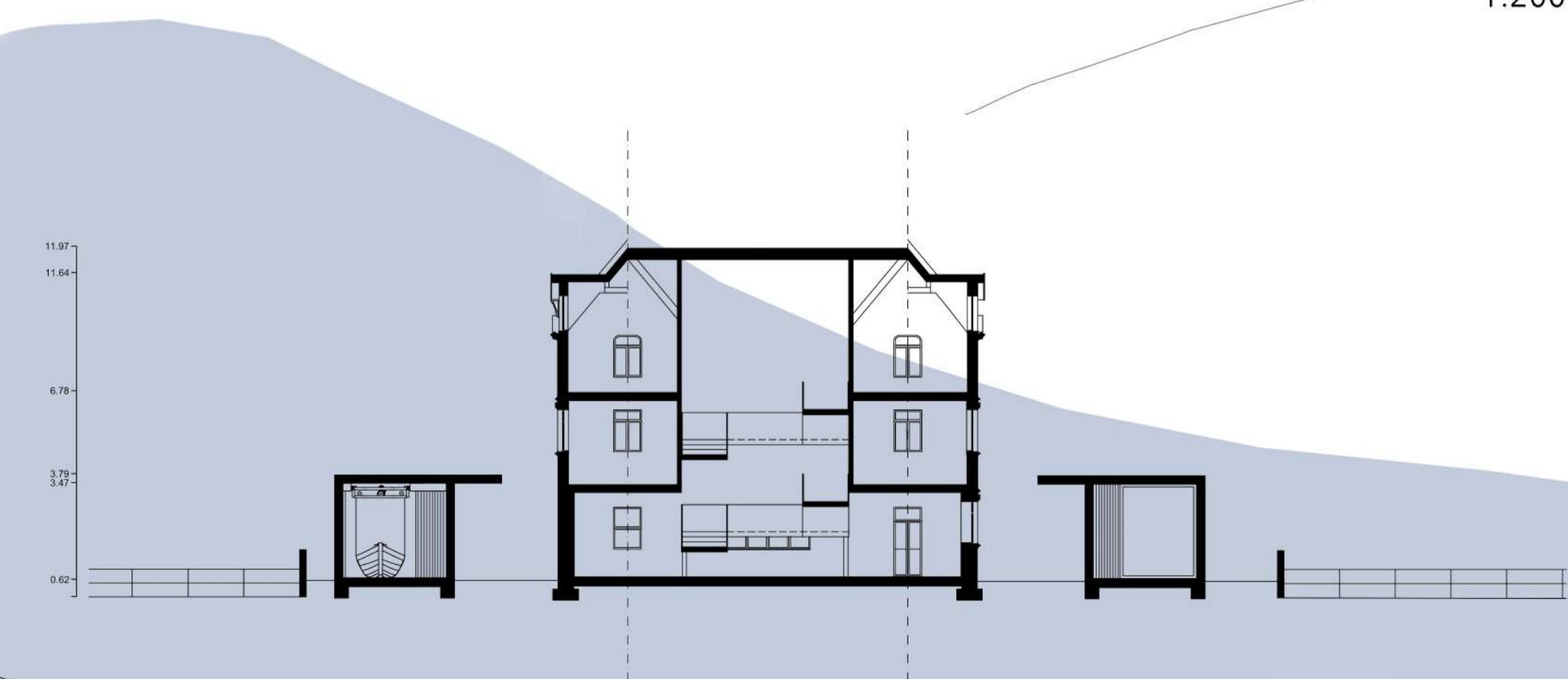
Planta Piso Terreo 1:200



Planta Piso 1 1:200



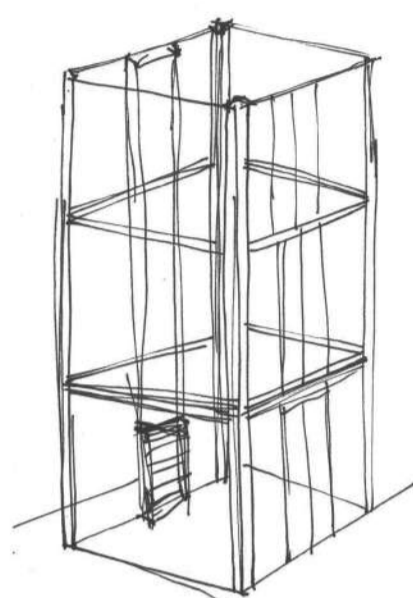
Corte BB' 1:200



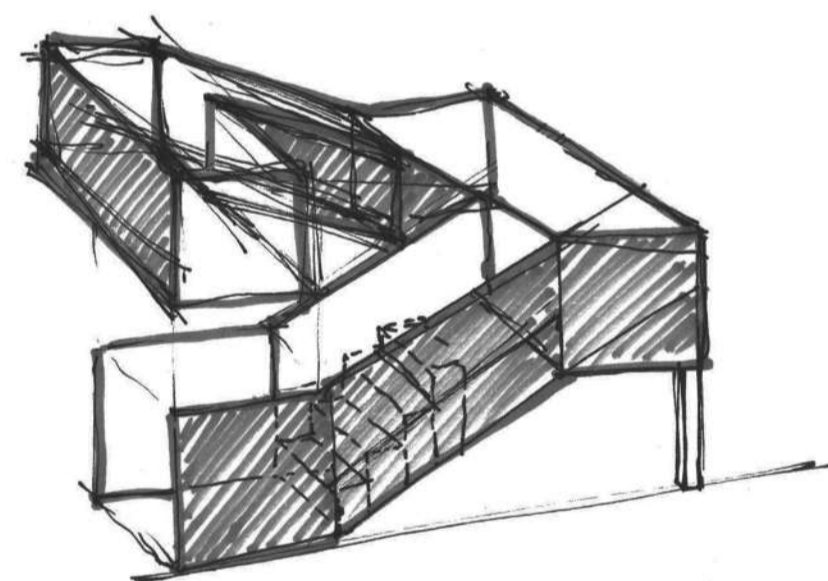
Corte EE' 1:200

PROGRAMA

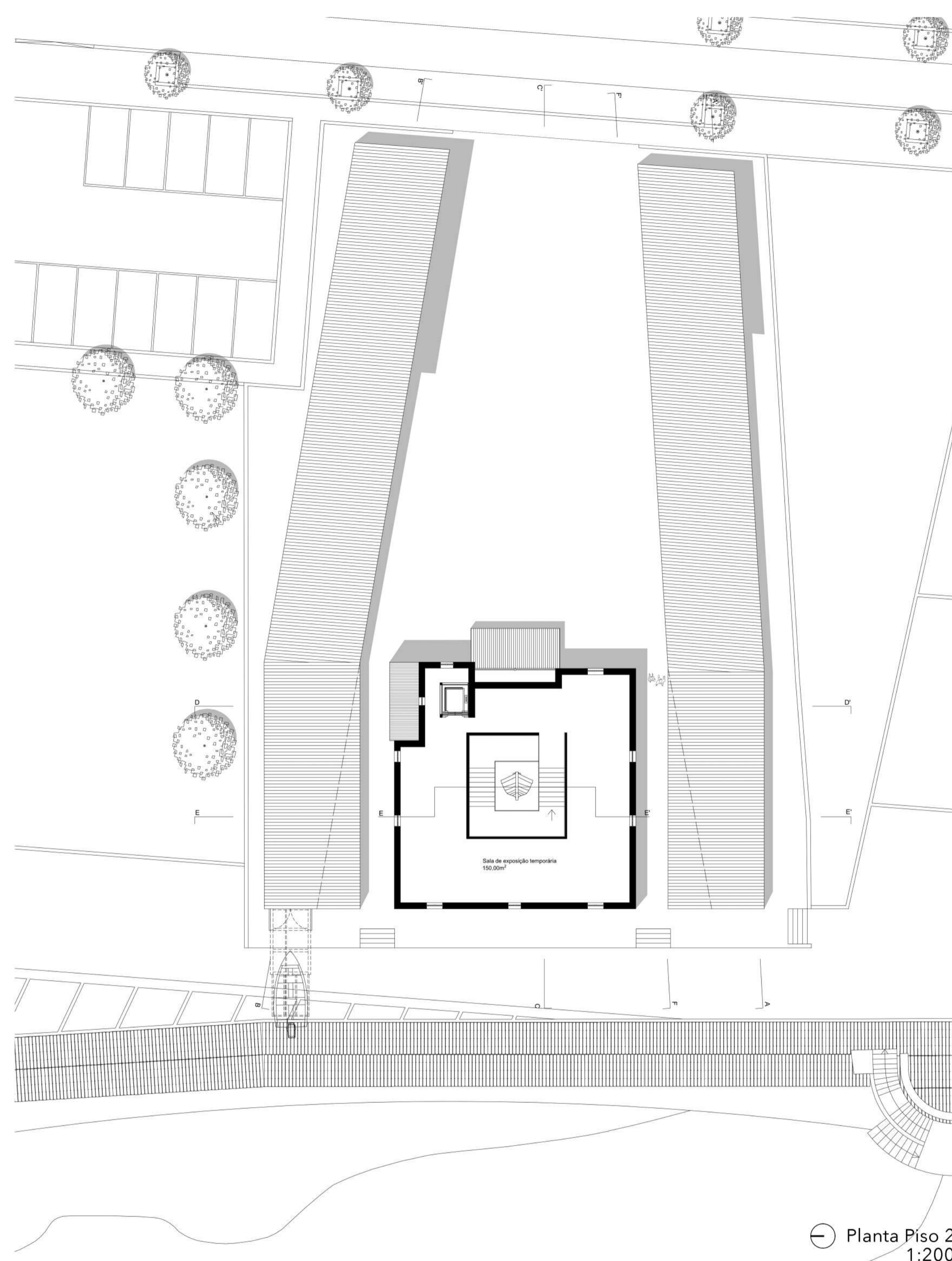
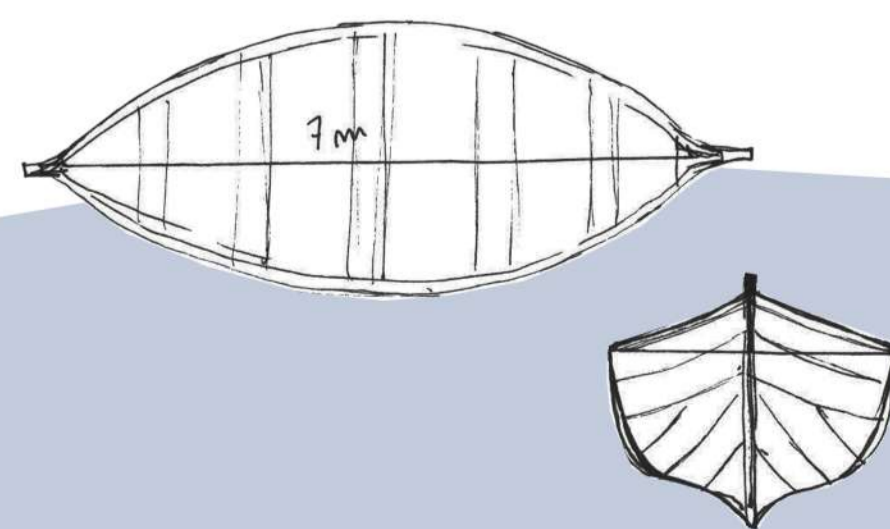
O terceiro piso do edifício é representado por um torreão, dedicado a um espaço de contemplação de paisagem, com vista sobre a marginal e sobre o tecido urbano. Devido à área reduzida do torreão, o seu acesso é feito através de um elevador em vidro, garantindo, assim, o acesso a pessoas com mobilidade reduzida a todos os espaços do museu.



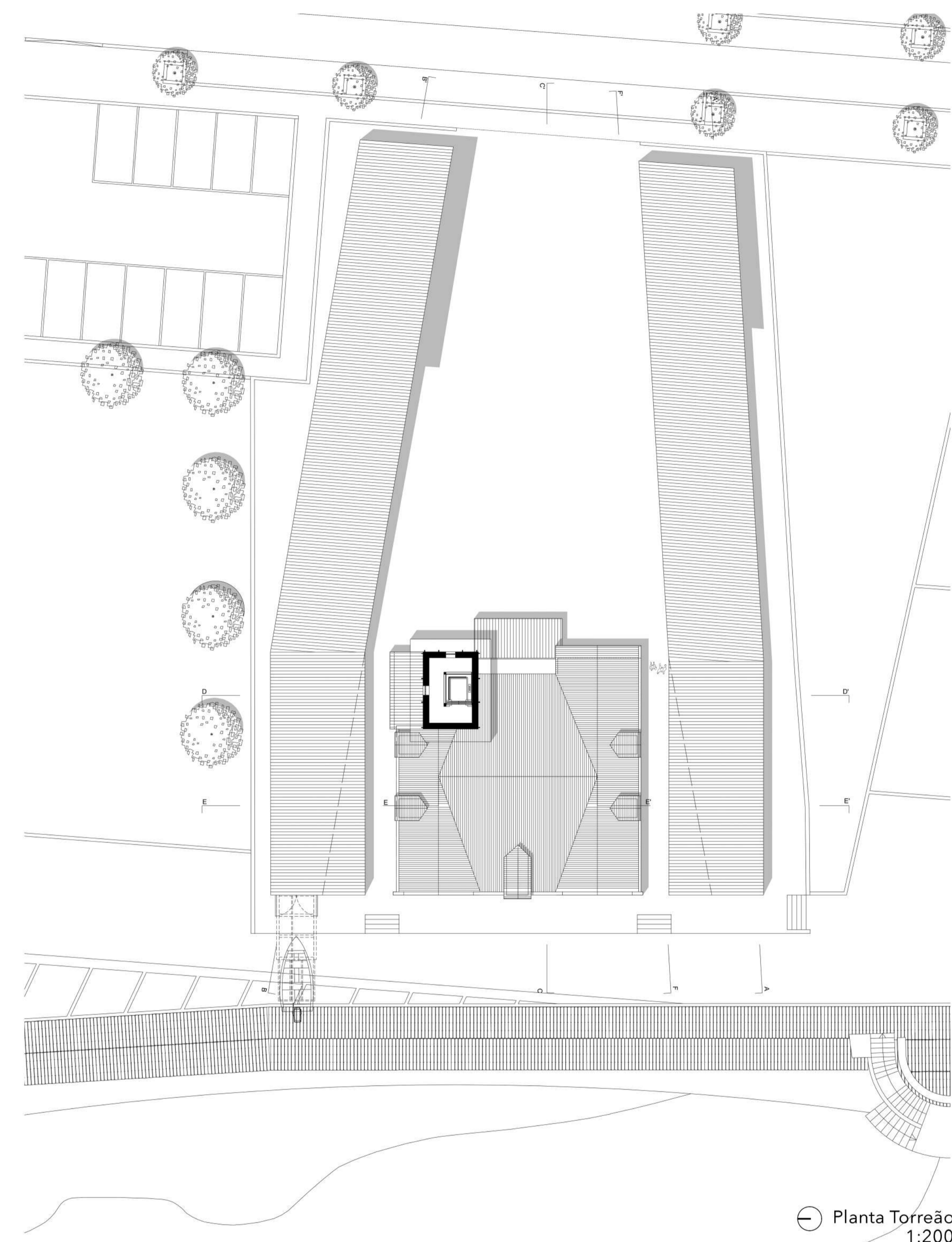
O principal acesso vertical do edifício é através de um núcleo central, composto por um elemento plástico e de aventura espacial, definido por uma mistura de patamares e degraus, a forma do acesso vertical é estrategicamente quadrangular para intensificar os alinhamentos e a forma do edifício.



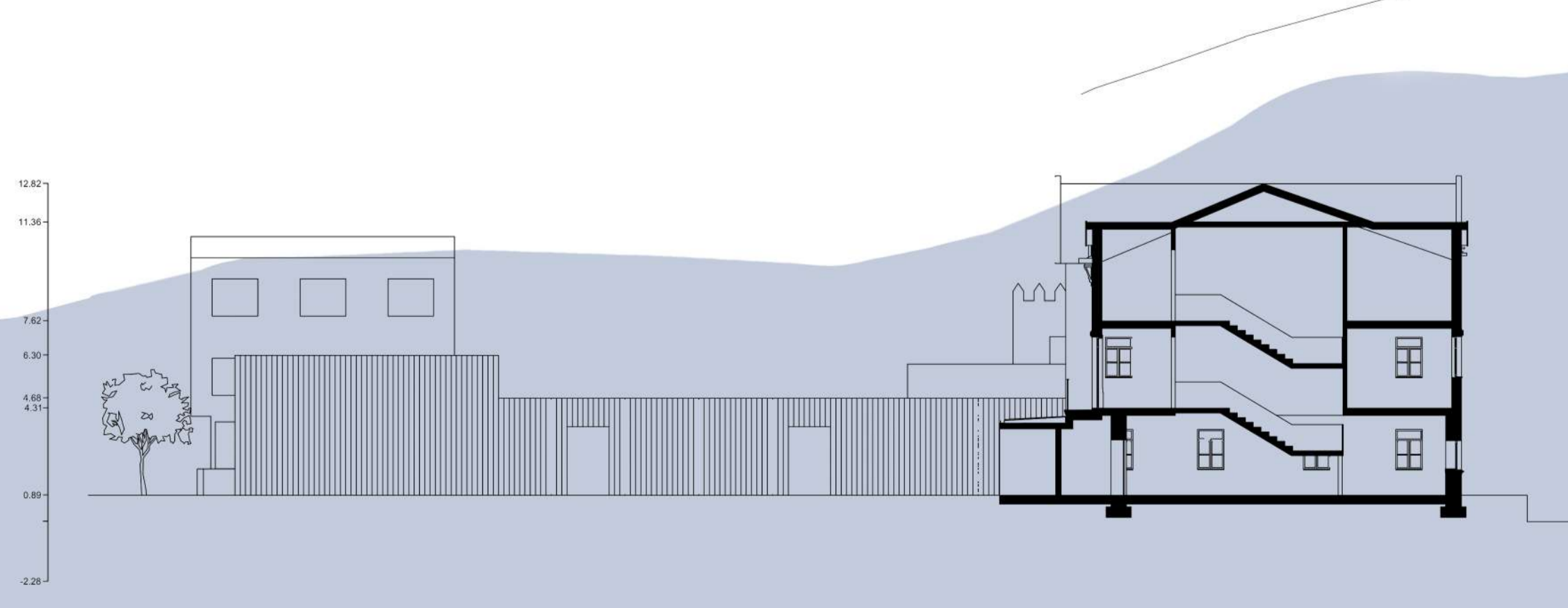
Como peça central do museu, posicionado no centro do acesso vertical, é proposto fixar o barco "O Adamastor", que representa um grande símbolo histórico da Vila de Apúlia, assim, este núcleo central funciona em torno do barco, reforçando a ideia de uma transição fluída e sequencial, pretendendo que todos os espaços se comuniquem fisicamente e visualmente.



Planta Piso 2
1:200



Planta Torreão
1:200



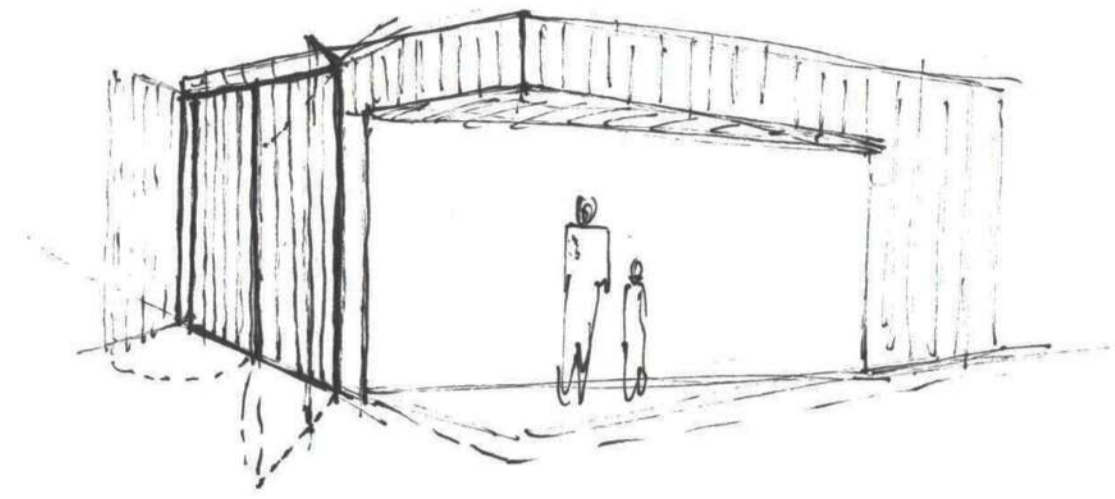
Corte CC'
1:200



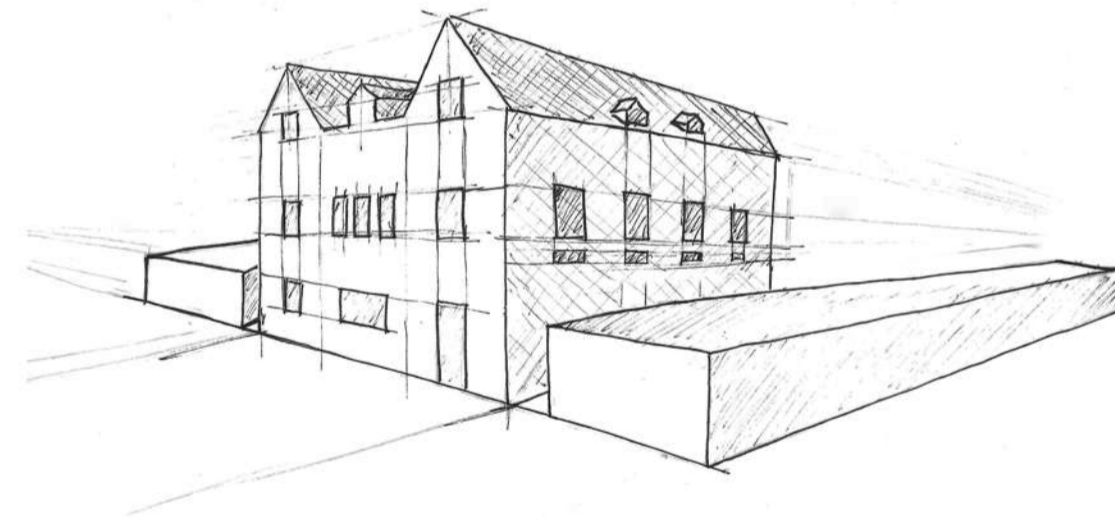
Corte DD'
1:200

PROGRAMA

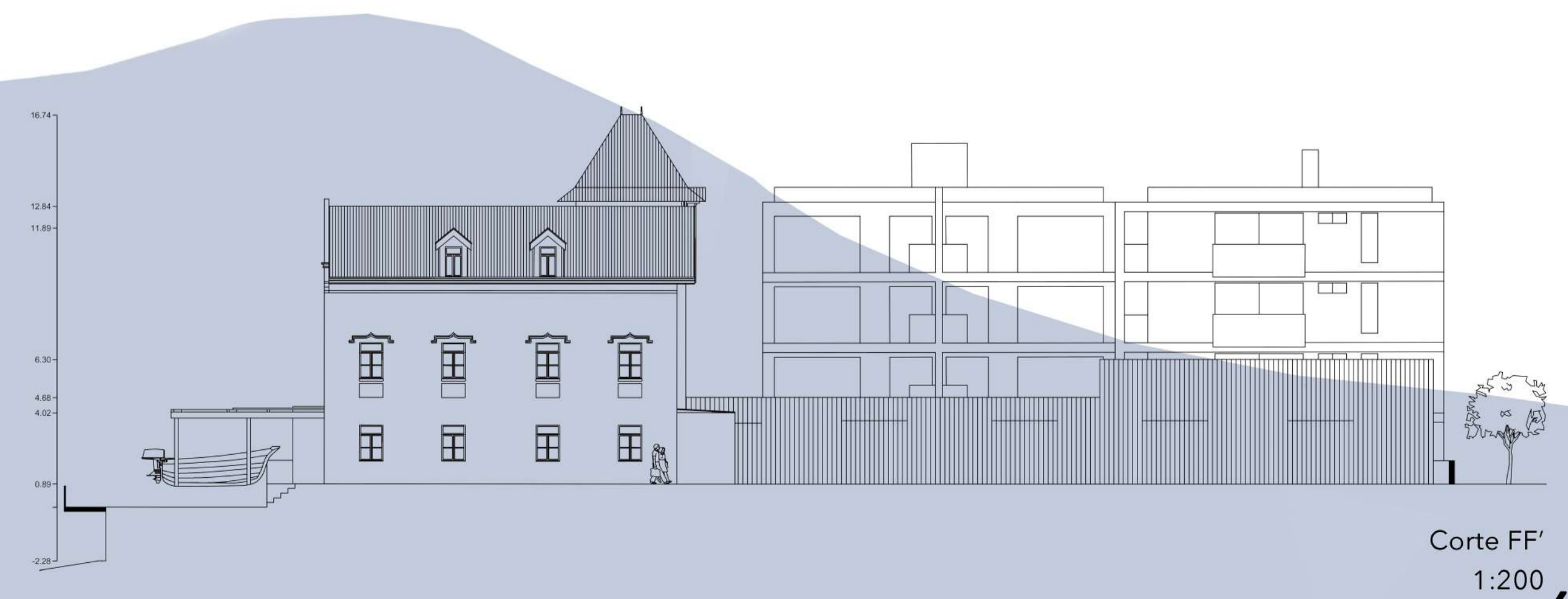
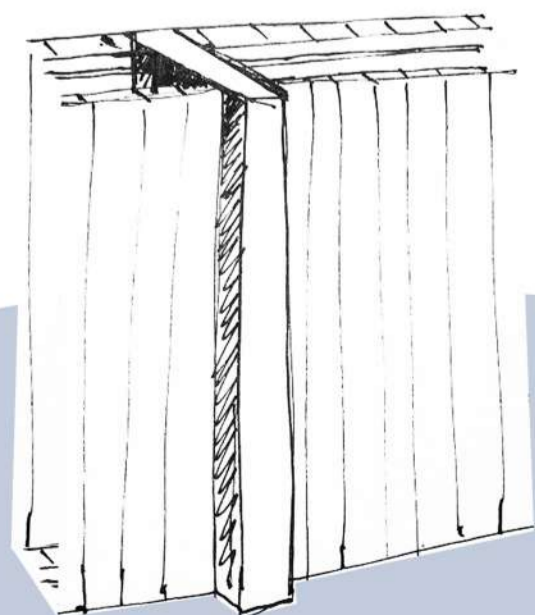
A proposta construtiva para os dois corpos longitudinais, é uma referência aos "edifícios abarracados" da Vila de Apúlia. Adotou-se, assim, uma estratégia construtiva em madeira, desde a estrutura até ao revestimento, com a exceção da zona de encalhe, na intervenção destinada ao estaleiro, onde se dá a entrada e saída das embarcações através de um guindaste em estrutura metálica



O projeto de reabilitação ao edifício, consiste na manutenção das fachadas, de forma a manter a sua imagem original e reforçando estas paredes estruturais; consiste na substituição das coberturas, mantendo o seu método construtivo; e consiste na limpeza e remoção dos elementos no interior do edifício, devido ao nível de degradação.

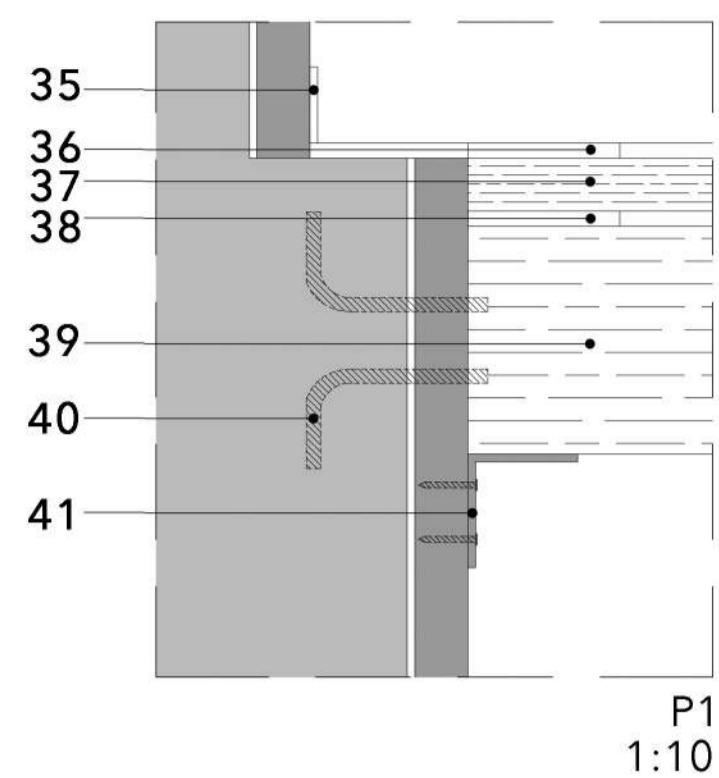


É pretendido que toda a estrutura fique visível, como referência às embarcações de pesca e aos barracos de madeira, de forma a recuperar a memória e as tradições da Vila de Apúlia.

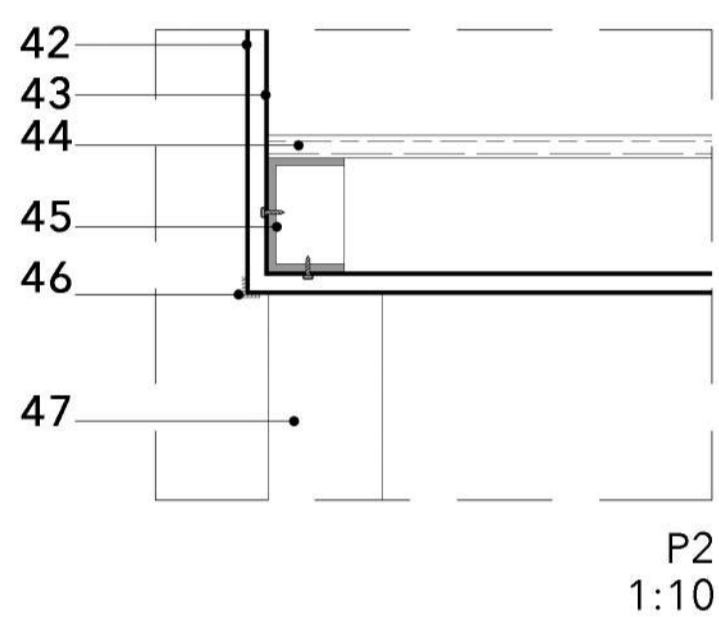


PORMENOR CONSTRUTIVO

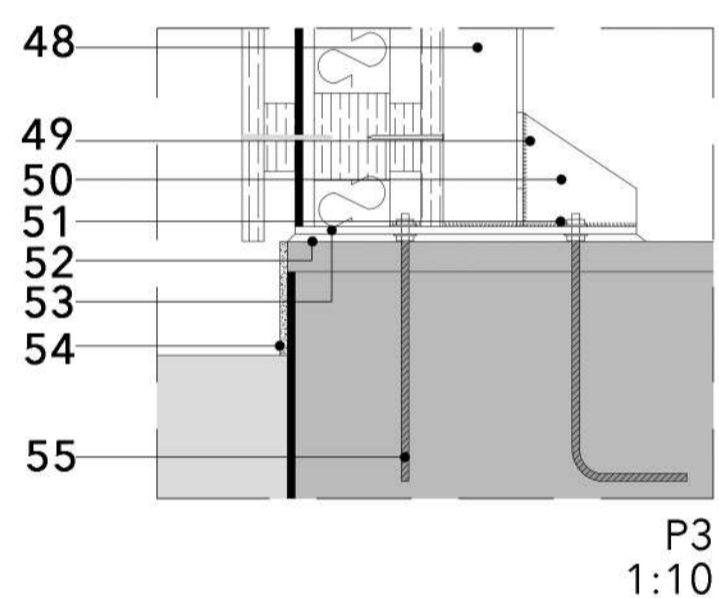
- 1 - Viga de suporte de cumeeira
- 2 - Vara
- 3 - Isolamento térmico
- 4 - Contra-ripado
- 5 - Ripado
- 6 - Telha Lusa
- 7 - Tábua de cumeeira
- 8 - Telhão de cumeeira
- 9 - Estrutura de cabeçalho duplo
- 10 - Pau de Fileira
- 11 - Tábua de cumeeira
- 12 - Pedra



- 13 - Rede eletrosoldada
- 14 - Betão projetado
- 15 - Perfil em alumínio
- 16 - Envidraçado
- 17 - Perfil de madeira
- 18 - Cantaria em pedra aparelhada
- 19 - Betão armado
- 20 - Isolamento Térmico
- 21 - Tela dupla de polietileno
- 22 - Betonilha de cimento
- 23 - Caleiro de perfil "C"
- 24 - Suporte de madeira



- 25 - Revestimento exterior em pranchas de madeira de pinho
- 26 - Tela de impermeabilização
- 27 - OBS
- 28 - Isolamento térmico
- 29 - Suporte de madeira
- 30 - Revestimento interior em pranchas de madeira de pinho
- 31 - Gravelha
- 32 - Solo composto
- 33 - Betão armado



- 34 - Membrana impermeabilizante
- 35 - Rodapé em madeira
- 36 - Soalho de piso em madeira
- 37 - Vigas de piso em madeira
- 38 - Soalho de teto em madeira
- 39 - Viga em madeira
- 40 - Varões metálicos
- 41 - Cintagem interna em cantoneira metálica
- 42 - Guarda e revestimento em chapa metálica
- 43 - Chapa metálica
- 44 - Degrau em madeira
- 45 - Viga metálica em "U"
- 46 - Soldadura
- 47 - Perfil metálico
- 48 - Perfil metálico em "I"
- 49 - Soldadura
- 50 - Rigidificador
- 51 - Porca e contra-porca
- 52 - Argamassa de nivelamento
- 53 - Placa de apoio
- 54 - Reboco de soco
- 55 - Perno de ancoragem

